

## INTRODUÇÃO

A compreensão da pessoa na interacção permanente com as suas circunstâncias levou-nos desde o início a percorrer os sinuosos caminhos das inter-relações, das trocas, do significado dos espelhos em que o *outro* diz, do lado de fora, o que lhe parece ver dentro de *nós*. Como Ortega y Gasset, para a exploração das circunstâncias que envolvem a pessoa, encontrámos uma tendência regular e quase generalizada na escolha do objecto de estudo: o acasalamento e ou o casamento, isto é, o processo de tornar-se casal.

Porque casamos? Porque continuamos a casar? Porque procuramos escolher um novo elemento para a nossa família, para o nosso clã que não é, necessariamente, semelhante a este? Teremos mudado de valores? Qual o significado profundo das relações? Serão elas mais rápidas e mais intensas ou perduram no tempo e no espaço, transformando-se?

As relações entre os seres humanos são de uma continuada mudança ao longo dos tempos, a que não escapam, de forma específica as relações familiares. Face a tantas mudanças, as conjugalidades, isto é, as relações de escolha familiar têm vindo a evoluir nos últimos tempos, tendendo para uma co-construção com base em valores no âmbito dos afectos e no âmbito do cuidar. No entanto, quando falamos de família e procuramos compreender aquela que foi sendo considerada a unidade da estrutura social, nem sempre dedicamos um olhar ao casal enquanto díade iniciática. Gostaríamos, neste estudo, de encontrar estudos empíricos e de colaborar com mais detalhes que ajudem a dar sentido e a melhor compreender o funcionamento do casal no interior da família actual.

O estudo do bem estar, ligado ao casamento e ao relacionamento amoroso, parece-nos ser da maior relevância num momento da história em que coabitam muitas e diversas formas de se *ser casal*, que podem ir desde a mais tradicional até à de uma era pós-moderna, onde as

relações são ligações de companheirismo<sup>1</sup>. A multiplicidade de estados emocionais também é um produto da abertura do ser humano completo à aceitação dos movimentos interactivos com os outros, numa procura crescentemente mais individual e relacional. As normas e regras que mantiveram as sociedades humanas num determinado percurso, ultrapassaram os limites morais que se opunham ao florescimento do *ser emocional*. Hoje o casamento, nas sociedades ocidentais, não é mais ditado, na maioria dos casos, pela comunidade circundante, o que leva a pessoa a experimentar, a desafiar-se, a desejar ir mais longe. Nessa procura, o conceito de casamento para a vida, que durante algum tempo prevaleceu, perdeu-se: as pessoas atrevem-se a abandonar os seus projectos de relação, quando sentem que não resultam, e a refazer e a voltar a refazer as suas vidas após uma separação ou divórcio. Se por um lado afinam a escolha, apuram os sentidos e ganham com os dados da experiência, por outro, a perda que se vive numa separação ou divórcio pode ser de tal forma avassaladora que torna o caminho a seguir mais pesado e difícil. No final de tudo isto, quem é que avalia a sua vida de forma mais satisfatória? Quem se sente mais feliz? Quais os critérios que estão envolvidos nessa avaliação? Este foi o ponto de partida deste estudo, resultante do encontro com muitos casais, com quem nos vamos relacionando e aprendendo ao longo da nossa vida e do nosso percurso profissional: casais que connosco partilham bem e mal estar, casais que fugiram das famílias de origem e sentem o canto da sereia dessas famílias, sem conseguirem navegar para outras águas, casais que se recompõem com filhos de outros pais, que partilham (in)seguranças, (des)lealdades, amores profundos que não conseguem funcionar porque outras forças os separam. Sempre perguntamos: serão felizes? (Contribuir para a felicidade: não será esse um dos objectivos da terapia?)

---

<sup>1</sup> Aboim, articulando as propostas de Burgess, Lock e Thomas (1960); A. Michel (1977) e Roussel (1980), apresenta-nos a distinção ideal típica entre “famílias instituição”, caracterizadas por finalidades de sobrevivência e de subordinação social à instituição matrimonial; “famílias aliança”, ainda fortemente institucionalizadas mas já caracterizadas pelo amor romântico como principio de união; “famílias fusão” onde sobressai o amor romântico e há recusa da instituição tradicional entre os cônjuges e “famílias associação ou clube” que simboliza o triunfo do individualismo sobre o *nós* casal (Aboim, 2004).

Ainda não tínhamos perguntado: quem são os mais felizes? Longe de querermos abarcar todos os factores envolvidos na avaliação da vida em comum, porque cada *uma vida* é mesmo única, pretendemos pelo menos explorar algumas pistas que nos ajudem a nós e a eles a ultrapassar os piores tempos e a usufruir mais intensamente dos bons tempos.

O presente trabalho insere-se no âmbito da Psicologia da Família e estudou as relações entre a satisfação com a vida e a satisfação com a conjugalidade, sentidas por um grupo de mulheres (N=168). Neste sentido, comparámos dois grupos que se distinguiam face à situação conjugal – ser vivida pela primeira vez (n=108) ou ser vivida pela segunda vez (n=60) – pensando poder encontrar diferenças em consonância com este dado. Explorámos ainda os graus de intimidade e proximidade sentidos pelos dois grupos de mulheres e a vivência de distintos estados emocionais.

Muitos autores afirmam que o casamento é um dos critérios de bem (ou de mal) estar na vida (Kim & McHenry, 2002) sendo aquele que é mais significativa em relação à satisfação com a vida (Maniacci & Reis, 2010). Numerosos estudos salientam distintos factores intra e interpessoais e contextuais que contribuem para a satisfação conjugal, dos quais salientamos a comunicação (a expressão dos sentimentos de amor e intimidade e a resolução de dificuldades inerentes à vida), a resolução de conflitos, o sexo, as relações com as redes familiar e social, o poder e os significados (Narciso & Ribeiro, 2009). Estes e outros processos são também instrumentais na vida em geral, para além da conjugalidade, e contribuem de forma distinta para a forma como vivemos a vida. A nosso ver, as etapas consideradas por Csikszentmihalyi (2002) na sistematização que fez dos estudos dos psicólogos sobre o desenvolvimento do conceito de quem somos, encontram um paralelo nas etapas do ciclo relacional do casal proposto por DeFrank-Linch (1986, cit. por Relvas, 1996). Estávamos particularmente interessados em averiguar se existiam diferenças na maneira como as pessoas vivenciam o

primeiro e o segundo casamentos/relacionamentos amorosos, focalizando na relação (satisfação conjugal) e na pessoa (satisfação com a vida).

Os objectivos para a nossa investigação situaram-se a diferentes níveis, nomeadamente a nível teórico, metodológico e pragmático:

- nível teórico: pretendeu-se uma revisão crítica da literatura sobre os conhecimentos acumulados, até ao momento, em relação aos seguintes tópicos: a conjugalidade e o relacionamento amoroso, hoje e ao longo da história mais recente, que implica necessariamente o estudo dos reacasalamentos, a intimidade e a proximidade conjugais enquanto pilares que sustentam os relacionamentos amorosos, a satisfação conjugal e a satisfação com a vida enquanto conceitos de medida subjectiva do significado do casamento e da vida; ainda a nível teórico a presente investigação visou contribuir para clarificar a inter-relação entre os aspectos acima referidos, a relação destes com alguns factores demográficos e ainda, especialmente, explorar as bases empíricas de todos esses tópicos em primeiros e segundos casamentos.
- nível metodológico: este estudo teve como objectivo a aplicação de instrumentos de auto-relato no domínio daqueles tópicos e compreensão da sua adequação à amostra participante.
- nível pragmático: gostaríamos que os *apports* pudessem vir a contribuir no sentido da reflexão em torno do bom funcionamento do casal, em especial daqueles que experimentam ser casal pela segunda (ou mais) vez.

Desta forma, o presente estudo poderia contribuir para uma intervenção mais eficaz, com base empírica, no sentido de sensibilizar para o desenvolvimento de competências que permitam apoiar as mudanças do ciclo de vida para mulheres e casais em primeiro casamento, em separação ou reacasalados.

A dissertação está organizada em onze capítulos:

O primeiro capítulo, *Sobre Conjugalidades*, inicia a reflexão sobre as razões porque casamos, hoje e desde sempre e as mudanças que se operaram nos relacionamentos de casal. Discute-se o que é um casal e os valores por trás dessa unidade segundo as investigações e os dados estatísticos da realidade conjugal em Portugal e nas sociedades ocidentais.

O segundo capítulo, *Sobre Reconjugalidades*, faz uma reflexão sobre as separações ou divórcios, e os reacasalamentos e procura encontrar aspectos diferenciais e de desafio destes em relação aos primeiros casamentos.

O terceiro capítulo, *Sobre Satisfação Conjugal*, inicia a reflexão sobre o conceito em si e o seu significado para o casal de hoje. Depois são explorados os factores que contribuem para a satisfação conjugal e aqueles que a prejudicam.

O quarto capítulo, *Sobre Intimidade e Proximidade*, explora os conceitos separadamente. Discute-se a intimidade enquanto dimensão fundamental do amor, pilar da relação conjugal / amorosa. Relaciona o conceito com outros fortalecendo a ligação com a vinculação inicial. Discute-se a proximidade no contínuo de fusão-autonomia da relação de casal. Por fim, relacionam-se os dois conceitos.

O quinto capítulo, *Sobre Emoções*, introduz o debate sobre a importância das emoções na pessoa, nas suas relações, na vida. Em seguida faz-se a inter-relação entre os afectos positivos e negativos nos relacionamentos amorosos e no sentido da vida.

O sexto capítulo, *Sobre Satisfação com a Vida*, inicia a reflexão com a emergência do paradigma que sustenta o conceito. Discute-se a pertinência de cruzar a psicologia positiva com a ciência das relações. Depois relevam-se os processos apetitivos (factores positivos) que atraem e mantêm os casais e levam cada um dos envolvidos a um grau óptimo de satisfação com a vida. Por fim explora-se a associação entre casamento e bem-estar.

O sétimo capítulo, *Relações entre Variáveis em Estudo*, articula de modo necessariamente sintético as variáveis em estudo e a investigação teórica subjacente que nos

abriram pistas para o presente trabalho. Recapitulam-se os ingredientes para uma relação feliz e os caminhos para lá chegar.

O oitavo capítulo, *Caracterização do Estudo Empírico*, refere o objecto de estudo, os objectivos geral e específicos e a metodologia da investigação. Caracteriza-se a amostra ao nível sócio demográfico e os instrumentos utilizados na presente investigação.

O nono capítulo, *Resultados*, apresenta-se e analisa-se os resultados em relação: a) ao comportamento das variáveis para o total da amostra; b) às correlações entre as distintas variáveis; c) às associações entre as variáveis dependentes e as variáveis sócio-biográficas; d) à comparação entre os dois subgrupos da amostra do presente estudo.

O décimo capítulo, *Discussão dos Resultados*, pretende-se uma integração dos resultados com a necessária reflexão e discussão.

O décimo primeiro e último capítulo, *Considerações Finais*, pretende-se apresentar: a) as limitações que foram sendo encontradas no decorrer da investigação; b) as perspectivas futuras da investigação e c) as implicações para a prática clínica e prevenção.

## SOBRE CONJUGALIDADES

---

*Não posso adiar para outro século a minha vida  
Nem o meu amor  
Nem o meu grito de libertação  
Não posso adiar o coração*  
**António Ramos Rosa**

*...onde a personalidade de um se entretetece na personalidade do outro.*  
**Isabel Narciso**

Porque casamos? Porque temos filhos? A estas questões as pessoas têm tendência a encolher os ombros e a responder “porque sim”, “porque é assim”; e diríamos nós “porque é óbvio e natural”. “Por acaso”, é o que diz Gameiro, “mas o acaso dá para viver toda a vida acasalado” (2004, p.16).

Féres-Carneiro (1998), reportando-se a diversos estudos, lembra que, desde Durkheim, a Sociologia da Família nos leva a ver o casamento como uma protecção do indivíduo contra a anomia, ajudando-o a integrar uma certa ordem para que possa experimentar a vida com um certo sentido e simultaneamente ser validado pela sociedade. Dentro do estudo da organização social não tem sido fácil compreender como foram as primeiras etapas da humanidade, digamos, de há 60 000 anos a esta parte. Mas quando consideramos a ampla diversidade das sociedades humanas que foram observadas desde Heródoto até aos nossos dias podemos pelo menos afirmar que a família conjugal e monogâmica é muito frequente (Strauss, Gough & Spiro, 1958). Segundo um estudo de Fisher de 1992 citado por Narciso e Ribeiro (2009), a poliandria é muito rara e a poliginia existente traduz-se em que, somente 5% a 10% dos homens, nas culturas que a permitem, têm mais do que uma mulher. A monogamia prevalece não estando inscrita na natureza humana e uma das mais fortes razões dessa prevalência é o facto de não existir mais do que uma mulher disponível para cada homem (Strauss, Gough & Spiro, 1958) ainda que, vamos encontrando hoje, nas diferentes culturas, várias formas de

contornar esta anti-natura. Todavia é ainda mais notável o sentimento de repulsa que muitas sociedades foram demonstrando em relação ao celibato onde, nas sociedades mais primitivas, “um solteiro é, na realidade, apenas meio ser humano”(idem, p.18). É certo que a maioria das pessoas continua a querer casar e mais de 90% da população mundial casa pelo menos uma vez na vida. E apesar de o casamento beneficiar mais os homens que as mulheres, todos parecem ser mais felizes, segundo a investigação aponta, sendo que o amor e o casamento aparecem à frente do sucesso profissional, da religião ou bens materiais e financeiros, como o factor de maior peso (Allen & Baber, 1992; Narciso & Ribeiro, 2009). Assim, meninos e meninas vão sendo preparados, desde que nascem, para aquilo que a sociedade mantém como sendo o caminho certo: crescer, casar e ter filhos, para que outros tenham netos e o ser humano vá seguindo o seu destino e função. Em paralelo com esta espécie de missão e de responsabilidade colectiva, cada indivíduo tem necessidades de vinculação que vêm com a sua própria história relacional e que são inerentes ao seu modelo de funcionamento interno<sup>2</sup>.

Um casal é muito mais do que a soma dos dois indivíduos, diria a Teoria Geral dos Sistemas e, acrescenta-lhe Philippe Caillé (1994) numa nova matemática, onde um mais um são três. Sendo este resultado final aquilo que se denomina de “absoluto do casal”, é ele que define a existência conjugal e que determina os seus limites. Este terceiro que emerge, o constructo da identidade do casal, é a conjugalidade de que é preciso tomar conta, alimentar, preservar para além de qualquer outra modificação. No entanto, há que ter em conta que a família é um sistema vivo e que transcende o destino individual. Ela não só sobrevive como deve responder continuamente e renovar-se a cada desafio de improvisação, respondendo à dupla necessidade de pertença e de individuação. Não é possível pensar o indivíduo sem o seu contexto familiar sendo igualmente impensável pensar o casal ou os futuros pais sem a

---

<sup>2</sup> Bowlby propõe o termo “*internal working model*” para indicar as estruturas existentes na mente que representam o *self*, o outro, relações e modelos do mundo. Outros autores dentro desta mesma linha tentam explicar como as experiências passadas no campo relacional e de acolhimento do mundo vêm posteriormente orientar percepções, estabelecer objectivos e acções subsequentes (Narciso & Ribeiro, 2009).

compreensão dos novos papéis e movimentos no “tabuleiro de xadrez familiar” (Caillé & Rey, 2003) onde se jogam poderes, objectivos, expectativas e representações de forma muito intensa num processo de inter-influências mútuas. “É da relação conjugal – resultante de um querer livre de marido e mulher – que partem todas as outras – paternidade, maternidade, filiação, fraternidade, parentesco” (Narciso & Ribeiro, 2009, p.50). Este querer livre é muito recente na história da humanidade, tanto quanto nos é dado saber, e mais ainda quando baseado no amor, como o é na maior parte dos casos do mundo ocidental. Até há muito pouco tempo os casamentos eram realizados (e ainda o são) com base em objectivos patrimoniais, económicos e políticos. Talvez por essa procura de felicidade e de bem-estar se sustentar num casamento amoroso, o número de casamentos não só diminuiu – em Portugal, em 1999, o número de casamentos foi de 68 mil e, em 2008, apenas de 43 mil – como aumentou o número de divórcios – em 2008, aponta-se para 60 divórcios em cada 100 casamentos, enquanto que, em 1960, essa razão era de 1 para 100 (Rosa & Chitas, 2010). É claro que as informações que melhor nos chegam dizem respeito aos casamentos legitimados ou formalizados, deixando de fora uma realidade que regista um aumento significativo: as uniões de facto. Com efeito e de acordo com os últimos recenseamentos, entre 1991 e 2001, passou-se de 194 mil para 381 mil coabitações.

Destes números podemos reequacionar o casamento enquanto acontecimento regulador da constituição de uma nova família, sendo que os portugueses, que acompanham a evolução da Europa, casam-se menos, fazem-no sobretudo de modo não religioso e em idades mais avançadas do que nos anos 60, além de que aumenta o número de divórcios e de casais que prescindem do casamento como forma de contratualizar a sua vida em comum, e, em paralelo, aumenta o número de crianças nascidas fora do casamento (idem). Ao mesmo tempo aumenta o número de famílias monoparentais e de recasamentos e reacasalamentos. Perante este cenário questionamo-nos sobre o que procuram as pessoas com estas mudanças tão

significativas, se é que procuram algo. Para uns, estas mudanças nos modelos familiares assentam noutras – económicas, sociais, culturais e demográficas (Williams, 2010) – enquanto que para outros, apoiados pelo impacto dos *media*, fazem surgir a resposta assustada da crise de valores<sup>3</sup>, a crise na Família: a ameaça à família tradicional. Segundo Allen e Baber, ao contrário das preocupações gerais, não é a família que está ameaçada, “é sem dúvida *e finalmente*, o casamento tradicional”<sup>4</sup>(1992, p.380).

Baseados na representação da família nos meados do século XX, tornada paradigma da família ideal, sublinhada pelos *media* e aproveitada em tempos eleitorais pelos políticos, continuamos agarrados à ideia da crise de valores da família e da sociedade. Absolutamente hipnotizados por ideais virtuais, não conseguimos ser críticos desse modelo ideológico e nostalgicamente suspiramos por um tempo que já passou. Luc Ferry apresenta-nos uma leitura em tudo diferente desta, que eleva os valores da actualidade, contrapondo-os aos de outras épocas, ao mesmo tempo que eleva a família de hoje e os valores da modernidade. A Família não está em crise. Os valores não estão em crise, nem há tão pouco uma omissão de valores. A humanidade está a viver uma nova era desprovida daquilo que este autor chama as “entidades sacrificiais clássicas” – Deus, Pátria, Nação, Revolução... e é a “imanência mais radical ao mundo vivido que temos que ser capazes de reatar com novas figuras da transcendência e do sentido” (Ferry, 2009, p.134). Hoje temos mais responsabilidades individuais na construção da humanidade onde “os códigos morais externos determinados pela religião têm agora menor influência nas práticas da conjugalidade e da parentalidade” (Williams, 2010, p.27).

---

<sup>3</sup> *Tese pessimista de imoralização*, onde os valores familiares do dever, fidelidade e responsabilidade são substituídos pelo individualismo egoísta, pela procura não satisfeita da autonomia pessoal e pela instabilidade social generalizada (Williams, 2010)

<sup>4</sup> A visão das feministas é defensora de um Modelo intitulado por Williams e colaboradores de *Tese optimista de democratização* onde se procura um sentido igualitário e mutuamente mais satisfatório nas relações, mantidas pela negociação permanente e por uma comunicação aberta (2010).

Os desafios desta maneira de vivermos sem procurar num transcendente exterior a razão de viver e agir, leva a que cada indivíduo encontre no seu seio mais próximo, na sua família, o endeusamento ou a pátria que necessita, que lhe dá sentido à vida. Esta forma aparentemente individualista de existência, oferece um significado e uma intensidade mais exigentes às inter-relações. Agora sim, casamos por amor, por companheirismo, pela construção de projectos comuns que satisfaçam ambas as partes e onde tudo tende a ser mais claro como em qualquer bom negócio. A função da família conjugal de ontem, essencialmente económica e política, é substituída pelo princípio da união sentimental, como regra obrigatória. Encontramos um objectivo em tudo “muito mais sublime: o de um amor partilhado muito simplesmente, em simultâneo princípio e fim último de uma união que mais ninguém poderá impor-nos visto assentar inteiramente na afinidade electiva e na escolha livremente consentida.” (Ferry, 2009, p.95).

Neste sentido Gameiro (2004, p.11) afirma que “a relação conjugal sem amor passou a ser insuportável, a felicidade pessoal passa cada vez mais pelo sentimento de amar e ser amado”. Também Singly (cit. por Machado, 2001), escrevendo sobre a nova modernidade, fala-nos da família moderna 1 e da família moderna 2, sendo a primeira caracterizada pelo foco na construção de uma lógica de grupo centrada no amor e na afeição, que vai do início do séc. XX até aos anos 60 e a segunda caracterizada pelo maior peso que é dado ao individualismo e em que a família se torna o espaço privado ao serviço dos indivíduos. Ao mesmo tempo também constatamos que se o sexo e o casamento se desligaram na década de 60, o casamento e a parentalidade seguiram-lhes os mesmos passos nos anos 80.

Nunca o casal foi tão honesto do ponto de vista dos sentimentos e da dedicação. A história da família prova-nos que o momento actual é um momento de luz e não de crise, porque independentemente das relações formais de esposos as pessoas procuram o respeito e a continuidade das relações de cuidar. Gostamos de pensar, sustentados por algumas leituras,

que o séc. XX é o século do Amor: onde ele se aconchega na família – no casal, na parentalidade, na filiação – e no mundo em redor. Esta nobre e nova possibilidade de escolha faz de nós seres mais verdadeiros e “mais livres, mas também mais sós” (Perel, 2008, p. 29). Esta solidão é levada por cada um para dentro da relação amorosa exigindo mais sustento emocional do que nunca. Segundo esta autora, as relações amorosas actuais solicitam de uma mesma pessoa (e relação), a protecção, os laços afectivos, a intimidade, a paixão, o que sobrecarrega demasiado cada elemento.

Inicialmente quando se namora – sendo o namoro uma espécie de “treino onde os jogadores sabem que não estão a jogar a sério, estão apenas a ver até onde podem ir, sem tudo dar de si” (Gameiro, 2004, p.19) – cada um mostra apenas aquilo que tem de bom, avançando na conquista do outro sabendo que é cedo para ter acesso aos pontos frágeis do outro ou para levantar o seu próprio véu. “Qualquer pensamento ou sentimento emergente há um “eu também” na articulação das semelhanças – qualquer tonalidade de diferença pode ser sentida como uma ameaça” (idem). As individuações não estão inteiramente presentes. E quase que de repente o casal acontece e aparece uma nova entidade, o “nós” referido por Satir em que, no “casal existem três partes, eu, tu e nós, que se possibilitam e facilitam mutuamente” (Narciso, 1994, cit. por Silva & Relvas, 2002, p.197). Esta é a mesma ideia presente no conceito de “absoluto da relação” de Caillé, a identidade do casal, que se vai formando a partir do momento em que é assumido pelos dois uma espécie de contrato relacional ainda não falado.

A construção da conjugalidade é ainda, um momento fundamental do Ciclo de Vida da Família. Ela implica naturalmente o casal envolvido mas traz todo o conjunto das *transgeracionalidades*<sup>5</sup> de cada um, como culturas de base onde cada elemento do casal se desenvolveu. Vai ser na aceitação e compreensão destes *backgrounds* que se vai basear de

---

<sup>5</sup> Transgeracionalidade – “processos que são transmitidos pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da história familiar. (...) “pressupõe que todo o indivíduo se insere numa história preexistente, da qual ele é herdeiro e prisioneiro” (André-Fustier e Aubertel, 1998 cit. in Wagner, 2005, p. 25/26)

forma profunda a co-construção de uma terceira cultura, a do casal, e que é ela própria o nascimento de uma nova família.

Assumir uma forma de conjugalidade, hoje, é um jogo em tudo mais difícil, mais arriscado e mais perigoso.

Estas mudanças e acréscimo de risco talvez sejam as mais responsáveis pelo interesse crescente em estudar a conjugalidade e em intervir preventiva ou clinicamente junto do casal. Desejamos compreender mais ainda o que faz um casal continuar, contra tudo e contra todos. O que faz manter-se o “nós”? É o Amor? É a sexualidade emergente e instintiva que encontra um espaço mais estável? Como acontece o casamento e o acasalamento em outras culturas? Segundo Fletcher (2002, cit. Narciso & Ribeiro, 2009), existe uma diversidade considerável de estratégias na forma como os seres humanos de diferentes culturas se acasalam e como vivenciam e avaliam as suas relações, para não falar na diferença das perspectivas, expectativas e vivências das relações amorosas segundo cada um dos sexos<sup>6</sup> (Carter & McGoldrick, 1995). Por exemplo, os Hindus vêem o amor como uma emoção perigosa que pode tentar a pessoa a fugir das suas obrigações para com a família alargada e não parece ser considerado essencial para a felicidade do marido e da mulher (Derne, 1995, cit. por Sandhya, 2009), enquanto que a qualidade marital nesta mesma cultura e à semelhança das culturas ocidentais, também pode ser avaliada pela frequência das interações positivas percebidas (idem). Para além de culturas, gostamos de pensar que o casal estabelece entre si um contrato psicológico de que só os elementos do casal conhecem as cláusulas, mas que deverá ser suficientemente flexível para acompanhar as mudanças na relação. Esta ideia de contrato relacional, não escrito, baseado nas expectativas e promessas conscientes ou inconscientes, é falada por Granger (1980, cit. por Silva & Relvas, 2002), por Gameiro (2007), por Vincenzo di

---

<sup>6</sup> “Homens e mulheres, somos todos combinações e o nosso estofa íntimo é um *patchwork*. É formado de uma maneira complexa, por vezes inesperada e em última instância sempre individual por elementos sociais, culturais, familiares, históricos, psicológicos, biológicos, sexuais, determinados e aleatórios.” (Elkaim, M. 2007, p.115)

Nicola<sup>7</sup> – que lhe acrescenta o momento exacto em que cada elemento individual reconhece, no outro, o parceiro para a vida (*el actimo*) – e por muitos outros autores.

A escolha de parceiro é também um tema estudado por vários autores com diferentes perspectivas, revisadas por Gameiro (2007), onde se tem por base, segundo Bornstein e Bornstein (1992) a busca de companhia, a segurança relacional, a convivência e a satisfação de expectativas; para Skinner e Cllese (1990) a base dessa escolha é uma atracção profunda por alguém que é como nós, num sentido psicológico, havendo subjacente semelhanças familiares enquanto que para Sylvie Tenenbaum (1998), os critérios mais influentes dessa escolha são a atracção, seguida do contexto, seguidos do reconhecimento mútuo; para Virgínia Satir (1991) esta escolha é muitas vezes feita apenas de forma impulsiva (*in* Gameiro, 2007), enquanto Relvas defende que ela é determinada pelo modelo de intimidade dos pais enquanto casal e pelo tipo de relações desenvolvidas na fratria (Relvas, 1996). Também Fernandes defende que a posição fraternal que cada um dos cônjuges ocupou na sua família de origem, determina em parte, a escolha do parceiro e o modo de relação entre o casal (Fernandes, 2002).

Acontece, como já vimos, que face à procura do parceiro para a vida, muitas relações ou casamentos se desfazem e muitos continuam a reacasalar e a continuar essa mesma procura. Coleman *et al*, (2000, cit. por Pann & Burnett, 2005), a partir de dados apenas formais e de há 20 anos atrás, afirmam que as mulheres casam menos do que os homens, particularmente se forem mais velhas, tiverem mais educação, estiverem empregadas e tiverem filhos; além disso, 3/4 dos homens e 2/3 das mulheres divorciados casam de novo (*idem*).

---

<sup>7</sup> Workshop “Terapia de Casal - Nem contigo nem sem ti” – com Vincenzo di Nicola e José Gameiro em Montemor-o-Novo a 17 de Junho de 2004.

## SOBRE (RE)CONJUGALIDADES

---

*Voltar a casar-se é o triunfo da esperança sobre a experiência*  
**Samuel Johnson**

*É o mesmo sol que derrete a cera e seca a argila*  
**Antoine de Saint-Exupéry**

A revisão da literatura acerca deste tema prolifera em múltiplas frentes. Em 1991 e já com frequência, o divórcio aparecia descrito como uma fase de transição na vida familiar (McHenry, Price, Fine & Serovich, 1991); apesar de não correrem à procura de alguém com quem partilhar a vida, metade das mulheres e 70% dos homens recasavam 6 anos depois<sup>8</sup> (Hetherington, 2003); de facto, a família típica Americana é hoje, uma família recomposta (Michaels, 2006). Em Portugal no ano 2000, os casamentos envolvendo pelo menos um cônjuge não solteiro significavam 13% dos casamentos registados (Lobo & Conceição, 2003), aos quais devemos acrescentar aqueles que decidem partilhar a vida de maneira informal e que costumam ser ignorados pelos estudos<sup>9</sup>.

A investigação indica que as pessoas que estão separadas ou divorciadas apresentam maiores taxas de psicopatologia, doenças físicas, violência, suicídio e mortes por doença (Carrère *et al*, 2000); tal como noutras transições ecológicas que implicam roturas identitárias, o divórcio pode deprimir a função do sistema imunitário, o que deixa a pessoa receptiva a doenças infecciosas e a cancro; além disso, as pessoas que se mantêm casadas vivem mais quatro anos que as que não o fazem, (Gottman & Silver, 2001). Estas já podiam ser razões

---

<sup>8</sup> Em Portugal uma parte significativa de recasamentos dá-se menos de dois anos depois de terminado o casamento anterior, em especial no caso dos homens e, muito particularmente, dos divorciados. A escolha do parceiro ocorre em contextos de proximidade social. O recasamento, à semelhança do divórcio a coabitação e o nascimento fora do casamento, concentra-se na região de Lisboa e Vale do Tejo (45%) e Algarve (Lobo & Conceição, 2003)

<sup>9</sup> Há sete anos atrás nos Estados Unidos, ¼ das novas uniões eram reacasalamentos (de estatuto informal) (Pann & Crosbie-Burnett, 2005)

suficientes para continuar a querer partilhar a vida com alguém; porém, para além de não quererem estagnar em algum destes estados, existem outras razões para acreditarem numa segunda vez, nomeadamente: investir mais do que nunca no amor e tornar as relações com os outros num sentido para a vida. É este o modelo que subjaz à exponencial taxa de divórcio do nosso tempo (Perel, 2008) e aos distintos movimentos das famílias ocidentais actuais.

Para Levinger (cit. por Mosmann *et al.*, 2006), apesar dos esforços dos elementos do casal para ficarem juntos, as uniões terminam quando uma conjugação de factores combina, dentro da relação, mais desafios e insatisfações do que aspectos satisfatórios, acrescentando-se a existência de muitas alternativas atractivas fora da relação. Também para Csikszentmihalyi (2002, p.240) “a *desintegração* actual da família resulta do progressivo desaparecimento de razões externas para manter o casamento”.

Como sugerem Lewis e Spanier (1982, cit. por Gottman & Levenson, 1992) a dissolução do casamento é parte do mesmo processo de deterioração da satisfação conjugal. Os casais que se separam apresentam mais conflitos, são mais defensivos, mais teimosos, mais zangados, mais queixosos, mais afastados da escuta, menos carinhosos, menos interessados nos parceiros e menos alegres (*idem*). As poucas competências na resolução de problemas no casamento, os afectos negativos, a contenção, a satisfação conjugal e familiar mínima (Hetherington, 2003), o mal estar sentido nas interações, os silêncios e a (des)comunicação, o sentido de mau funcionamento de equipa... levam a que o casal saiba exactamente porque se separa<sup>10</sup>.

Gottman no seu famoso laboratório do Amor, foi procurar na maneira como os casais se relacionam, os ingredientes necessários para continuarem juntos e os suficientes para se separarem; assim, encontrou alguns sinais predizíveis do divórcio e/ou separação: as palavras que dirigem um ao outro, o modo como discutem (prevalência do arranque abrupto e um

---

<sup>10</sup> “as pessoas no casal, sabem sempre o que as separa ainda que nem sempre saibam o que as juntou” José Manuel Almeida e Costa *in classe supervisão*, em Maio de 2004, Lisboa.

conjunto específico de interações negativas tais como: a crítica e o desprezo de quem “ataca”, a defensiva e o silêncio enquanto respostas); as reacções fisiológicas tais como a *fervura*, a continuação de pensamentos negativos e a comunicação não verbal (linguagem do corpo); as tentativas de reparação falhadas e o reescrever de uma história feita de más memórias (Gottman & Silver, 2001).

Em pano de fundo destas considerações vindas da investigação mais laboratorial, está um sentimento em ausência (amor) e um funcionamento ineficaz. Segundo Gameiro (2007) quando um casal procura a ajuda de um especialista, é porque irrompe uma crise aguda motivada por um acidente de percurso (uma relação extra-conjugal, um desinvestimento amoroso, o nascimento de uma criança deficiente ou uma morte na família...), ou porque existe uma insatisfação crónica que se arrasta (comunicação, gestão, famílias de origem, sexo...), ou ainda, numa atitude preventiva, por receio que a crise se instale. Habitualmente os terapeutas tentam compreender se existe amor, isto é, se para cada um dos elementos, ainda vale a pena (o relacionamento). Deste ponto de partida, trabalha-se o (dis)funcionamento e a crise (oportunidade). Mas mesmo assim, com ou sem ajuda, muitos casais não resistem às forças separadoras e assumem o fim do seu relacionamento.

Os comportamentos dos homens e das mulheres após um divórcio ou viuvez são bastante diferentes, e essa diferença ainda se faz notar mais em Portugal, onde o número e peso relativo dos casamentos de dois indivíduos casados anteriormente, representava 4% do total de casamentos em 2000, ainda que aumentando a um ritmo progressivamente maior. Nos recasamentos com apenas um cônjuge não solteiro esse é habitualmente homem, já que as mulheres permanecem mais tempo sós ou acompanhadas dos filhos – em situação de monoparentalidade: a seguir a um divórcio, o mercado matrimonial continua mais favorável a eles do que a elas<sup>11</sup> (Lobo & Conceição, 2003).

---

<sup>11</sup> Os homens recasam mais rapidamente e com maior frequência e fazem-no com mulheres, seis anos em média, mais novas do que eles; quanto maior a capacidade económica e a instrução de uma mulher menor a

Se um primeiro casamento, envolve por norma, a ligação entre duas famílias, o recasamento implicará o entrelaçar de três, quatro ou mais famílias, em relações que se desmultiplicam em complexidade (Relvas & Alarcão, 2002). Assumir um recasamento como se fosse o primeiro é um dos erros mais comuns e mais fatais para esta nova união (entre outros, Visher, Visher & Pasley, 2003; Hethrington, 2003; McGoldrick & Carter, 1995). Tendo consciência que um recasamento não é necessariamente uma reconstituição familiar, para a maior parte dos investigadores o funcionamento da família recomposta e o funcionamento do casal estão indissociavelmente ligados – de tal forma que parece difícil criar um segundo casamento feliz sem criar uma família recomposta feliz (Adler- Baeder & Higginbotham, 2004). A própria linguagem traduz a dificuldade de nomear estas relações: *família recomposta* – um termo pouco poético que nos invoca um aparelho complicado e artificial (Garnier & Mosca, 2001); *reestruturada ou reconstituída* – soa como se tudo fosse uma questão de rearrumar as partes da família (McGoldrick & Carter, 1995); em inglês – *stepfamily*, faz parecer que ela pertence a um 2º nível, uma família de 2ª classe; em alemão – o conceito de *stiefmutter* ou, à letra *etapa-mãe*, traz-nos a frieza e o pragmatismo da relação. O legado dos contos populares mundiais, onde há sempre uma madrasta terrível e má acentua estas ideias negativas sobre os recasamentos, às quais, sobretudo as madrastas de hoje, ainda se sentem perseguidas e intrinsecamente ligadas.

Desde que se começou a escrever sobre os recasamentos e as famílias reconstituídas, foram sendo encontrados problemas comuns na construção das relações inerentes a esses processos. Um homem e uma mulher encontram-se, apaixonam-se e resolvem iniciar uma relação, muitas vezes iludidos pelo desejo de “voltar ao normal” após um divórcio, de providenciar a oportunidade de voltarem a ter uma família tradicional com o novo parceiro e com os seus filhos, de terem a ajuda de uma figura de autoridade que as ajude - a elas

---

probabilidade que case novamente, quanto mais rico e instruído for o homem, mais provável que case de novo e rapidamente (Carter & McGoldrick, 1995).

mulheres - a educar os seus filhos ou ainda de finalmente encontrar a figura parental ideal para amar e proteger os seus filhos (Clapp, 2000; Visher *et al*, 2003; McCarthy & Ginsberg, 2007). Estas e outras expectativas e ilusões podem contribuir para a vulnerabilidade e insucesso de muitos recasamentos. O conhecimento das variáveis que caracterizam o fenómeno do recasamento bem como as especificidades das vivências assumidas pelos protagonistas são cada vez mais importantes face à sua actualidade (Lobo & Conceição, 2003).

Os investigadores preocupados com a prevenção e educação dos casais na construção de uma família reconstituída, propõem em primeiro lugar, a tomada de consciência de que é preciso trabalhar-se as relações entre as pessoas (Adler-Baeder & Higginbotham, 2004; McCarthy & Ginsberg, 2007; Hetherington, 2003). Segundo Garnier & Mosca (2001) a intervenção sistémica pode ser de grande utilidade no trabalho com as novas famílias, podendo ajudá-las a atravessar estas grandes evoluções e a meta-reflectir acerca dos assuntos sentidos por elas e já estudados pelos investigadores.

Não existem relações de amor espontâneas entre os vários envolvidos, existe sim, uma ambiguidade de fronteiras<sup>12</sup> onde as crianças pertencem simultaneamente a duas casas, onde a estrutura familiar está pouco clara porque não é definida por laços de sangue, onde se vivenciam sentimentos de culpa e conflitos de lealdade (entre os filhos e o novo companheiro, entre o pai biológico e o novo parceiro da mãe, entre outras), e onde adultos e crianças podem estar a sentir diferentes necessidades de desenvolvimento<sup>13</sup> (Visher *et al*, 2003; Adler-Baeder & Higginbotham, 2004; Stoll *et al*, 2005). As relações entre o pai biológico e todos os assuntos inerentes aos filhos comuns tais como, as finanças, as responsabilidades parentais de

---

<sup>12</sup> Fronteira ambigua (*Boundary ambiguity*) – falta de clareza em relação a quem está dentro e a quem está fora do sistema familiar (Stewart, 2005)

<sup>13</sup> Enquanto o casal pode estar a viver um tempo de felicidade e excitação os filhos estão a viver perdas diversas e a sentir-se mais sozinhos e mais vulneráveis. As necessidades de um adolescente de autonomia e independência pode estar a competir com as necessidades de coesão da nova família (Pasley, Rhoden, Visher & Visher, 1996)

educação, decisões, aquisições, tornam-se facilmente metáforas para controle emocional de questões mal resolvidas (Pasley, Rhoden, Visher & Visher, 1996). A hostilidade entre os pais biológicos ou a co-parentalidade colaborativa podem ser questões fundamentais que vão interferir, negativa ou positivamente, no funcionamento da nova família e na satisfação do novo casal. A história da nova família que ainda não existe é também um factor de fragilidade do sistema recém-chegado, que enquanto não construir a sua própria história, irá se sentir muitas vezes ameaçado, vulnerável e em perigo (McCarthy & Ginsberg, 2007; Clapp, 2000; Siméon, 1995). As mudanças de estatuto e de posição dentro da fratria merecem muita atenção, ao que os terapeutas deverão, segundo Siméon (1995) dilatar o tempo emocional da mudança. Os laços entre as pessoas precisam de tempo e de sedução como em qualquer outra conquista relacional. Perante esta constelação de perigos e constrangimentos, ainda assim, vale mais a pena recasar do que viver em situação de residência monoparental (Pann & Crosbie-Burnett, 2005). É sob este prisma que a ciência das relações agora procura investigar. Num estudo longitudinal de 30 anos Hetherington (2003) avaliou o funcionamento familiar e o ajustamento dos membros das famílias em transição (antes, durante e depois) e revelou que 75 a 80% dos filhos destas famílias não apresentam quaisquer problemas e são eles hoje, pessoas naturalmente integradas nas suas próprias famílias. Verificou que o recasamento é vivido de maneira mais positiva do que o divórcio, em especial para os rapazes e que, mais uma vez, a chave de adaptação e integração harmoniosas está no casal satisfeito, tranquilo, que funciona como equipa. As características pessoais parecem ajudar a proteger do divórcio e facilitar a integração.

Nos últimos cinco anos a investigação revelou que o melhor preditor de sucesso da família reconstituída é a forte relação do casal (satisfação conjugal), reforçada pela aceitação: dos filhos, da família alargada, dos amigos e da comunidade. Os critérios que emergiram das entrevistas com famílias bem sucedidas foram essencialmente: a flexibilidade (papeis,

fronteiras), o respeito (é irrealista que cada elemento do casal possa amar todas as crianças de igual maneira), a paciência (com o tempo, a construção de identidade e história), a comunicação (realização de reuniões) e o sentido de humor (Michaels, 2006).

As variáveis deste trabalho têm sido alvo de vários estudos no âmbito dos recasamentos. Booth e Edwards (1992, cit. por Bouchard, 2005) sugerem que as pessoas em recasamentos reportam mais elevados níveis de isolamento, têm maior probabilidade de estarem mal integrados com os próprios familiares e estão mais dispostas a deixar a segunda relação, aumentando assim a probabilidade de declinar a qualidade conjugal. Da revisão da literatura, as pessoas em segundos casamentos têm maior probabilidade de terem determinadas características – propensas ao risco e a comportamentos imaturos – o que torna difícil para os próprios, sustentar relações íntimas (Booth & Edwards, 1992; Coleman *et al.*, 2000; Johnson & Booth, 1998; Prado & Markman, 1999; cit. por Bouchard 2005).

As qualidades associadas a ser um cônjuge perdedor (porque “falhou” noutra relação) aumentam a probabilidade de declinar na qualidade conjugal (Booth & Edwards, 1992, *idem*) este declínio acentua-se ainda mais na crise após chegada do 1º filho (em especial se a mulher ainda não foi mãe). Outros investigadores reportam como mulheres recasadas experienciam baixo nível de felicidade marital, mais pensamentos de divórcio e mais pesar sobre o casamento, quando percebem uma vinculação entre o seu actual marido e a sua ex-cônjuge (Knox & Zusman, 2001, cit. por Brimhall, Wampler & Kimball, 2008). Ao mesmo tempo, estes autores ao procurarem estudar os efeitos da relação anterior na actual relação, encontram como categoria central emergente: a confiança. A falta de confiança na primeira relação leva à tentativa de procurar mais confiança, na altura de namoro da segunda relação e a dar-lhe uma importância central no percurso do novo casal. A confiança é uma das dimensões que mais contribuem para a sustentabilidade da relação, quer esta seja a primeira ou a segunda (Beech & Fincham, 2010). Será importante compreender o impacto que o primeiro casamento ou

união tem, na segunda relação e como os parceiros respondem a este impacto. A confiança depende do grau de desenvolvimento do casal e das traições vivenciadas nas primeiras relações (Brimhall *et al*, 2008), bem como, segundo vários autores, o tipo de vinculação entre o parceiro e o seu ex-cônjuge, percebido pelo actual parceiro (Shriner, 2009).

O conflito entre a parentalidade e continuidade da família biológica, com a relação do novo casal, é um dos desafios dos segundos relacionamentos com filhos. Esta relação de colaboração, fundamental para uma co-parentalidade eficaz e para o bem-estar dos filhos, cria muitas vezes, insegurança e perda de confiança no segundo casamento devido à ambiguidade de papéis e comportamentos aceitáveis (Pasley *et al*, 1996; Bouchard, 2005). O divórcio emocional e o estabelecimento de fronteiras apropriadas entre os ex-esposos são essenciais para a saúde do novo casamento (Weston & Macklin, 1990, cit. por Adler-baeder & Higginbotham, 2004).

A literatura refere algumas evidências de que as relações em segundos casamentos são vividas com maior equilíbrio de poder. Num estudo realizado com casais recasados, a equidade é uma das características percebidas – e mais significativamente pelas mulheres – como muito superior àquela percebida nas suas relações anteriores. De uma forma geral o recasamento é percebido pelos inquiridos com maior satisfação conjugal do que as anteriores relações (Buunk & Mutsaers, 1999). No entanto este estudo não especifica a quantidade de recasamentos em causa. Sobre esse assunto, Lind estudou que, nos casais biculturais, quanto maior o número de recasamentos, menor a satisfação conjugal (Lind, 2008). A maneira como as pessoas percebem a vida, aquilo que pensam acerca das suas relações foi demonstrado por Kurdek e Fine (1991), como tendo uma grande relevância na satisfação que sentem com as relações, nomeadamente, verificaram que as mães apresentam uma perspectiva mais optimista em relação às famílias reconstituídas do que os pais e registam maior satisfação com as relações entre os adultos e os filhos de ambas as partes, na nova família.

Numa investigação realizada por Pyke (1994), acerca das relações entre o trabalho e o poder em primeiros e segundos casamentos ou uniões, os resultados evidenciaram que as mulheres, provenientes de primeiros casamentos dominados pelos seus parceiros<sup>14</sup>, quer estas trabalhassem ou não, habitualmente escolhiam segundos casamentos onde o poder fosse partilhado. Nestes segundos casamentos, as mulheres tinham a possibilidade de escolher ficar em casa e dedicar-se à família e a tarefas domésticas que eram valorizadas pelo marido, ou ainda, apostar num trabalho exterior de muito maior exigência de acordo com os seus potenciais e que poderia ser muito mais valorizado economicamente. Os resultados sugerem que, qualquer explicação redutora do poder conjugal ao facto da mulher trabalhar ou não fora de casa, tem que reflectir o género dos actores e os significados que esses actores dão aos processos de poder, isto é, o efeito que um recurso específico – o trabalho da mulher – tem, no poder conjugal, depende de o casal o ver como um dom ou como um fardo (Pyke, 1994). Sullivan (1997) encontrou diferenças na interacção e na negociação desenvolvidas por casais sendo que as utilizadas pelos segundos casamentos se apresentavam mais eficazes.

Sendo o poder uma dimensão tão presente em distintos processos das relações humanas (comunicação, resolução de conflitos, tomada de decisão, distribuição de tarefas de funcionalidade...) pode, em si mesmo, estar na base da (in)satisfação conjugal e do desejo de corte. Tal como Csikszentmihalyi (2002) diz:

Quando sentimos que estamos a investir atenção numa tarefa contra nossa vontade, é como se estivéssemos a desperdiçar a nossa energia psíquica que, em vez de nos ajudar a atingir os nossos objectivos, intervém para realizar os dos outros. O tempo consumido nessa tarefa é sentido como subtraído ao tempo total disponível na nossa existência.

---

<sup>14</sup> Os homens que não têm o sentido de sucesso no seu próprio estatuto e actividade laboral, tendem a dominar em casa para contrabalançar a situação, e são absolutamente apoiados pelas suas esposas. Estas mantêm trabalhos abaixo dos seus potenciais e são submissas ao seu poder - conceito de *economia de gratidão* (Pyke (1994).

## SOBRE SATISFAÇÃO CONJUGAL

---

*Se tanto me dói que as coisas passem  
É porque cada instante em mim foi vivo  
Na busca de um bem definitivo  
Em que as coisas de Amor se eternizassem*

**Sophia Mello Breyner Andresen**

Se falamos de casal, casamento, relação amorosa é importante compreender o que faz mais felizes os casais, o que contribui para o bem-estar das relações conjugais, assumindo agora e em paralelo com a psicologia Positiva, “nascida” na passagem para o séc. XXI, uma força ainda superior. Na literatura, o conceito *satisfação conjugal* é frequentemente utilizado de forma indiferenciada com os conceitos *qualidade conjugal*, *felicidade conjugal*, *ajustamento conjugal*, entre outros. A maior parte dos autores considera que *qualidade conjugal* é mais abrangente, podendo ser avaliada por alguém de fora do casal, reservando a expressão *satisfação conjugal* para os sentimentos pessoais e para a avaliação subjectiva de cada pessoa (Silva & Relvas, 2002; Narciso & Ribeiro, 2009). A *qualidade conjugal*, segundo revisão de literatura feita por Mosmann *et al.* (2006), estaria relacionada ao bem-estar dos cônjuges e seus filhos, às respostas fisiológicas dos cônjuges, às variáveis sócio demográficas, à saúde física do casal, à depressão, à psicopatologia, às características de personalidade e à combinação entre estas variáveis.

A *satisfação conjugal* por seu lado, pode ser entendida como a diferença entre o funcionamento ou ajustamento real do casal e aquele que seria o seu ideal (Olson, 1988 cit. por Narciso & Costa, 1996). É o quociente de uma diferença entre expectativas e vivências. Mas esta vivência em si é um processo de avaliação cognitiva e ao mesmo tempo uma

percepção subjectiva da relação, que diz respeito àquilo que cada elemento do casal individualmente sente.

O termo *satisfação* etimologicamente quer dizer *facere satis* que quer dizer *fazer o bastante* (Narciso & Ribeiro, 2009). O conceito reporta-nos para os fortes componentes avaliativo, subjectivo e pessoal do mesmo. A *satisfação conjugal* resulta de uma avaliação pessoalíssima da relação, o que apenas permite a análise a partir do ponto de vista das pessoas implicadas, ou seja, dos elementos da díade conjugal. Cada um deles sentirá mais ou menos satisfação ao avaliar o desempenho na e da relação. E tal como acontece na avaliação do bem-estar subjectivo, inúmeros estudos parecem apontar para o facto de a satisfação e a insatisfação nas relações conjugais serem duas dimensões distintas e relacionadas (*idem*) e que interagem num jogo dialéctico de oposições, onde ambos os estados coexistem. Quando um casal se perspectiva num quadro dualista de satisfação positiva, poderá rejeitar as interacções de cariz mais negativo, as situações conflituais, fundamentais para o crescimento e desenvolvimento de uma relação. A investigação tem provado que os homens têm mais dificuldade em encarar os conflitos do que as mulheres e se revelam mais defensivos (Carstensen, Gottman, Levenson, 1995). Se em situações de elevada insatisfação conjugal é necessária a redução de episódios de interacção negativa, poderá ser igualmente prejudicial a existência de atitudes de evitamento desses mesmos padrões (Narciso & Ribeiro, 2009). Os conflitos entre parceiros numa relação amorosa são inevitáveis e o impacto do conflito na saúde familiar, física e mental está provado por variadíssima investigação (Fincham & Beach, 1999; Narciso & Ribeiro, 2009). No entanto, não são os casais mais espertos ou de mais elevado *status* que conseguem ser mais felizes, como nos confirma Gottman e Silver, (2001), mas sim aqueles que impedem que os pensamentos e sentimentos negativos acerca do outro, se sobreponham aos positivos, numa postura pelos autores denominada de *inteligência emocional*. O conflito, segundo estes autores, não é raro nos casais assumidamente satisfeitos

e também eles excedem os decibéis de uma discussão; o mistério está em fortalecer a amizade que está no centro do casamento, através de um conjunto de orientações pragmáticas<sup>15</sup>. O desenvolvimento humano está habitualmente alicerçado numa dinâmica de forças contraditórias, próprias da sua complexidade – acontece em cada patamar de aproximação à autonomia, no jogo de forças de pertença e de individuação da pessoa em relação à sua família de origem, para se fazer adulto e iniciador da sua própria família e continua em todas as outras fases do ciclo vital. No percurso de vida do casal a maior parte da investigação sublinha que esta dialéctica de forças de unidade e coesão, de divisão e separação, é essencial aos casais para que encontrem alternativas adequadas para lidar com as tensões e com as diferenças trazidas por cada um para a relação, sendo que, o que vai sustentar esta dinâmica, são os ingredientes existentes (intra-pessoais e contextuais) e os que vão sendo construídos pelo casal (interpessoais<sup>16</sup>) (Narciso & Ribeiro, 2009).

A investigação encontra inúmeras dimensões a contribuir para a *satisfação conjugal*, num complexo interactivo e dinâmico. São determinantes as experiências que os elementos do casal trazem das famílias de origem, quer nas escolhas, quer nos padrões de relacionamento, concorrendo significativamente para a *satisfação conjugal* (Falcke & Wagner, 2005). Outros estudos apontam para a influência, ainda que fraca, do clima relacional da família de origem na satisfação e na proximidade conjugais (Ferreira, 2003). Outros ainda defendem que a posição na fratria é uma das variáveis mais facilmente mensuráveis que influencia a escolha (complementar) do parceiro, e que esse aspecto pode ser defendido como influente de relações mais felizes (Fernandes, 2005) e redutor das tensões próprias da vida conjugal

---

<sup>15</sup> Os Sete Princípios do Casamento são eles 1º Amplificar os Mapas de Amor; 2º Alimentar a Ternura e Admiração; 3º Virarem-se Um para o Outro em vez de se virarem de costas; 4º Deixar-se influenciar pelo parceiro; 5º Resolver e Enfrentar os Problemas com Solução; 6º Ultrapassar o impasse; 7º Criar um Significado Partilhado (Gottman & Silver, 2001)

<sup>16</sup> A partir da revisão da literatura, Whisman (1997) apresenta um Modelo Integrativo dos factores que influenciam a Satisfação Conjugal: os factores intra-pessoais (personalidade, vinculação, cognição, afectividade...), os factores contextuais (o contexto social, os acontecimentos de vida stressantes...) e os factores interpessoais (comunicação, conflitualidade, resolução de conflitos, similitudes...). Estes factores estão todos interligados e são inter-influente (in Narciso & Ribeiro, 2009).

(Relvas, 1996). Acitelli e Duck afirmam que a sensibilidade / vigilância na relação<sup>17</sup> juntamente com afectuosidade positiva, combinados com compromisso, são os melhores preditores de satisfação e estabilidade conjugal (Acitelli & Duck, 1987). Investigação longitudinal evidencia que a auto-regulação utilizada pelos parceiros é um elemento potenciador da *satisfação conjugal* e da manutenção relacional satisfatória (Halford, Lizzio, Wilson & Occipinti, 2007), juntando a essa prática a capacidade de inteligência emocional (Gottman & Silver, 2001). Fincham, Hall e Beach documentam uma associação positiva bidireccional entre satisfação conjugal e o perdão, sendo que cada uma das dimensões é preditiva da outra (Paleari *et al*, 2005; Vaughan, 2001 cit. por Fincham, Hall & Beach, 2006). Também inúmera investigação sublinha que a resolução de conflitos e de problemas, que inevitavelmente surgem no decurso da vida do casal, é uma das dimensões fundamentais do seu funcionamento e contribui significativamente para o grau de *satisfação conjugal*, dependendo da qualidade das suas interacções (Gottman & Krokoff 1989) e do seu comportamento face à severidade dos problemas (McNulty & Russell 2010). Os estudos neste domínio multiplicam-se e re-associam-se a novas variáveis, abrindo o campo a inter-relações entre a satisfação conjugal e muitas dimensões, áreas, capacidades individuais e situações relacionais que só vêm sublinhar a complexidade deste constructo, avaliado quer do lado de dentro (do sujeito que sente e vive com a sua subjectividade, num ponto de vista mais fenomenológico) quer do lado de fora (do observador, “objectivo”, comportamental). No entanto, e apesar da proliferação da investigação, acreditamos que é importante continuar a relacionar os diferentes estudos e a olhá-los como complementares, na tentativa de encontrar modelos explicativos mais integradores.

Nas teorias que têm tentado explicar as dimensões centrais dos processos conjugais que subjazem ao grau de satisfação, umas exploram a importância das histórias de vida e

---

<sup>17</sup> *Relationship awareness*.

vinculação à família de origem (*teoria da Vinculação*), outras, os comportamentos e as respostas cognitivas aos comportamentos do outro (*teorias Comportamentais*), outras ainda, a interacção entre os processos sociais e os desafios que estes promovem no casal (*teoria da Troca Social*), ou a capacidade do casal para superar as crises e readaptar-se a elas (*teoria da Crise*), e ainda, a avaliação que cada cônjuge faz da adequação ao seu papel (*teoria do Interaccionismo Simbólico*), ou a funcionalidade do casal em função da sua coesão, adaptabilidade e comunicação (*modelo Circumplexo de Olson*), e por fim, a capacidade do casal em lidar com situações, a acumulação das suas experiências adaptativas e a variedade de eventos stressantes e circunstanciais (*modelo da Vulnerabilidade e Adaptabilidade ao Stress*) – cada uma destas teorias enfatiza mais o contexto, os recursos pessoais ou os processos adaptativos no casal (Mosmann *et al*, 2006).

São muitos os modelos e as teorias que foram tentando explicar – já desde Platão – os factores influentes na *satisfação conjugal*; optámos por seguir de perto a proposta teórica de Narciso (2001, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009) porque nos faz mais sentido e porque integra, num modelo de concepção sistémica e complexa da *satisfação conjugal*, (esquema em ANEXO 1), alguns dos conceitos de outros autores, reconceptualizados numa dinâmica mais abrangente da compreensão dos processos subjacentes.

Segundo a autora, *a satisfação conjugal* resulta de um conjunto de “factores que sobre ela agem e por ela são influenciados” (*idem*, p.63): os factores centrípetos, os factores centrífugos e o factor tempo ou percurso de vida conjugal:

- *Factores Centrípetos* - correspondem àqueles mais directamente convergentes para o seio da interacção do casal e que dizem respeito aos processos implicados na relação, uma vez que a originam e são originados por ela, onde se incluem os processos afectivos, os processos cognitivos e os processos comportamentais ou operativos. Ao nível dos processos afectivos, Narciso refere os sentimentos (o amor), a intimidade – psicológica e física – e o compromisso.

Os processos comportamentais ou operativos referem-se ao funcionamento conjugal onde a autora inclui a comunicação, a resolução de conflitos e o controlo relacional enquanto os processos cognitivos envolvem cinco classes de cognições fundamentais para a qualidade e satisfação conjugal – pressupostos, padrões, percepções, atribuições e expectativas.

- *Factores Centrífgos* - mais periféricos em relação ao *hólon*<sup>18</sup> do casal mas nem por isso menos influentes e influenciados por ele, dividem-se em factores pessoais (pressupostos e padrões, características pessoais, padrões de vinculação, comportamentos e objectivos...), factores demográficos (idade, sexo, habilitações literárias, raça, nível sociocultural e económico...) e por fim, factores contextuais (família de origem, rede social, escola, trabalho...).

- *Factor tempo ou percurso de vida conjugal* - em último lugar, mas não menos importante, este factor inclui o tempo da relação e a sua história (as etapas, os acontecimentos, as narrativas).

Para a autora, os *factores centrípetos* emergem como os que mais directamente influenciam a satisfação conjugal “por serem, afinal de contas, o espelho da relação – traduzindo a sua qualidade, o desempenho na e da relação” (*idem*, p. 64). No entanto, como sublinham Narciso & Ribeiro (2009) mais importante do que a classificação dos factores influentes na *satisfação conjugal* é o impacto mútuo que têm uns sobre os outros.

---

<sup>18</sup> *Holon*, conceito que Minuchin (1981) adaptou de Koestler para a Terapia Familiar para fugir aos conceitos de *todo* e *parte*, e para designar as entidades dos níveis intermédios de qualquer hierarquia, cada todo é sempre uma parte de um outro todo, aproveitando o termo grego *holos* (todo) com o sufixo *on* (como *neuron* ou *proton*) que sugere uma partícula ou parte. Um *holon* exerce uma energia competitiva para sua própria autonomia e auto-preservação como um todo (Minuchin & Fishman, 1981).

## SOBRE INTIMIDADE E PROXIMIDADE

---

...E vivei juntos, mas não vos aconchegueis em demasia;  
Pois as colunas do templo erguem-se separadamente,  
E o carvalho e o cipreste não crescem na sombra um do outro

**Khalil Gibran in "O Profeta"**

A necessidade de estabelecermos relações profundas e próximas com o outro está presente em cada ser, logo que nasce. Esta necessidade de criar ligações, conexões, que dêem sentido à nossa vida foram amplamente estudadas pelos investigadores da Vinculação e da Motivação humanas e ainda hoje se mostra capital no desenvolvimento harmonioso do indivíduo e das relações que estabelece com os outros. É ampla a investigação que liga a vinculação inicial com a mãe/cuidadora e família de origem, primeira fonte de afecto e suporte, à *intimidade* posteriormente desenvolvida no seio do casal. A relação conjugal é considerada por muitos como a relação mais íntima experienciada pelo ser adulto (Levinger & Huston, 1990, cit. por Laurence, Barrett, & Rovine, 2005). Apesar do crescente interesse neste constructo, continua a ser muito difícil defini-lo pela sua ambiguidade quer semântica quer operacional e, nas múltiplas tentativas de definição, surge em comum um sentimento de proximidade (*closeness*) e de conexão (*connectedness*) (Laurenceau *et al*, 2005).

*Intimidade* – do Latin *Intimus*, significando *dentro* – refere-se originalmente aos interiores ou íntimos aspectos de tudo. Por consequência, “o termo vem a referir-se àquelas coisas que estão abaixo da superfície e de difícil acesso” (Foley & Duck, 2006, p.184). Desta tentativa de definição facilmente somos levados ao entendimento subjectivo de que estamos a estudar algo de secreto, de escondido, de inacessível, reservado, que imediatamente nos

transpõe para o interior profundo de cada um<sup>19</sup>. É neste contexto que se inter-relacionam duas *intimidades*, onde os parceiros de uma relação amorosa se fazem encontrar numa relação íntima e onde a auto-revelação, a partilha daquilo que cada um é e a validação do outro encontram o seu lugar seguro. Foley e Duck (2006) recuperam a metáfora de Altman e Taylor (1973) do modelo da pele da cebola, que sugere a existência de um centro único envolto em sucessivas camadas de protecção concêntrica, camadas de privacidade e camadas de intimidade. No entanto, nesta tentativa de criar “teoria” em torno do conceito, questiona-se se a *intimidade* é uma qualidade das pessoas ou das interações. Para Acitelli e Duck (1987), mais do que a decisão auto-exclusiva de uma possibilidade, será uma amálgama das duas. A revisão da literatura realizada por Narciso e Ribeiro (2009) em torno deste conceito central, apresenta diferentes conceptualizações sendo que, se para uns a *intimidade* é sobretudo uma qualidade das relações, para outros, é uma qualidade das pessoas (motivação para...); para outros ainda, a *intimidade* é uma capacidade individual, um processo cognitivo ou ainda um sentimento. Acitelli e Duck (1987) que defendem fortemente o cariz interpessoal, sugerem que deveria ser dado mais ênfase à *intimidade* entre parceiros do que enquanto qualidade inerente a cada um deles, referindo-se à narrativa “*Eu sinto-me íntimo ...*” que só deverá ficar completa com “*...de alguém...*”.

Nesta mesma perspectiva, acrescentando-lhe um olhar mais integrador, Narciso e Ribeiro (2009) sugerem que a *intimidade* enquanto qualidade das relações consegue integrar quer os comportamentos interpessoais quer as qualidades pessoais. Curiosamente, e tal como é sublinhado por Acitelli e Duck (1987), se concordarmos em assumir esta conceptualização relacional, as medidas de intimidade mais frequentemente utilizadas, incluindo a que é

---

<sup>19</sup> Pina Prata reconhece em Agostinho de Hipona (séc.IV) o pioneiro da psicologia da Intimidade no seu livro *Confissões*: “*Bem tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, bem tarde te amei. É que tu estavas de dentro, e eu de fora, e era de fora que eu te procurava*” (cit. por Prata, P., 2008, p. 35).

utilizada neste estudo<sup>20</sup>, assentam em instrumentos de auto-relato sobre as atitudes e percepções que uma pessoa tem acerca da sua relação com alguém. A comunicação íntima não verbal, sendo de uma riqueza extrema para a avaliação do grau de intimidade entre duas pessoas, não pode ser assim avaliada. Outra das dimensões levantadas pelos teóricos da intimidade é se ela é, em si, um produto da relação, um resultado, um estado ou se é um processo em construção. Uns defendem mais a primeira perspectiva e outros a segunda, enquanto a grande maioria defende uma conceptualização integrativa que incorpora ambas, vendo-a como um processo que se desenvolve, como o casal e como a relação, ao longo do tempo, ainda que contenha em si contornos relativamente estáveis. (Acitelli & Duck 1997; Narciso & Ribeiro, 2009).

A *intimidade* é uma dimensão presente de forma mais ou menos directa em todas as teorias da conjugalidade. Esta variável encontra-se igualmente estudada noutra tipo de relações, nomeadamente aquelas entre os elementos da família e nas relações de amizade ou suporte social (Ribeiro, J., 1999). “A necessidade de se ser aceite, apreciado, acarinhado e de retribuir essas atitudes e comportamentos” (Narciso & Ribeiro, 2009, p.15) foi encontrada por Baumeister & Leary em revisão da literatura sobre o tema.

Por outro lado, a *intimidade* não é vivida da mesma forma por homens e mulheres, e este pode ser um factor de incompreensão e afastamento (Relvas, 1996; Gameiro, 2007). O estereótipo que historicamente nos persegue defende que os homens têm dificuldades em construir relações íntimas, ao contrário das mulheres que seriam peritas na intimidade, a tal ponto que é levantada a hipótese de se considerar a definição actual do amor, que inclui amizade, em termos femininos<sup>21</sup>, elevando as mulheres ao estatuto de *experts em relações* (Narciso & Ribeiro, 2009), que tangencia, quanto a nós, o também histórico estereótipo de

---

<sup>20</sup> O PAIR, no entanto é considerado o único instrumento que foi construído com a intenção de medir as perspectivas conjuntas do casal, simultaneamente (Schaefer & Olson, 1981, cit. por Acitelli & Duck, 1987)

<sup>21</sup> Cancian (1987) é uma das autoras segundo Narciso e Ribeiro, que apresenta esta ideia, “uma vez que o amor significa partilha emocional e auto-revelação, e não tanto partilha de actividades ou fornecimento de ajuda” (p.208).

*expert em emoções*. No entanto, são múltiplas as revisões das investigações neste domínio, que nos indicam que as semelhanças entre homens e mulheres são maiores do que as diferenças (idem), apresentando uns e outros, diferentes expressões das suas vivências, sendo que, por vezes, a divergência das suas significações se transforma em incompreensão e insatisfação na relação (Relvas, 1996).

Encontra-se com frequência a relação entre *intimidade* e *auto-revelação* no amor romântico (Narciso & Ribeiro 2009). Na investigação de Merves-Okin, Amidon, e Bernt (1991) a *intimidade* surge como uma variável lado a lado com a *auto-revelação* e ambas correlacionadas com a satisfação conjugal e a percepção que o companheiro tem do comportamento do outro (Merves-Okin, Amidon, & Bernt, 1991). A *auto-revelação* apresenta-se, por vezes, como dimensão da intimidade relacional, acompanhada de outras duas inter-relacionadas: a tonalidade afectiva positiva e a percepção da escuta/compreensão do parceiro<sup>22</sup> (Prager & Buhrmester, 1998). Aumentando o foco, Narciso e Ribeiro dão-nos a imagem de um tecido com vários fios que constituem a trama – “partilha e auto-revelação, apoio emocional, confiança, interdependência e mutualidade – e um fio-contorno – amor e sexualidade” (2009, p.120).

Na revisão da literatura, apercebemo-nos que a *intimidade* se encontra frequentemente como complemento directo de uma outra acção (interacção, comunicação, sexualidade, maturidade...), evidenciando que as interacções negativas (Gottman & Silver, 2001), a “falta” de comunicação (Prata, 2007), a falta de erotismo e de poética no sexo (Perel, 2008) e os perfis imaturos dos elementos do casal (Carter & McGoldrick, 1989) comprometem a *intimidade*. Este constructo apresenta-se, noutro estudo, subdividido em outras cinco dimensões<sup>23</sup>: orientação da relação, preocupação em cuidar do outro, compromisso,

---

<sup>22</sup> “Three dimensions of verbally intimate interaction: positive affective tone, daily self-disclosure and listening and understanding” (Prager & Buhrmester, 1998).

<sup>23</sup> Five dimensions of intimacy – relationship orientation, caring-concern, commitment, sexuality and communication” (White, K et.al., 1986).

sexualidade e comunicação (White, K. *et al*, 1986), e se por um lado a *intimidade* é uma dimensão absolutamente presente na avaliação da satisfação sexual, ela apresenta-se com um papel fundamental na resolução de conflitos no casal<sup>24</sup>. A *intimidade* é, ainda, na Teoria Triangular do Amor de Sternberg, o topo do vértice do triângulo, completado pelos outros vértices-componentes – Paixão e Compromisso/Decisão. A partir da combinação destes três componentes Sternberg (1989) caracteriza diversos tipos de amor: o amor essencialmente composto pela intimidade será um amor-amizade caracterizado pelo carinho; o amor onde exista uma forte componente de paixão será preenchido pela atracção psicofisiológica, enquanto o amor vazio será aquele que é essencialmente composto pelo compromisso/decisão (Hernandez & Oliveira, 2003; Cassepp-Borges, V. e Maycoln L., 2007; Gouveia *et al.*, 2009; Narciso & Ribeiro, 2009).

Quando falamos de *intimidade*, não podemos deixar de relevar, de acordo com a teoria de Bowlby e ainda reafirmado por numerosas investigações, que os ingredientes para o estabelecimento de relações íntimas, existem (ou não) desde a infância. Segundo Narciso e Ribeiro (2009), após ampla consulta ao estado da arte, os benefícios de uma vinculação segura podem ser o factor mais determinante ao longo do ciclo da vida, contribuindo directamente para o bem-estar e para a satisfação nas relações. No entanto, as autoras também consideram a hipótese de a *vinculação* poder variar ao longo do tempo, sendo que, um indivíduo pode ter diferentes estilos de vinculação nas diferentes relações, em função dos factores contextuais e sociais. Parece ser unânime em todos os autores, a imprescindibilidade desta dimensão nas relações (até denominadas) íntimas; Merves-Okin, Amidon e Bernt, (1991) na revisão que realizaram, veêm a *intimidade* nas relações românticas (onde existe Amor) como promotora da saúde e como o objectivo mais procurado<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Larson, J., Allgood, S., 1987; Russel-Chapin, L., Chapin, T., Sattler, L., 2001; Buunk, B., Mutsaers, W., 1999; Jason S. Carroll, J., Badger, S., Young C., 2006, só para apontar alguns.

<sup>25</sup> “*sough after goal*”.

Nas teorias acerca da conjugalidade, os conceitos de *satisfação conjugal*, *amor*, *intimidade* e *compromisso* são um contínuo interactivo que introduz diferenças na qualidade da relação. No entanto, apesar das elevadas correlações entre *intimidade* e *satisfação conjugal*, “os casais felizes nem sempre são íntimos e os casais íntimos nem sempre são felizes” (Glazer-Malbin, 1975; Raush, Barry, Hertel & Sain, 1974, cit por Acitelli & Duck, 1987, p.304). Face à *intimidade*, mais uma vez nos encontramos perante um constructo de carácter subjectivo onde o “dentro”- sentido pelo próprio - tem um valor fundamental na investigação que complementa o olhar “de fora” – do observador – na procura de ligação entre todas as pequenas partes deste caleidoscópio em movimento, tanto mais complexo quanto mais vidros integre, e que apresenta sempre um arranjo diferente dos outros, mas coerente em si próprio.

Por outro lado, encontramos cada vez mais investigação em torno do conceito de *proximidade* (Benkovskaia, 2008; Lopes, S. 2008; Silva, C. 2008; Teves, C., 2008), onde “frequentemente intimidade surge como sinónimo de proximidade” (Aron, Aron, Tudor e Nelson, 1981; Schnarch, 1991 cit. por Narciso & Ribeiro, p.119, 2009); contudo, “alguns autores diferenciam estes conceitos significando proximidade o estar com o outro, ser parte do outro, ser um com o outro, enquanto intimidade é associada aos processos de auto-revelação mútua, afecto e validação” (idem). As autoras sugerem que consideremos “as relações de proximidade como uma classe, sendo as relações íntimas um dos elementos dessa classe”(ibidem). Não só na investigação mas também ao nível das vivências de casal, é comum esta indefinição entre intimidade e proximidade, fazendo com que muitas vezes os parceiros tentem “desafiar a natural condição incompleta das pessoas e dos sistemas, como se alguém pudesse tornar-se completo fundindo-se num par unido” (Fogarty, 1976, cit. por Carter & McGoldrick, 1989). Este desejo de fusão não está alicerçado apenas no desejo de estar próximo, ser o outro, deixar de ser eu para passar a ser só nós; está, também, na ilusão de

usar a relação para completar o eu e melhorar a auto-estima. Recorrendo à teoria de Bowen (Murray Bowen, 1913-1990), a relação conjugal ideal será aquela cujos elementos conseguiram atingir um estágio adulto de identidade e diferenciação individual capaz de se aproximar do outro e crescer nessa relação sem sentir que “não existe nenhum eu a partilhar com outrém e em vez disso, o outro é necessário para fazer existir o eu” (Bowen, 1978 cit. por Carter & McGoldrick, 1989, p. 176). Este desejo de fusão relacionado com a incompleta diferenciação da pessoa em relação à sua família de origem, pode levar à perda da identidade própria e a relações de profunda dependência emocional.

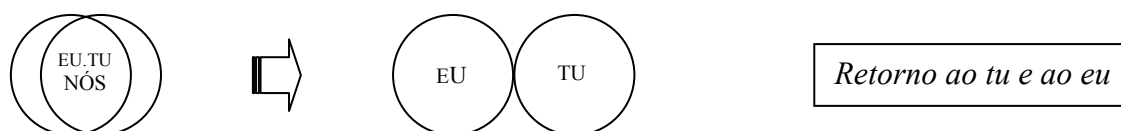
Na investigação realizada no âmbito da relação íntima, Lima, Vieira e Soares (2003) sugerem que é na dialéctica do dar e receber (reciprocidade entre dois seres unos) que se consubstancia o equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal, face ao (e em benefício do) desenvolvimento da relação. Aron, Aron e Smollan (1992), no modelo de proximidade interpessoal, encontraram diferenças de género no que diz respeito à proximidade e relações longas (tempo de relação), que nas mulheres aparece independente uma da outra e nos homens surge correlacionado. Segundo McGoldrick, (1989) existem também diferenças de género na maneira como homens e mulheres experimentam a fusão e a gestão da proximidade, uma vez que as mulheres, tradicionalmente (e com toda a actualidade), são criadas para se “perderem” numa relação, perdendo assim a sua identidade pessoal, enquanto os homens são criados para considerarem as questões da intimidade e da proximidade como assustadoras, mantendo uma posição pseudo-diferenciada, não se permitindo criar relações íntimas que permitam a existência de diferenças.

Este conceito de *proximidade-intimidade* está, quanto a nós, directamente relacionado com os limites do casal e do indivíduo. Este aspecto, segundo Relvas (1996), de paradoxalidade entre a intimidade-poder e a fusão-autonomia, persiste ao longo do tempo de vida da relação e, cremos nós, pode ser um dos factores de risco do casal se não for sendo

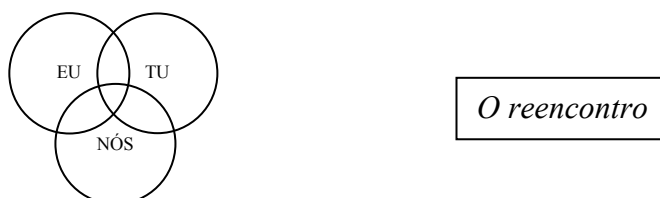
flexibilizado e negociado ao longo do tempo. Relvas fala-nos da construção contínua e inconclusiva do casal, enquanto permanente redescoberta, e serve-se da proposta de DeFrank-Linch, (1986, cit. em Relvas, 1996) que apresenta o ciclo de vida do casal recorrendo àqueles conceitos. Segundo este autor, o primeiro estágio – de fusão, inicial – ocorre quando o sistema formado por dois indivíduos se funde num só e se fecha mais ao exterior, rompendo com outras (velhas) relações e ligações afectivas (a família, os amigos), e criando o “nós”. Aqui entram em jogo o poder e a definição da relação – definindo-se zonas de simetria e complementaridade, e de resolução de conflitos.



A segunda etapa centra-se no investimento na individualidade, nas questões existenciais e de valoração ou não, da relação de casal, e é acompanhada do medo de desmembramento, talvez porque cada um se procura de novo a si próprio.



Por fim a ultima etapa, a da empatia, onde dois indivíduos quase autónomos, psiquicamente independentes, estão re-unidos e encarando outros novos desafios.



Creemos ser curioso, devido à complexidade de conceptualização destes constructos, que se utilizem formas pictóricas para a sua compreensão (tal como a própria escala IOS – *Inclusion of Other in the Self Scale* de Aron, Aron e Smollon, 1992).

As etapas consideradas por Csikszentmihalyi (2002), na sistematização que fez dos estudos dos psicólogos sobre o desenvolvimento do conceito de quem somos, encontram um paralelo, a nosso ver, com as etapas do ciclo relacional do casal da proposta de DeFrank-Linch: a preservação da integridade, enquanto etapa inicial, com a diferenciação da pessoa (conceito de Murray Bowen, 1987); o alargamento do sistema de significação aos outros, uma etapa de aproximação com a etapa de fusão da proposta de DeFrank-Linch; a etapa do individualismo reflexivo, caracterizada pelo afastamento, pelo desejo de crescer, de melhorar e realizar as suas potencialidades, com a etapa do retorno ao tu e ao eu; e por fim a quarta etapa que assenta nas anteriores, caracterizada por um distanciamento final do eu e um regresso à integração com os outros e com os valores universais, encontra o seu paralelo na etapa do reencontro.

## SOBRE EMOÇÕES

---

*É urgente inventar alegria,  
multiplicar os beijos, as searas,  
é urgente descobrir rosas e rios  
e manhãs claras.*

**Eugénio de Andrade**

Foram imensos os séculos em que a ciência se recusou a olhar seriamente para as emoções e a se ocupar do seu estudo, receosa de penetrar em temas de grande subjectividade e que não poderiam ser cientificamente verificados. No entanto, é também desde que o homem reflecte sobre ele próprio, que a questão das emoções surge – desde Aristóteles a Descartes, a Tomás de Aquino, a passar por Thomas Locke, e mais recentemente, em finais do séc. XIX, Charles Darwin, William James, e Sigmund Freud que finalmente deram às emoções um lugar privilegiado no discurso científico (Damásio, 2000). Mesmo assim, segundo Damásio, no decorrer do próprio século XX, este acordar e assumir da importância das emoções não teve nem na Neurociência nem nas Ciências Cognitivas uma grande recepção, sendo que, foi apenas na viragem do século que, em simultâneo, essas e outras disciplinas como a Psicologia, a Filosofia, as Ciências Sociais, e graças a uma nova geração de investigadores, “transformaram a emoção no seu tema preferido” (*idem*, p. 61). Ao mesmo tempo a oposição ou desmembramento entre a emoção e a razão, desde os antepassados positivistas, deixou de ser aceite automaticamente, sendo que, são relevantes as provas laboratoriais que mostraram a emoção como parte integrante dos processos de raciocínio e tomada de decisão. “*O pano de que são feitas as nossas mentes e o nosso comportamento é tecido não só de factos mas de ciclos de emoções seguidas de sentimentos que, uma vez conhecidos, geram novas emoções, numa polifonia contínua*” (*ibidem*, p.63). Quando falamos de emoções ou questionamos

alguém acerca de emoções, surgem habitualmente as intituladas emoções básicas ou primárias (como o espectro de cores): alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa e aversão. Num segundo nível, estão as *emoções sociais* tais como, a vergonha, o ciúme, a culpa, o orgulho. Por fim, aquelas que o autor denomina de *emoções de fundo* e que são mais difíceis de tomar consciência e de identificar, tais como o bem-estar, a calma, a tensão - estas mais próximas do núcleo interior da vida, cujo alvo é mais interno, e que, segundo Damásio (2000), se conseguem manter, apesar de graves doenças ou lesões neurológicas.

Uma das razões cruciais de estudarmos e compreendermos as emoções prende-se com o facto de que, apesar de serem muito antigas no processo evolutivo, elas fazem parte dos dispositivos bio-reguladores com os quais nascemos preparados para sobreviver, apresentando-se com funções biológicas fundamentais. As emoções são indissociáveis da ideia do bem e do mal, e de recompensa ou castigo, de prazer ou de dor, de aproximação ou afastamento. Assim, e face a actual forma de viver as relações e a individualidade, a família e o cuidar, o casamento e o divórcio, torna-se cada vez mais urgente aprender a ligar o sentimento, o carácter e os instintos morais onde, segundo Goleman (1995), assenta a importância da inteligência emocional. Este conceito reporta-se ao domínio de impulsos emocionais – que implica a consciência de Si – à leitura das emoções no outro e à capacidade de gestão das relações.

As laboratoriais experiências de Gottman com casais ao longo de mais de duas décadas, cartografando a ecologia emocional do casamento (acasalamento), registando com sensores os mais pequenos fluxos da sua fisiologia, escutando a descrição que cada pessoa fazia dos seus pensamentos durante as interacções, e utilizando outras tantas medidas, foi um processo fundamental para chegar a uma radiografia emocional do casamento (Gottman & Silver, 2001). Neste momento, apesar de se ter começado tardiamente, já se conseguiu obter um conjunto de pistas, grandemente complementadas pelos estudos das emoções, sobre os

caminhos a seguir e quais aqueles a evitar para manter um bom casamento (acasalamento) em qualidade e satisfação.

São múltiplas as investigações neste domínio que tentam compreender a emoção de um bom casamento, donde, “o viver conjugal é pleno de alterações entre momentos de afectividade positiva e outros de afectividade negativa” (Narciso e Ribeiro, 2009, p.59), mostrando mais uma vez a dialéctica das relações e as contradições próprias quer do sentir individual quer das relações em si mesmas. A impermanência dos estados afectivos que as caracterizam acompanha a sua dinâmica, as suas alterações de conteúdo, humor, prazer e dor (*idem*). O organismo está munido de um cérebro que, segundo Damásio, induz emoções a partir de um número notavelmente pequeno, mas disperso, de pequenas regiões cerebrais e que são, diferentemente activadas consoante as emoções sentidas (por exemplo, a amígdala tem pouco a ver com a tristeza e com a felicidade e tem tudo a ver com o medo), e todos os organismos podem sentir (e manifestar) essas emoções, ainda que nem sempre as reconheçam. A classificação de boa ou má emoção terá a ver com a nossa consciência, ainda que influenciada pela aprendizagem e cultura. Por exemplo, a dor está associada a emoções negativas tais como a angústia, medo e tristeza (sofrimento) enquanto o prazer, está associado a diversas tonalidades da felicidade, orgulho e emoções de fundo positivas. No entanto, segundo Damásio (2000), é a possível inter-relação entre a dor, o prazer e as emoções que os acompanham, e que nos permite a solução de problemas biológicos muito diferentes (regulação vital).

Da mesma forma, no casamento, os afectos positivos e negativos alternam ou até podem ser sentidos em simultâneo, quiçá, para permitirem a solução de problemas quer do casal, quer desse sistema com os diversos subsistemas a que pertence. Desde as primeiras investigações sobre este tema, as emoções jogam um papel crucial na diferença entre casais satisfeitos e não satisfeitos. Schaap (1984) fez uma revisão de 26 artigos de investigação onde foram

marcantes as diferenças entre casais problemáticos (*distressed*) onde a predominância negativa na expressão emocional, nas suas interações e na resolução dos conflitos era evidente; enquanto os casais sem problemas mostravam: mais “sinais de afecto” (sorrisos empáticos, voz quente e ternura, atenção...), mais “reforço social” (aprovação, acordo...), “actos de reconciliação” (mudar o assunto, uso de humor, aceitação das ideias do outro...), “comportamentos de facilitação” (acordo no processo e no resultado, auto-confiança...), e aparentemente parece que se sentavam mais perto um do outro utilizando mais posições (físicas) de abertura. Anos mais tarde, também Gottman refere que nas interações do casal, quando: o arranque ou começo se faz com crítica, sarcasmo e desprezo; a atitude é a defensiva, como forma de culpar o outro; a resposta é o silêncio; a sensação física é de fervura emocional; a linguagem corporal é fechada; o casal atinge um padrão de reparações falhadas e só se recorda de más memórias da relação – é prenúncio de uma eminente separação/divórcio<sup>26</sup> (Gottman & Silver, 2001). A reciprocidade negativa revelou-se a característica principal dos casais violentos e problemáticos, com escalada negativa crescente de co-responsabilidade (Cordova *et al.*, 1993), enquanto a hostilidade e a ira dos elementos do casal, demonstraram-se características relacionadas com o grau de conflito e de desajustamento conjugal (Baron *et al.*, 2007). A forma como os parceiros resolvem os seus conflitos passa inevitavelmente pelo campo de batalha emocional e a investigação tem sido aí muito profícua. Em 1993, Gottman dividiu 73 casais em três tipologias de grupos, consoante a quantidade e qualidade de afecto (positivo e negativo) que eles demonstravam ter, nas situações de resolução de problemas (Gottman, 1993). A qualidade dos conflitos e das interações negativas na sua resolução, são aspectos centrais na relação do casal – ainda assim, McNulty e Russell (2010) provaram ser mais benéfico para a satisfação conjugal encarar essas situações, do que utilizar comunicação indirecta e fuga aos problemas. Beach e

---

<sup>26</sup> Gottman fala na predição de divórcio com uma exactidão de 91% de certeza, após presenciar uma interação do casal por 5 minutos (Gottman & Silver, 2001)

Fincham (2010) também defendem o carácter construtivo do encarar dos conflitos. Na verdade a investigação em torno dos conflitos e conseqüentemente da gestão das emoções no casamento, tem dominado a investigação, relevando a perspectiva transformativa (Bush e Folger, 1994) que se baseia nas premissas de que é necessário: responder às manifestações emocionais que estão presentes no conflito, com grande capacidade de escuta e compreensão; manter-se centrado no aqui e agora da interacção conflitual com a certeza de que, quando os membros do casal colaboram para resolver uma diferença, a relação se transforma e evolui (Parkinson, 2000). Um pouco nesta perspectiva, Fincham, Stanley e Beach (2007) estudaram as conseqüências do perdão e da capacidade de sacrifício, enquanto processos transformativos que jogam um papel fundamental na remissão espontânea do desconforto e mal estar (*distress*) nos casais.

Num estudo de Heller e Watson (2005) focalizado na relação entre trabalho e casamento, explorando as emoções e as suas funções e papéis no casamento, as autoras reconheceram a existência de uma variável mediadora – o estado de afectividade positiva (humor positivo, *mood*) – na associação entre satisfação conjugal à noite e a satisfação no trabalho no dia seguinte. Também Neto e Marujo, e Oliveira, nos trazem a importância do humor e do optimismo no dia a dia, na criatividade, na auto-estima, nas relações sociais e na saúde – das relações conjugais (Neto & Marujo, 2002; Oliveira, 2002).

O ajustamento marital (várias vezes lado a lado com os conceitos de satisfação conjugal e de qualidade conjugal) está relacionado, segundo investigação de Wachs e Cordova (2007), com competências emocionais e *mindfulness*<sup>27</sup>. O reconhecimento da importância significativa das emoções nas relações íntimas, leva estes autores a procurar no estado da arte a influência do treino de *mindfulness* na mudança de estados emocionais, incluindo melhoria do humor, e decréscimo da afectividade negativa e da hostilidade. O recente trabalho destes

---

<sup>27</sup> Definição – É o direccionar da atenção para si próprio e para a experiência que está a sentir neste momento, aqui e agora, de tal forma que é caracterizado por Curiosidade, Abertura e Aceitação (Bishop *et al*, 2004, *In* Wachs & Córdova, 2007).

autores, suporta a ideia de que as competências emocionais tais como, a habilidade de identificar e expressar emoções, empatizar e lidar com desafios emocionais, são essenciais para a manutenção e saúde dos casamentos/acasalamentos, assim, a forma como o casal identifica e comunica acerca das suas emoções é uma pedra principal da saúde e bem-estar do casal. O papel do *mindfulness* na regulação das emoções (respostas mais adaptativas) demonstra a importância de aprender esta atitude. Casais que são mais *plenos de consciência*<sup>28</sup> podem estar mais inclinados a responder na presença de emoções negativas, sem as negar ou rejeitar ou ainda “tapar”, apenas observando, aceitando sem julgamento. Fugir às emoções negativas, como por exemplo a zanga é contraproducente e está associado a elevados níveis de hostilidade e agressividade (Vandervoort, 2006, cit. por Cordova). Uma pessoa que está mais apta a responder face à frustração, ao desapontamento e à vergonha, com mecanismos de *coping* adaptativos tais como a relativização ou a compaixão, não descarrega imediatamente em agressão sobre o outro, e estes processos influenciam as interações do casal, tornando-as positivas e construtivas (Wachs & Cordova, 2007). Já anteriormente Cordova, Gee e Warren (2005) tinham testado a teoria de que uma maior competência emocional (*emotional skillfulness*) – especialmente a habilidade de identificar e comunicar emoções – joga um papel importante na manutenção de um ajustamento conjugal mais íntimo. Estes autores propõem que as habilidades para identificar emoções, expressar emoções, empatizar e gerir emoções desafiantes, são os ingredientes emocionais necessários para a manutenção de um casamento saudável, através de um efeito directo no processo de intimidade (Córdova *et al*, 2005).

Carstensen, Gottman, e Levenson (1995) estudaram o comportamento emocional em casamentos de longa duração e concluíram que: os casais mais velhos são emocionalmente menos negativos e mais carinhosos do que os de meia-idade, nomeadamente na resolução de

---

<sup>28</sup> Possível tradução para *mindfulness* – Mente Plena ou Estado de Consciência Plena.

conflitos; as mulheres são emocionalmente mais negativas que os maridos e eles são mais defensivos do que elas; os casamentos menos satisfatórios envolvem maior interação de afectos negativos do que os mais satisfatórios. Os autores crêem que há uma melhoria no controle emocional e na compreensão emocional, à medida que as pessoas vão ficando mais velhas e colocam a hipótese de que, as pessoas moldam as interações sociais para maximizar os benefícios emocionais.

Como já reportámos anteriormente, homens e mulheres são mais semelhantes do que diferentes entre si, no âmbito da relação conjugal, mas se as dissemelhanças se fazem sentir de maneira mais gritante, é exactamente neste campo. Têm sido estudados comparativamente, homens e mulheres, na forma como gerem as emoções dentro do casamento/união, e muitos desses estudos apontam para um padrão mais comumente emergente: quando se trata de conversar sobre a relação, a mulher procura a luta e o homem retira-se, num ciclo de escalada progressiva – quanto mais ela luta mais ele se retira e quanto mais ele se retira mais ela luta, e tudo aponta para o facto de, quando eram rapazes e raparigas, terem aprendido lições diferentes sobre a maneira de lidar com as emoções (Goleman, 2000; Gottman & Silver, 2001). Nos múltiplos estudos sobre as concepções e modos de “ser masculino” e de “ser feminino”, sabe-se que os papéis e os estereótipos de género exercem entre si uma influência mútua que, se por um lado vão perpetuando injustiças de parte a parte, por outro, no *holon* do casal, vão contribuindo para manter o desafio e o esforço de encontrar novas formas de se relacionar, em resposta ao processo de evolução mais acelerada destas últimas décadas (Narciso & Ribeiro, 2009). Para ambos, mulheres e homens, um deficiente *património* emocional pode diminuir a sua capacidade para constituir relações saudáveis e atingir a felicidade (Cordova *et al*, 2005). O percurso de vida de cada um vai desenhando um mapa emocional que encontra na interação com o *bem amado*, sonhado e esperado, o terreno para a sua revelação mais genuína. Por isso a relação a dois é a mais difícil e desequilibrada das

relações. É neste contexto que enfrentamos questões que requerem o potencial emocional de cada um e um elevado nível de inteligência emocional para acolher vários desafios: as relações entre a família e o trabalho (remunerações, tempos, carreira, conflito de papéis), o trabalho doméstico e cuidado dos filhos (maternidade, paternidade, partilha), o poder e a equidade nas relações do casal...sendo que estes desafios se complexificam com misturas de famílias, na reconstituição da família que aceitamos fazer crescer. Segundo as investigações longitudinais de Gottman e Silver (2001), os casamentos são tão melhor sucedidos quanto mais emocionalmente inteligentes forem, baseando-se numa amizade muito profunda e na capacidade dos parceiros se conhecerem intimamente um ao outro (gostos, aversões, sutilezas, esperanças e sonhos), mantendo entre si um respeito mútuo e um forte apreço pela companhia um do outro.

## SOBRE SATISFAÇÃO COM A VIDA

---

*... Não force a arte, não force a vida, nem o amor, nem a morte.  
Deixe que tudo suceda como um fruto maduro que se abre e lança no solo as sementes fecundas.  
Que não haja em si, no anseio de ...viver, nenhum gesto que lhe perturbe a vida.*

**Agostinho da Silva**

*Que presença jamais pode cumprir  
O impulso que há em nós, interminável,  
De tudo ser e em cada flor florir?*

**Sophia de Mello Breyner Andresen**

O que faz valer a pena viver? (Peterson & Park, 2003, cit por Seligman, Steen, Park & Peterson, 2005). Esta será a grande questão, tão simples e de resposta tão complexa, que os filósofos contemporâneos colocaram e que iniciou um movimento sem retorno, complementar de outros movimentos. A mudança de paradigma do estudo das sintomatologias e situações patológicas, no campo da psicologia, para o estudo de como nos sentimos bem com o que fazemos, deu-se na entrada do milénio. Emergiu a ciência da Psicologia Positiva que teve como marco de referência um artigo de Seligman e de Csikszentmihalyi no primeiro número do ano de 2000 da revista “American Psychologist” centrado sobre a felicidade, a excelência e a optimização do desenvolvimento (Jesus & Resende, 2009; Ribeiro, 2009; Neto & Marujo, 2007): lançando uma proposta à Psicologia para que se debruce sobre o estudo das emoções positivas, das características positivas e das instituições positivas (incluindo a família) (Seligman, *et.al.*, 2005).

Desde então acontece uma viragem na agulha da investigação exactamente porque vários factores confluíram para ser aquele o momento perfeito. Naturalmente que já existiam

movimentos neste sentido, *do que é que faz a vida valer a pena*<sup>29</sup>, nomeadamente alguns pioneiros iniciaram este olhar anteriormente, tal como Rogers (1951), Maslow (1954), Jahoda (1958), Erikson (1963), Vaillant (1977), Deci e Ryan (1985), Ryff e Singer (1996) (e.g. Seligman, *et al*, 2005), aos quais acrescentamos Steve De Shazer (1985), que substituiu o histórico interesse sobre o problema, por aquilo a que chamou conversa sobre a solução e Ausloos (1996), reconhecendo e valorizando, acima de tudo, a competência das famílias, entre outros. Não podemos nem esquecer os distintos contributos, nem isolar esta mudança de paradigma nas Ciências da Psicologia de todas as outras ciências e não ciências. Em 1994 António Damásio tinha escrito o “Erro de Descartes” em que trazia para a consciência científica a aproximação entre as emoções e as ciências do corpo, reduzindo substancialmente um hiato de séculos, ao demonstrar, com êxito, a impossibilidade de se separar a racionalidade das emoções - pois a ausência destas altera as decisões supostamente racionais. No mesmo ano Goleman recolhe, organiza e reflecte investigações acerca da *inteligência emocional*, novo conceito que abre caminhos paralelos aos da *satisfação com a vida* e do *bem-estar*, revolvendo conceitos como a *esperança* e o *optimismo* nos empreendimentos da vida diária. Quando falamos de Psicologia Positiva outro nome presente é o de Csikszentmihalyi (2002), que levou a cabo uma investigação mundial de décadas sobre os aspectos positivos da experiência humana – a alegria, a criatividade e o processo de envolvimento total com a vida, a que chamou de *fluxo*. Incluído nestes conceitos emergentes – considerados por Neto e Marujo (2007) fundacionais, em relação a este domínio da literatura<sup>30</sup> – está a Satisfação com a Vida, integrada no conceito mais abrangente de Bem-

---

<sup>29</sup> *What makes life most worth living* (Peterson & Park, 2003, cit. por Seligman, Steen, Park & Peterson 2005, p.410)

<sup>30</sup> Neto e Marujo distinguem três ordens de conceitos na *Psicologia Positiva*: os fundacionais, tais como o optimismo (Seligman, 1991; Carver & Scheier, 2002; Peterson & Steen), experiência óptima ou flow (Csikszentmihalyi & Csikszentmihalyi, 1988), bem-estar subjectivo (Diener, Lucas & Oishi, 2002), esperança (Snyder, Rand & Sigmon, 2002) e sabedoria (Baltes, Gluck & Kunzmann, 2002); os de segunda geração, decorrentes da investigação posterior àqueles; e os “reciclados”, já presentes na literatura há longo tempo, tais como, a criatividade (Simonton, 2002), as emoções (Averill, 2002) e a inteligência emocional (Goleman, 1995). Os autores acrescentam-lhe um conjunto de conceitos de uma *Psicologia Humanista e dos Valores*, tais como a

Estar<sup>31</sup>. O bem-estar subjectivo<sup>32</sup> (BES) tem vindo a despertar a atenção dos investigadores ao lado da qualidade de vida (QDV), da felicidade, e da satisfação com a vida que, de forma equivalente, se referem a boa vida no geral. É evidente, não só para a ciência mas, para as sociedades modernas (homem comum), o objectivo fundamental e direito inalienável é o de uma boa vida (Ribeiro, 2008). E a boa notícia é que essa boa vida é feliz! (Diener, Oishi & Lucas, 2003). Cremos até que esta notícia emergiu primeiramente nas sociedades, e que a ciência acordou por fim. O campo de estudo do BES, donde a Satisfação com a Vida é a componente cognitiva, analisa a forma como as pessoas avaliam a sua vida naquele momento e ao longo do último ano. Segundo os autores (*idem*) esta avaliação inclui, as reacções emocionais da pessoa ao que lhe acontece, o seu humor e o julgamento que faz sobre a realização e satisfação com a sua vida – incluindo em domínios como o casamento e o trabalho. Consequentemente, concluem, o BES diz respeito ao estudo daquilo que os leigos chamam de *felicidade, paz, realização pessoal ou satisfação*.

Os humores, as emoções e os julgamentos auto-avaliativos flutuam ao longo do tempo e para se obter uma análise de cariz mais social importa contextualizar as avaliações realizadas ou estudá-las ao longo do tempo. Segundo Diener e colaboradores (2003) o BES é necessário para uma vida boa e uma sociedade boa, mas não é suficiente. Juntamente com indicadores sociais e económicos, o BES é uma das três melhores formas de avaliar a qualidade de vida das sociedades, permitindo compreender como as pessoas sentem e pensam sobre as suas vidas. Tudo leva a crer que os distintos componentes do BES (a *satisfação com a vida* e a *felicidade*, esta concretizada no afecto positivo e (na ausência de) afecto negativo) apresentam

---

compaixão (Cassel, 2002), a gratidão (Emmons & Shelton, 2002), a autenticidade (Harter, 2002), a humildade (Tangney, 2002), o perdão (McCullough & Witvliet, 2002) e outros (cit. por Neto e Marujo, 2007).

<sup>31</sup> *Bem-estar*-Ainda não há um consenso em torno do conceito, mas muitos consideram-no como um, entre outros, indicadores da *qualidade de vida* (QV), juntamente com o suporte social, a saúde, os padrões de vida. Segundo Ryan & Deci (2001) é um constructo complexo que se centra na experiência e funcionamento óptimos e que pode remeter-nos para as dimensões afectiva e cognitiva (Ramalho, 2008).

<sup>32</sup> BES – O *Bem-estar subjectivo* toma forma “num contexto empírico de procura de identificação das características sócio-demográficas associadas à *qualidade de vida*, à satisfação e navega sob a bandeira da *felicidade*” (Novo, 2003, cit. por Ramalho, 2008).

um certo grau de independência e devem ser estudados individualmente; por outro lado, não parecem ser os critérios externos e meramente objectivos dos cientistas a definir o que é o BES - este reflecte os valores das pessoas e o reconhecimento daquilo que elas crêem ser importante para as suas vidas(Lucas *et al.* 1996, cit. por Diener *et al.*, 2003; Huppert & Writtington, 2003, cit. por Ferraz, R. 2007).

A personalidade e alguns dos seus traços, tais como a extroversão, o neuroticismo e a auto-estima, influenciam sensivelmente os níveis do BES, enquanto as circunstâncias da vida têm sobre ele uma influência mais a longo prazo e os factores de ordem mais cultural e objectiva, tais como a riqueza, uma influência nos valores médios. Diener *et al.* (2003) encontraram diferenças significativas nos valores de BES entre os vários indivíduos de uma mesma cultura, o que os faz acreditar na influência de uma pré-disposição para o afecto positivo, de ordem genética ou/e vivencial (vinculação precoce frágil). Também encontraram diferenças significativas na comparação dos diferentes países, enquanto observaram que os sentimentos e as emoções (o afecto) são, na sua manifestação, significativamente influenciados pela cultura, donde concluem que as pessoas em qualquer parte do mundo querem ser felizes, através daquilo a que dão valor! Ser feliz, viver com qualidade – a boa qualidade da vida humana, é discutido em muitos contextos (médicos, ciências sociais, filosofia...tudo o que concerne o homem). Contextos diferentes, segundo Ribeiro (2009), tendem a adoptar a expressão “qualidade de vida” – ela própria sinónimo destes conceitos – para diferentes propósitos, recorrendo a diferentes formas de avaliação, mas o objectivo é único, ainda que pleno de subjectividade para cada indivíduo.

O objectivo e interesse em cruzar literaturas científicas do mesmo domínio disciplinar, mas de natureza distinta, como a Psicologia Positiva e a Ciência das Relações, têm a ver com a evolução histórica recente, atrás apresentada. Steven Beach e Frank Fincham foram os autores mais responsáveis pelas trocas e cruzamentos entre a Psicologia Positiva e a Ciência

das Relações (Maniaci & Reis, 2010) o que segundo Maniaci e Reis, trouxe elevados benefícios para ambas as partes acrescentando-lhes maior compreensão conceptual dos processos positivos e apetitivos no contexto das relações<sup>33</sup>. Fincham e Beach surgiram com um artigo em 2007 que defendia o estudo dos factores positivos das relações conjugais e familiares em detrimento da investigação mais recorrente dos factores negativos, daquilo que não funciona bem. Os seus propósitos eram, à semelhança da Psicologia Positiva emergente no início deste século, procurar uma Ciência das Relações encarando o positivo.

A esta proposta surgem algumas críticas e contra sugestões. As primeiras são trazidas por Muniaci e Reis (2010) que defendem não a suplantação da investigação das problemáticas mais negativas mas sim a suplementação de outra vertente de investigação que complemente aquela. Beach e Fincham dizem não pretender deixar de estudar os factores que predizem divórcio, abuso ou discórdia conjugal mas complementar estes estudos com os factores que promovem uma relação saudável e amplamente satisfatória. Para os autores, as relações são uma parte natural da Psicologia Positiva e que deverá ser a primeira parte de uma agenda para o futuro destas investigações. “O foco primário será na experiência, no compromisso e nos sentimentos pessoais de bem-estar”. (Beach & Fincham, 2010, p. 56). Neste contexto, Maniaci e Reis defendem a perspectiva de que se as últimas investigações têm vindo a estudar as relações enquanto contributo para o bem-estar (individual), deveriam mudar o foco e olhar para as relações enquanto um fim em si mesmas, tornando-as um “quarto pilar” da Psicologia Positiva, o das Relações Positivas, sendo esta perspectiva igualmente defendida por Beach e Fincham.

No entanto, outros investigadores criticam fortemente a proposta de Beach e Fincham, defendendo que estes pretendem estudar os processos transformativos do casamento tais como

---

<sup>33</sup> Em inglês “*appetitive processes*” que surgem enquanto a outra face dos “*aversive processes*” habitualmente estudados de maneira exclusiva e utilizados por Maniaci e Reis enquanto base de trabalho sobre os factores positivos e negativos das relações, e que, é proposto por estes autores a sua simultânea utilização enquanto jogo dialéctico no potencial construtivo das relações de pareceria (Maniaci & Reis, 2010; Beach. & Fincham, 2010).

o perdão e o compromisso, advogando a ciência das relações prósperas, esquecendo por completo as forças macroestruturais (Walker & Hirayama, 2010). Esta posição crítica adverte que os casais e famílias não são todos de classes socioeconómicas elevadas, não têm todos o suporte educacional idêntico nem viveram as mesmas experiências (violência, abandono, abuso sexual) para poderem colocar no cimo das suas prioridades a grau de intimidade com o seu parceiro e para se dedicarem a explorar os processos do perdão. Acrescentam ainda que, importa conhecer como funcionam as relações prósperas mas “é nossa obrigação ética enquanto investigadores da família” (*idem*, p.39), continuar a compreender de que forma podemos ajudar as famílias caracterizadas pelo desemprego, pelo insucesso escolar, pela adição de drogas, crime e violência, a maneira como homens e mulheres diferem nas suas experiências conjugais e o impacto do estatuto socioeconómico.

Sendo este debate interessante porque inevitavelmente o progresso requer decisões e escolhas validadas do ponto de vista teórico, a continuidade do trabalho de intervenção com pessoas e famílias com problemas de ajustamento não nos parece ficar comprometida, pois como afirmam Finch e Beach, cremos que um pouco em paralelo com o que ocorre no estudo da Motivação, das Emoções e da Personalidade, a ciência das relações também encara os processos apetitivos e os processos aversivos das relações, numa presença dialéctica simultânea.

Mantendo esta nomenclatura, parece-nos poder propor que os processos apetitivos, positivos nas relações – que são os factores que, atraem as pessoas em primeira-mão a iniciarem relações amorosas, tais como: a intimidade, a paixão, a auto-expansão, o cumprimento de valores pessoalmente significativos, a actividade sexual, o humor, a afectividade física e emocional, a partilha de divertimentos e a afectividade positiva (Gable & Reis, 2003) – se podem cruzar com os critérios que levam as pessoas a avaliarem muito positivamente o seu grau de satisfação com a vida: o optimismo, o realismo, a gratidão, a

presença de emoções positivas... Lyubomirsky *et al.* (2001, cit por Diener *et al.*, 2003) demonstraram que a felicidade e os altos níveis de afecto positivo têm benefícios em termos de qualidade conjugal, criatividade, sociabilidade e produtividade. Maniaci e Reis são da opinião que “as relações jogam um papel significativo na *satisfação com a vida*, se não for o mais significante!” (2010, p.47).

Da experiência longitudinal da sua investigação, Csikszentmihalyi (2002) sublinha que não somos hoje mais felizes do que éramos há 2400 anos atrás, apesar da busca continuada da *felicidade*. Este parece-nos ser mais um ponto a favor da importância de nos dedicarmos à compreensão profunda dos processos daqueles que se sentem felizes, em *fluxo*.

Muitos estudos começam a aprofundar agora a relação da *felicidade*, subjectivamente percebida em *Bem-Estar*, com outros factores, nomeadamente a religiosidade/espiritualidade (Norgreen *et al.*, 2004) e, no caso do presente estudo, com a percepção da felicidade conjugal. A felicidade é um fenómeno predominantemente subjectivo estando subordinada mais a traços de temperamento e postura perante a vida do que a factores externamente determinados (Ferraz *et al.*, 2007). Mas a escolha amorosa faz parte da postura da vida e da dança entre temperamentos. O desenvolvimento pessoal pode ser sustentado pela pertença a um subsistema estimulante que respeite e valorize as idiossincrasias individuais, onde “os objectivos de cada um interessam a todos os outros” (Csikszentmihalyi, p. 243, 2002), mas onde também a “entropia é a condição básica da vida em grupo” e se “os parceiros não investirem energia psíquica na relação” (*idem*), os objectivos individuais também podem ser sentidos como divergentes e conflituarem com todos os outros.

Da investigação de Van Boven e Gilovich (2003) que procuraram saber quais os componentes que tinham mais peso na “boa vida”, colocando em confronto o investimento numa experiência de vida ou numa possessão material, fazendo medir o grau de satisfação que cada uma das situações provocavam, concluíram que: “a boa vida” é melhor vivida fazendo

coisas do que possuindo coisas, porque as pessoas ficam mais abertas a reinterpretações positivas, recarregam significativamente a sua identidade pessoal e sentem maior êxito nas relações sociais.

A associação entre casamento e bem-estar tem sido bem documentada e provada por muitas investigações; A investigação de Kim e McHenry (2002), procurou compreender na relação entre casamento (comparando os vários estados civis) e bem-estar, quais as diferenças mais significativas e quais as variáveis envolvidas. Os resultados encontrados neste estudo longitudinal, indicaram consistentemente que o estatuto de coabitante/ casamento não formal, está associado a um menor grau de bem-estar, em comparação com o estatuto de casamento formal. Outra constatação foi a importância da qualidade da relação conjugal nesta investigação, e não apenas o *status*, o que levou a concluir que as pessoas que vivem numa relação infeliz (conflituosa) têm menores graus de bem-estar e maior detrimento mental do que aquelas que vivem sozinhas (solteiras, divorciadas ou viúvas). As variáveis de suporte social e de auto-estima também foram consideradas, em associações inter-dependentes, em que cada uma influencia e é influenciada pela outra. A relação entre casamento e bem-estar varia segundo o sexo, sendo que os homens beneficiam mais do casamento do que as mulheres, e quando sozinhos, são eles que apresentam mais baixos graus de bem-estar. Da revisão de literatura realizada pelos autores, a existência de filhos tem um impacto negativo no bem-estar dos pais, ficando, em especial as mulheres psicologicamente mais aflitas (*distressed*). A idade foi encontrada como uma variável oscilante enquanto a educação aparece nos estudos como representativa de *status* socioeconómico, oscilando de acordo com esta. Para a relação entre bem-estar e recasamento, foram encontrados decréscimos significativos na depressão em relação aos divorciados e solteiros. Recém-casados apresentam baixos níveis de depressão comparados com os que se mantêm casados (Kim & McHenry, 2002).

Numa investigação realizada por entrevista a um número considerável de pais sobre a satisfação com a vida, concluíram os autores que os menos satisfeitos são os que vivem sozinhos com os seus filhos (família monoparental). Para todos os outros (primeiras ou outras conjugalidades/uniões), não foram encontradas diferenças significativas na satisfação com a vida (Brenda, Donnelly & Voydanoff, 1986). Outro estudo que relacionou o bem-estar subjectivo, a conjugalidade e a parentalidade de pais biológicos em primeiro casamento, pais biológicos recasados, e pais adoptivos, não encontrou diferenças significativas na satisfação global com a vida, no entanto os índices de satisfação parental são superiores nos pais biológicos em primeiro casamento (Ishii-Kuntz & Ihinger-Tallman 1991).

São diversas as investigações que procuraram ao longo dos últimos anos estudar as relações entre a satisfação com a vida e a satisfação/qualidade conjugal ou relacional. As conclusões sendo naturalmente diferenciadas, dirigem-se para pontos de convergência, o que nos parece fazer todo o sentido, tendo em conta a premissa inicial de existirmos com os outros e à procura do estado de satisfação. Se o outro – o parceiro – é parte interveniente na nossa vida, será contributiva a satisfação que é sentida na relação para a satisfação que é sentida na vida. No entanto, e foi também isso que nos foi possível estudar da análise que fizemos desta matéria, existe uma multiplicidade de factores envolvidos e que rearranjam novas configurações em permanente mutação.

## RELAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS EM ESTUDO

---

*O que quero é fazer o elogio do amor puro. Parece-me que já ninguém se apaixona de verdade. Já ninguém quer viver um amor impossível. Já ninguém aceita amar sem uma razão. Hoje as pessoas apaixonam-se por uma questão de prática. Porque dá jeito. Porque são colegas e estão ali mesmo ao lado. Porque se dão bem e não se chateiam muito. Porque faz sentido. Porque é mais barato, por causa da casa. Por causa da cama. Por causa das cuecas e das calças e das contas da lavandaria.*

**Miguel Esteves Cardoso**

Como nos foi dado verificar, é hoje fundamental sentirmo-nos bem com a vida, com a nossa vida. Não sabemos quais eram as motivações de outros antes de nós, mas as motivações actuais levam-nos ao viver em plenitude, até porque “só buscando significado para a vida – e encontrando-o – o homem pode sentir-se feliz e realizado” (Oliveira, 2002, p.159). O sentido da vida para as sociedades ocidentais está nesse conjunto de valores que convergem na plenitude. Chamberlain (1992) estudou que o sentido para a vida é um excelente preditor do bem-estar psicológico, e são muitos os estudos em torno da depressão, da saúde mental no geral e da necessidade de apoio psicoterapêutico e (da falta) do sentido para a vida (*idem*). Cada pessoa com as suas idiossincrasias e na sua subjectividade, avalia a satisfação que sente na sua vida, no entanto, os valores que subjazem a satisfação com a vida têm sido estudados e demonstraram ser comuns à maior parte dos indivíduos, marcados por algumas influências culturais. Trabalho, família, bom casamento, rede social, são aspectos sócio-demográficos que, segundo algumas investigações, também contribuem para influenciar o grau de satisfação com a vida. Tal como vimos, esta avaliação não consegue ficar-se pelo plano cognitivo, até porque na base das nossas decisões e da nossa mais racional cognição estão as emoções – o que quer dizer que a mais objectiva avaliação é sustentada no plano emocional. Dai a inevitabilidade de estudarmos as emoções positivas e negativas que, como nos foi dado observar, coexistem em

simultâneo e independentemente, e não é por haver mais amarelo no arco-íris que nós não vemos a magenta!

Nascemos de uma relação entre duas pessoas e estamos em relação gestacional antes de nascermos: isso faz de nós inevitavelmente seres relacionais. As relações interpessoais, são o campo por excelência, da manifestação absoluta das interações emocionais. Assim que nascemos, seres dependentes por natureza, estabelecemos laços afectivos fundamentais com o nosso cuidador - habitualmente a mãe - e a forma como esses laços nos sedimentam enquanto indivíduos seguros vai interferir no estabelecimento de todas as relações pela vida fora (Carter & McGoldrick, 1989; Narciso & Ribeiro, 2009). Tal como vimos, as relações de proximidade e intimidade que um dia vamos estabelecer com um parceiro, estão fundadas nesses vínculos iniciais.

Nem sempre foi assim no percurso da história do Homem. Como atrás reflectimos, o amor nasce nas relações conjugais, da forma como o conhecemos agora, e foi-se transformando rapidamente no ingrediente número 1 daquelas. O sentido da vida encontra-se em grande parte no amor que anda a par com a felicidade. E a vida aí se avalia perfeita e bem, no máximo da sua satisfação se a pessoa se sentir feliz e com amor. Para isso, deve a pessoa ter, idealmente, um certo grau de diferenciação, ser uno, para poder viver a intensidade de uma intimidade, de uma aproximação vertiginosa, e que se deseja equilibrada, para se realizar no amor com o outro.

No entanto, não só de amor se satisfaz uma relação feliz. São necessários muitos outros ingredientes que, tal como vimos, são múltiplos – as interações positivas no *holon* do casal (Gottman & Silver, 2001), os modelos de vinculação e intimidade (Relvas, 2000), clima relacional (Ferreira, 2003) e compromisso (Falcke & Wagner, 2005; White *et al.*, 1989) que trazemos das famílias de origem, a posição na fratria (Fernandes, 2002), o perfil de maturidade de cada elemento do casal (Cater & McGoldrick, 1989), a comunicação (Satir,

1976; Prata, 2007), o erotismo e a poética no sexo (Perel, 2008), a preocupação do cuidar (Williams *et al*, 2010), o conhecimento íntimo do outro (Gottman & Silver, 2001), o dar e receber (Lima *et at*, 2003), entre outros, e mais do que a qualidade e a quantidade de cada um destes ingredientes, a relação entre todos eles (Narciso & Ribeiro, 2009). Perante tantos ingredientes e antes que possamos ficar desistentes de experimentar uma relação conjugal satisfatória num contexto feliz, outras investigações emergiram, nesta viragem do século, que nos trazem a possibilidade de aprender a ser felizes na relação que um dia escolhemos e de ficarmos satisfeitos com a vida. Para isso devemos passar por um processo de desenvolvimento da nossa inteligência emocional (Goleman, 2000), numa postura de *mindfulness* (Wach & Cordova, 2007), que nos irá permitir escutar activamente o parceiro, comunicar-lhe as emoções, mesmo as mais sensíveis e que possam ter surgido de interacções menos positivas com ele. Daqui até à resolução colaborativa dos conflitos (Gottman & Krokoff, 1989; Parkinson, 2000) e das diferenças que nos opõem, com a ajuda do humor (Neto & Marujo, 2002), do perdão (Fincham, Hall & Beach, 2006; DiBlasia & Benda, 2008), e da sabedoria (Oliveira, 2002), vai apenas uma boa dose de confiança (Brimhall, Wampler & Kimball, 2008), equidade (Allen & Baber, 1992; Buunk & Mutsaers, 1999), amizade e aceitação (Gottman & Silver, 2001), a habilidade de brincar e trabalhar juntos (Hickmon *et al*, 1997) mantendo a sensibilidade e vigilância necessárias (Acitelli & Duck, 1987) e um cuidado de auto-regulação continuado (Halford *et al*, 1997).

No entanto os estudos e a realidade também nos fazem crer que - ou porque ainda não passámos, enquanto humanidade, por este processo de aprendizagem – ou porque a natureza humana nos fez profundamente insatisfeitos (além de poligâmicos) ou ainda, como nos explica Damásio (2000, p.259), porque “as nossas atitudes e escolhas são, em grande parte, a

consequência de uma “ocasião de pessoalidade” que os organismos inventam ao correr do tempo”<sup>34</sup>, vamos quebrando os laços que um dia acreditámos serem para a vida.

Perante todo este cenário questionámo-nos acerca do modelo amoroso vigente na nossa sociedade e, percebemos que os divórcios se encontram na mesma plataforma que o casamento e acasalamento, o que nos leva a explorar se aquelas pessoas que vêm de outras relações amorosas, de primeiras experiências de conjugalidade desfeitas, estão mais ou menos satisfeitas com a vida e com as segundas relações que estabeleceram ou, pelo contrário, as suas histórias passadas, os projectos deixados, os filhos fruto dessas relações e todo um conjunto de outros factores, vão influenciar negativamente a satisfação que sentem neste novo casamento. E foi na comparação entre aquelas que experimentam uma primeira relação e as que experimentam uma segunda relação que quisemos colocar o nosso olhar sob o prisma da satisfação. Como serão as relações no seio do casal? Como será a intimidade e a proximidade nestes casais, percebida pelas mulheres? Como será a auto-revelação destas pessoas? Quem é mais feliz, poder-se-á perguntar? Será a procura numa segunda relação um aperfeiçoamento, uma procura de melhores acordos, de mais fortes ligações? Objectiva-se na melhoria da qualidade conjugal? Procurar-se-ão aquelas dimensões que não existiram na primeira? i.é., na segunda relação queremos mais e melhor e fazemos as coisas de forma diferente? Os estudos dizem-nos que os segundos casamentos têm maior paridade, mais equidade, mais partilha de tarefas e domínios de responsabilidade do que os primeiros casamentos. Dizem-nos também que há uma admiração e partilha maior nas situações relacionadas com o trabalho e a carreira e um maior apoio mútuo nesse sentido. Mas outros estudos indicam-nos que os primeiros casamentos são os mais felizes. As relações anteriormente encontradas por distintos investigadores entre as variáveis que escolhemos e estas e outras questões, foram o terreno para o estudo empírico subjacente a este trabalho.

---

<sup>34</sup> Segundo Damásio a ideia que cada um de nós elabora acerca de si mesmo, é construída ao longo de anos de experiência e é constantemente sujeita a remodelação, “não é por isso de admirar que possamos mudar de opinião e hesitar, sucumbir à vaidade e trair, ser maleáveis e volúveis” (Damásio, 2000, p.260).

# CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO EMPÍRICO

---

*“Cada um sabe tanto mais quanto tenha duvidado”*  
**Ortega y Gasset**

Os capítulos anteriores sobre a dimensão teórica da problemática de estudo, possibilitaram-nos organizar os conhecimentos e dar-lhes uma roupagem questionável e investigável, que pudesse ser para nós um ponto de partida, um desafio, um filão do desenvolvimento humano passível de explorar e aprofundar. Por outro lado também, foram as orientações e os estudos que já tendo sido realizados, nos balizaram e estimularam a essa exploração.

O presente capítulo foi dedicado à explanação do estudo empírico, procurando descrever o objecto de estudo, os objectivos específicos e as questões de investigação, a metodologia da investigação, que inclui a análise das qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados, convergindo na apresentação dos resultados obtidos e consequente discussão.

## 1. OBJECTO DE ESTUDO

É do domínio público que a procura da satisfação em qualquer tipo de conjugalidades tornou inerente à condição humana actual, o desejo de ser feliz. Estas dimensões sentidas por todos nas sociedades ocidentais, como parte inegociável do sentido que cada um dá à sua vida, são, como o vimos, muito recentes na bolsa de valores sócio-afectivos. A investigação

pode trazer-nos de maneira mais sistemática, alguma análise crítica a estes fenómenos que pertencem ao subjectivo de cada um e do colectivo no geral. Esta organização de conhecimento poderá contribuir, ainda que de forma humilde, para a compreensão quer das dimensões que subjazem às escolhas e manutenção conjugais quer do contributo que essas relações trazem para a avaliação que cada um faz da sua existência, no momento que participa nesta pesquisa.

Como objecto de estudo definimos: a satisfação conjugal e a satisfação com a vida de mulheres casadas pela primeira vez e de mulheres casadas pela segunda ou mais vezes. Pretendemos por um lado, explorar se existem diferenças na forma como estes dois grupos de mulheres vivem a intimidade e a proximidade nas suas relações e o grau de satisfação que sentem nas suas conjugalidades actuais; por outro lado, explorar a maneira como estão nas suas vidas, quer ao nível das emoções mais frequentemente vivenciadas quer ao nível subjectivo da satisfação que sentem com as suas vidas.

Considerando que, nos dias que correm, o movimento inquieto das pessoas na procura do seu par ideal se prende necessariamente com o desejo de se sentirem bem com a vida, fizemos sentido avaliar a satisfação que as pessoas sentem nas suas vidas e relacioná-lo com o grau de satisfação conjugal. Optámos por trabalhar apenas com um dos elementos do casal, a mulher, para não entrarmos nas complexidades inerentes às diferenças de género e diferenças sexuais, que por certo nos iriam levar a um outro universo conceptual e reflexivo. Para analisar a satisfação conjugal e traduzir esta avaliação tão pessoal, íntima e subjectiva em algo mais objectivo e universal, encontramos no modelo de Narciso (2001) um enquadramento teórico mais abrangente e uma concepção sistémica da satisfação conjugal e dos factores que sobre ela agem e que por ela são influenciados.

Constatámos que o amor, o tempo, a filosofia de vida, a história de cada um e do casal, a interacção, a comunicação e a resolução de conflitos, são alguns dos componentes encarados

como fundamentais que pesam na qualidade da relação, logo, na *satisfação conjugal*. Simultaneamente, cada vez se procura melhor compreender a relação orgânica entre *intimidade* e bem-estar (Laurenceau, Barrett & Rovine, 2005). Confirma-se, como vimos, em diversos autores que “a intimidade é um aspecto vital nas relações amorosas. Vital porque “constitui um dos alicerces do Amor” (Dion & Dion, 1988; Levinger, 1988; Sternberg, 1998, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009, p.118) e que ela é, por vezes, considerada, sinónimo de *proximidade*. Este é outro dos conceitos que sustentam as relações conjugais (formais ou informais) e que nos fez sentido explorar. Qual a relação entre a maior ou menor fusão e/ou distanciamento sentida pela pessoa na sua relação com o outro e de que forma isso influencia a satisfação com a sua própria vida? Neste contexto, fez-nos sentido relacionar a avaliação que cada respondente faz do grau de inclusão do outro em si mesma (no *self*), com as outras dimensões da relação, bem como a frequência dos momentos vivenciados de afectividade positiva e os de afectividade negativa. O viver na conjugalidade assim como a vida no geral, são plenos de uma multiplicidade e alternância de emoções positivas e negativas, sem que tampouco fiquem estáticas no tempo nem oscilem entre uma dialéctica de positivo e negativo. Neste quadro, achámos importante medir quer as *emoções positivas* quer as *negativas*, dado que se têm demonstrado relativamente independentes e com funções e implicações distintas (Moreira & Gamboa, 2010). Considerando que a avaliação das pessoas à sua própria vida só ficaria completa, segundo a teoria subjacente de Diener (1995), se à dimensão afectiva lhe juntássemos a dimensão cognitiva, representada aqui por um factor: *a satisfação com a vida*, que traduz a avaliação global que o sujeito faz da sua vida, em termos de desejo de mudança ou de contentamento com o que lhe acontece (Jesus & Resende, 2009). Assim, fez-nos sentido avaliar esta dimensão, à luz dos modelos teóricos e empíricos, subjacentes.

Nesta linha relacionámos o grau de *satisfação com a vida* e o grau de *satisfação com a conjugalidade*, não só com as variáveis atrás mencionadas, mas com as variáveis sócio-

biográficas, que merecem a atenção pelas circunstâncias que predispõem o contexto de vida das respondentes e se têm mostrado influentes sobre aquelas, na investigação empírica.

A opção pelas dimensões positivas do funcionamento humano (processos apetitivos) prende-se com o interesse em contribuir para a promoção da saúde e do funcionamento de excelência dos indivíduos, das forças humanas e neste caso particular, as forças do casal e as fontes de felicidade individual que participam na prossecução da qualidade vida.

## 2. OBJECTIVOS E MAPA CONCEPTUAL

Apresentados os fundamentos de ordem teórica, que servem de base e orientam o nosso estudo, consideremos agora as questões que sustentam a investigação.

Trazendo de novo o *problema central*, quisemos compreender, se existem diferenças significativas na satisfação conjugal e na satisfação com a vida, de mulheres casadas pela primeira vez e de mulheres casadas pela segunda ou mais vezes, através da exploração da maneira como estes dois grupos de mulheres vivem a intimidade e a proximidade nas suas relações, e o grau de satisfação que sentem com as suas conjugalidades actuais e, de forma geral, com as suas vidas.

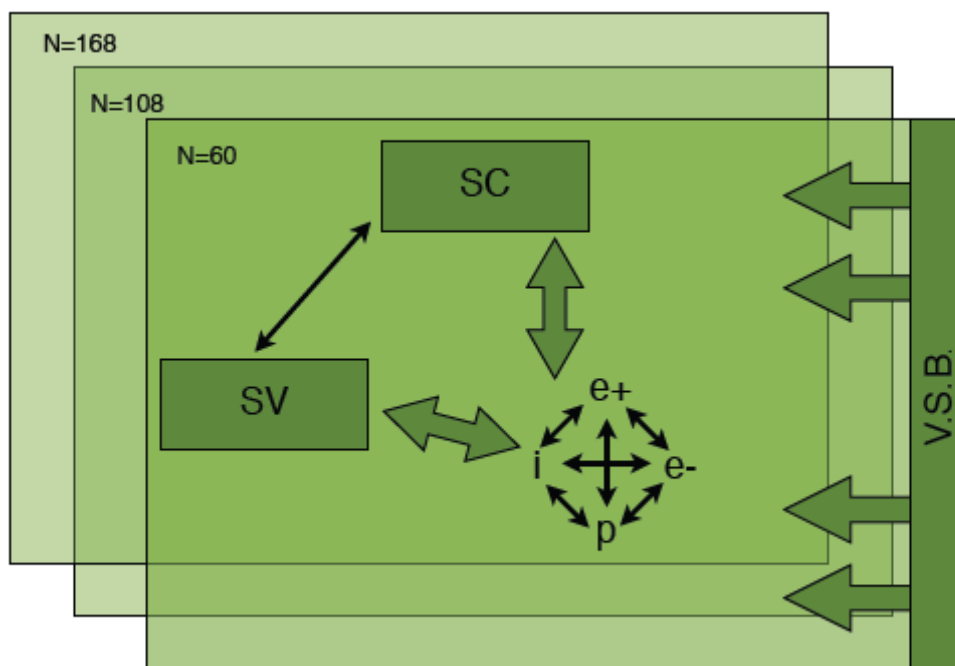
Nesta linha, enquadrados pelo paradigma empirista/positivista e com uma metodologia transversal, definimos como *objectivo geral* do nosso estudo: comparar os dois grupos de mulheres (em 1º e em 2º casamentos/uniões) na avaliação da satisfação em relação às suas conjugalidades, (e a intimidade e proximidade que sentem) e na avaliação que fazem às suas vidas (e à forma como se sentem).

Procurámos desenvolver uma metodologia de investigação assente nas dimensões: descritiva dos aspectos significativos dos constructos avaliados, explicativa do comportamento dos fenómenos e, de algum modo, preditiva do futuro. Ainda que tendo como

ponto de partida a teoria disponível, optámos por realizar uma investigação de carácter exploratório, que possibilitou um estudo mais aberto e forneceu um conhecimento empírico que nos permite arriscar explicações e novas formulações teóricas sobre o contexto real que procuramos compreender de maneira mais aprofundada.

Organizámos o estudo num mapa conceptual de partida, sendo que nunca o mapa é o território, este vai impondo que aquele se modifique à medida que investigamos. Este é o primeiro mapa ou representação gráfica das variáveis que compõem as questões levantadas e as relações que pretendemos investigar.

Figura 1.  
**Mapa Conceptual da Investigação – análise a três planos.**



*Legenda:* SC – Satisfação Conjugal; SV – Satisfação com a Vida; e+ e e- Estados emocionais positivos e negativos; i – intimidade; p – proximidade; v.s.b – variáveis sócio-biológicas,

Estabeleceram-se os seguintes *objectivos específicos* para este estudo:

- Compreender e descrever as variáveis para as participantes que constituíram a amostra da nossa população-alvo (N=168);

- Caracterizar as participantes deste estudo, no que diz respeito às variáveis sócio-biográficas, nomeadamente: idade, nível de escolaridade, categoria profissional, situação relacional e tempo da relação (actual e anterior), número de filhos por mulher e tipologia de filhos, agregado familiar, divórcio dos pais, posição na fratria e posição do companheiro na fratria. (N=168);
- Caracterizar as participantes deste estudo, ao nível das diferentes variáveis, nomeadamente: Satisfação Conjugal, Satisfação com a Vida; Intimidade; Proximidade; Emoções positivas e Emoções negativas;
- Perceber e identificar as relações entre a Satisfação com a Vida com as seguintes variáveis: Satisfação Conjugal; Intimidade; Proximidade; Emoções positivas e Emoções negativas;
- Perceber e identificar as relações entre a Satisfação Conjugal com as seguintes variáveis: Satisfação com a Vida; Intimidade; Proximidade; Emoções positivas e Emoções negativas;
- Perceber e identificar a interferência das variáveis sócio-biográficas, nas relações anteriormente identificadas;
- Verificar se entre o 1º e o 2º casamento há diferenças relativamente às variáveis dependentes (i.e., Satisfação Conjugal; Satisfação com a Vida; Intimidade; Proximidade; Emoções positivas e Emoções negativas).

### 3. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Face a este cenário de investigação, para atingir os objectivos propostos, optámos pelo paradigma empirista/positivista, com uma metodologia quantitativa e correlacional uma vez que procura explicar e prever padrões comportamentais, por meio da análise de relações entre variáveis, explorando de forma aberta todo o universo com que nos deparamos, permitindo-nos comparar dois grupos em situação conjugal diferente e arriscar explicações e

novas formulações teóricas sobre fenómenos da conjugalidade e da pessoa, que procuramos aprofundar.

Nesta linha, a recolha dos dados decorreu num único momento de avaliação para cada respondente, tendo sido efectuada por meio de instrumentos de auto-relato, seguidamente apresentados em maior detalhe.

Esta investigação pretende estudar uma amostra da população portuguesa e que, por questões de conveniência, foi delimitada ao sul do país. Optámos por estudar participantes apenas de um sexo, pois embora diversos autores concluam, como já dissemos anteriormente, que as semelhanças entre homens e mulheres são maiores que as diferenças (Narciso & Ribeiro, 2009), a complexidade que os papéis de género e os estereótipos iriam trazer para a nossa investigação alargaria substancialmente o objecto de estudo. Escolhemos o sexo feminino pela facilidade no processo de recolha de dados e pela fama que o estereótipo de género lhe atribui, enquanto mais capaz de estabelecer relações de intimidade, a “perita em relações” (idem, p.209). Nesta investigação quisemos que as respondentes estivessem de alguma forma a exercer a sua função maternal<sup>35</sup>, dado a inter-influência sistémica da conjugalidade com a parentalidade. Por fim, e como inevitável para a avaliação da satisfação, intimidade e proximidade conjugais as participantes deveriam estar a coabitar, sem qualquer exigência de estatuto, há mais de um ano<sup>36</sup>.

### *3.1. A Amostra*

No ANEXO 2 podemos verificar as principais características sócio-biográficas da amostra global do presente estudo, complementado pelos quadros 2 e 3 que representam a

---

<sup>35</sup> Nota: *marental* seria mais correcto, existindo o termo.

<sup>36</sup> Habitualmente a literatura apela ao período de pelo menos 2 anos de relação conjugal ou união de facto para a considerar com um grau mínimo de estabilidade. Nós optámos por 1 ano dada a evolução da rapidez com que as actuais relações amorosas se fazem e se desfazem.

mesma análise descritiva mas por grupos comparativos de mulheres em primeira relação<sup>37</sup> (108, que representam 64,3%) e de mulheres em segunda relação (60, que representam 35,7%) numa amostra com 168 mulheres, com idades compreendidas entre os 20 e os 68 anos, ainda que na sua maioria entre os 30 e os 39 (44,1%). Em termos de habilitações literárias, e um pouco devido aos procedimentos de recolha, 50,6% tem o Curso Universitário completo, o que é pouco representativo da população portuguesa feminina com estes níveis etários. Quando olhamos para a amostra das mulheres recasadas notamos que este valor ascende aos 55%. É de notar que o nível do 9º ano e escolas profissionais aparece como segundo grupo de habilitações literárias (32,1%), sendo que cerca de um quarto da amostra (25,2%) se apresenta como estudantes nos Cursos de Educação e Formação de Adultos. No que diz respeito à ocupação das mulheres, mais uma vez a percentagem de mulheres que aparece como desempregada (26,8%) pode cobrir exactamente o grupo de estatuto de estudante. Todas as outras são elas mulheres activas com uma profissão (73,2%) e destas 39,9% sente-se bastante satisfeita com o trabalho e apenas 3,6% se sente pouco satisfeita.

No que diz respeito ao tempo de duração das relações (casamentos ou uniões de facto) que as mulheres estão a viver no momento, apresenta-se maioritariamente entre 8 e 14 anos (34,6%), sendo seguido de perto pelas relações de 3 a 7 anos (28,6%), notando-se uma diferença significativa nas mulheres em segundas relações as quais apresentam este tempo médio com maior frequência (43,3%). Para este mesmo grupo de mulheres recasadas ou reacasaladas, é igual a percentagem que permaneceu na sua primeira relação pelo período de 3 a 7 anos (43,3%).

No que concerne ao número de filhos verificamos que a maioria das mulheres tem em média 2 filhos (44,6%) quer esteja numa primeira relação (49,1%) quer esteja a viver uma segunda relação (36,7%). Talvez seja importante notar que as mulheres com maior número de

---

<sup>37</sup> Estes dois grupos vão surgir no estudo, com a nomenclatura de 1º casamento e 2º casamento ou simplesmente 1º grupo e 2º grupo.

filhos são aquelas que vivem em famílias recompostas (13,3% com 4 filhos e 5% com 5 filhos). Quando vamos observar o tipo de filhos verificamos que sendo a grande maioria filhos biológicos (96,4%) para ambos os grupos de mulheres, os filhos das mulheres em segundo casamento são em 50% da primeira relação e em 78,3% da segunda relação, As mulheres em segundos casamentos que apresentam maior número de filhos da segunda relação contam e integram os enteados (28,3%). Os filhos adotivos são eles considerados como filhos actuais ou vindos da primeira relação.

Sobre os agregados familiares, a grande maioria são “simples” compostos por casal e filhos (89,9%), sendo que este valor diminui nas mulheres em segundas relações que apresentam o agregado familiar composto apenas pelo casal em 13,3%.

A percentagem de mulheres que viveu o divórcio dos pais (14,9%) só muito sensivelmente difere nas mulheres que se encontram em segundas relações (18,3%) das que se encontram em primeiras relações (13,0%).

Nas fratrias as mulheres em segundas relações são mais filhas únicas (16,7%) enquanto as de primeiros casamentos apresentam uma percentagem mais baixa (10,2%), apresentando-se, no entanto, as mais velhas das suas fratrias (31,5%) contra 23,3% das mulheres em segundas relações. São os companheiros das mulheres em primeiro casamento que são únicos (19,4%) mas são os mais novos que se unem às mulheres em segundos casamentos (36,7%).

### *3.2. Instrumentos de auto-relato*

A revisão da literatura deu-nos conta de um conjunto de instrumentos que permitem avaliar as dimensões em estudo. Documentados sobre as suas características psicométricas e obtidas as autorizações necessárias para a sua utilização, considerámos interessante utilizar

cinco instrumentos de auto-relato: para avaliar a satisfação destas mulheres face à vivência da sua relação diádica amorosa (*Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal*; Narciso & Costa, 1996), o grau em que cada mulher se sente íntima nas várias dimensões da sua relação (*Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale* para a população Portuguesa; Moreira, Amaral & Canavarro, 2009), o nível de proximidade apercebido por elas (*Escala de Inclusão do Outro no Self*; Aron, Aron & Smallen, 1992), e ainda como é que avaliam a satisfação que sentem em relação à sua vida, enquanto vertente cognitiva (*Escala de Satisfação com a Vida*; Simões, 1992) e os estados emocionais mais vivenciados ou seja uma dimensão mais afectiva da avaliação que fazem da Vida (*Inventário de Estados Afetivos Reduzido*; Moreira & Gamboa, 2010). Para além destes instrumentos foi igualmente aplicado um questionário sócio-biográfico adaptado para os propósitos do estudo (Questionário Sócio-biográfico; Toman, 1993), cuja síntese de resultados apresentámos anteriormente para caracterização da amostra.

### 3.2.1. *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal*

A Satisfação que as participantes sentem em relação à sua vida conjugal foi medida através dos 44 itens da EASAVIC (*Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal*) – de Isabel Narciso e Maria Emília Costa (1996). Este instrumento destina-se a avaliar a satisfação da pessoa relativamente a duas dimensões da conjugalidade: o Funcionamento conjugal e o Amor, sendo composto por frases como “O modo como resolvemos os conflitos” ou “O que sinto pelo meu cônjuge” ou ainda “O apoio emocional que o meu cônjuge sente por mim” (ver ANEXO 3). A resposta aos itens da EASAVIC é dada numa escala de *Likert* em seis pontos, o que permite que cada indivíduo avalie a sua satisfação em cada um dos itens, escolhendo entre 1 (*Pouco Satisfeita*) até 6 (*Completamente*

*Satisfeita*). Todas as frases e narrativa da escala foram adaptadas ao género feminino, dada a amostra em questão. No estudo inicial (Narciso & Costa, 1996) os 44 itens, correspondiam a zonas da vida conjugal que se organizavam em 5 áreas relativas à dimensão *funcionamento conjugal*<sup>38</sup> (Funções Familiares, Tempos Livres, Autonomia, Relações Extra-Familiares, Comunicação e Conflitos) e a 5 áreas da vida conjugal relativas à dimensão do *Amor*<sup>39</sup> (Sentimentos e Expressão de Sentimentos, Sexualidade, Intimidade Emocional, Continuidade, Características Físicas e Psicológicas). No novo estudo actualizado e ainda não publicado (Narciso, 2009) os 44 itens organizam-se em torno de uma estrutura de sete factores, correspondentes às várias áreas da vida conjugal e cada um deles composto por um conjunto de itens: *Atracção, Intimidade e Compromisso* (AIC) com 14 itens e valores de  $\alpha=.95$ , *Sexualidade* (S) com 7 itens e valores de  $\alpha=.93$ , *Comunicação, Expressividade afectiva e Conflito* (CEC) com 9 itens e valores  $\alpha=.93$ , *Funções Familiares* (FF) com 4 itens e valores  $\alpha=.84$ , *Tempos Livres* (TL) com 2 itens e valores de  $\alpha=.70$ , *Individualidade/Autonomia* (IA) com 4 itens e valores de  $\alpha=.82$ , e *Rede Social* (RS) com 3 itens e valores de  $\alpha=.73$ . O resultado da escala global pode dar-nos a Satisfação Conjugal Global e também poderá dar-nos os resultados relativos à satisfação conjugal em cada dimensão ou factor, através da soma da média da pontuação atribuída aos respectivos itens.

Trata-se de um instrumento que nos apresenta uma fiabilidade com valores de  $\alpha=.97$ , tendo a análise em componentes principais revelado uma estrutura unifactorial constante (cf. Narciso, 2009 para uma revisão).

---

<sup>38</sup> *Funcionamento Conjugal*, definido como “o modo como se organizam e regulam as relações no holon conjugal e/ou familiar, e as relações com sistemas extra-familiares” (Narciso & Costa, 1996, p.117).

<sup>39</sup> *Amor*, definido como “sentimentos que cada um nutre pelo outro e/ou pela relação. Estando pois presentes de um modo mais ou menos explícito, atributos inerentes aos componentes do amor: paixão, intimidade e investimento/compromisso” (Narciso & Costa, 1996, p.117).

### 3.2.1.1. Análise das qualidades psicométricas: Fiabilidade da escala

A análise da consistência interna revelou factores de *alpha de Cronbach* que se situam entre .79 e .98 reportando valores adequados nos vários factores. O Quadro 1 permite comparar os valores encontrados neste estudo em relação àqueles referenciados no estudo mais actual de validação do instrumento (2009).

Quadro 1.

*Alphas de Cronbach da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal, comparativamente com os resultados encontrados por Narciso (2009)*

<i>Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal</i>	Amostra N= 168	Narciso (2009) N= 629
Atracção, Intimidade e Compromisso (AIC)	.97	.95
Sexualidade (SEX)	.95	.93
Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito (CEC)	.95	.93
Funções Familiares (FF)	.86	.84
Tempos Livres (TL)	.82	.70
Individualidade/Autonomia (IA)	.86	.82
Rede Social (RS)	.79	.73
Escala Global (Factor Único)	.98	.97

Reforçando o estudo do instrumento no âmbito da sua precisão e homogeneidade, procedemos à análise das correlações inter-itens e correlações item-total para a nossa amostra. O Quadro 2 dá-nos conta desses resultados.

Quadro 2.

*Correlações inter-itens e item-total da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal*

Fiabilidade da Escala	Correlação Inter-itens			Correlação item total	
	Média	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo
Atracção, Intimidade, Compromisso	.669	.407	.907	.654	.863
Sexualidade	.737	.599	.859	.70	.901
Comunicação, Expres. afectiva, Conflito	.69	.454	.906	.641	.869
Funções Familiares	.609	.488	.796	.605	.795
Tempos Livres	.69	.69	.69	.69	.69
Individualidade / Autonomia	.617	.526	.908	.633	.798

As correlações mais elevadas são habitualmente entre itens conjugados, i.e., “a admiração que eu sinto por ele” com a “admiração que ele sente por mim”. (cada item mais ou menos elevado na folha de rascunho)

### 3.2.2. *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale*

A maneira como as participantes avaliam a experiência de intimidade, enquanto componente principal da situação conjugal em que vivem, foi medida por 35 itens na versão Portuguesa da PAIR (*Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale*) – de Moreira, Amaral e Canavarro (2009). Este instrumento, pretende avaliar o grau de intimidade percebida pelas participantes nas suas relações<sup>40</sup>, relativamente a três factores ou dimensões: *Validação Pessoal, Comunicação e Abertura ao Exterior*. Estas dimensões da escala foram sendo organizadas a partir da análise factorial efectuada para a população Portuguesa e que não confirmou a original, resultando nesta solução de três factores que receberam estas designações em parte pela boa fiabilidade e validade do instrumento. O factor 1, a *Validação Pessoal* (correspondente à escala *Engagement* da versão de Moore *et al.*(1998)) constituída por 14 itens, refere-se ao sentimento de que se é aceite e compreendido pelo outro, o que, por sua vez, permite a abertura à auto-revelação de aspectos privados e íntimos. (Moreira, Amaral & Canavarro, 2009), (e.g. “quando se trata de uma discussão séria, parece que temos pouco em comum”); O factor 2, a *Comunicação* que deve existir para que a revelação entre os parceiros seja sentida como autêntica, desenvolvendo a capacidade de comunicar, de resolver conflitos e gerir as diferenças e os acontecimentos perturbadores com o outro. Este factor engloba 10 itens (e.g. “posso falar dos meus sentimentos sem que ele se torne defensivo”); Por último o factor 3, *Abertura ao Exterior* (correspondendo ao factor *Shared Friendship* da versão de Moore *et al.* (1989)), composto por 5 itens, relacionados com a abertura da díade conjugal aos outros, amigos, partilha (e.g. “muitos dos amigos mais próximos do meu companheiro são também os meus amigos mais próximos”). Este instrumento engloba ainda uma escala de *Convencionalidade* com 6 itens, idêntica à escala de convencionalidade

---

<sup>40</sup> Na sua versão original a PAIR contém uma secção de itens que pretendem medir a intimidade desejada e que no caso da presente versão Portuguesa, com a respectiva autorização dos autores foi excluída, pela falta de adequação dos itens. (Moreira, Amaral & Canavarro, 2009)

incluída no instrumento original e que tem como objectivo avaliar a desejabilidade social presente nas respostas do indivíduo. O questionário é construído numa escala de *Likert* em cinco pontos podendo escolher entre 0 (*discordo fortemente*) até 4 (*concordo fortemente*) e onde valores mais elevados indicam níveis de intimidade maiores tendo em conta a conversão dos itens invertidos. Mais uma vez, e para este estudo, as frases e narrativa foram adaptadas por nós ao género feminino.

A versão Portuguesa da PAIR revelou-se uma medida consistente do constructo de intimidade. Seguem-se os índices de fiabilidade encontrados pelos autores e aqueles encontrados no nosso estudo, que confirmam a fiabilidade do instrumento para este propósito.

### 3.2.2.1. Análise das qualidades psicométricas: Fiabilidade da escala

A análise da consistência interna revelou factores de *alpha de Cronbach* que se situam entre .706 e .946, reportando assim valores adequados para os três factores e para a escala de Convencionalidade, e ligeiramente superiores aos encontrados no estudo de validação. O Quadro 3 permite comparar os valores encontrados neste estudo por referência àqueles observados no estudo original de validação do instrumento para a população Portuguesa.

Quadro 3.

*Alphas de Cronbach da Escala PAIR – Personal Assessment of Intimacy in Relationships – para a versão Portuguesa, comparativamente com os resultados encontrados por Moreira, Amaral & Canavarro (2009)*

	Amostra N = 168	M.,A. & C. N = 314
Factor 1 - Validação Pessoal	.900	.883
Factor 2 - Comunicação	.897	.874
Factor 3 - Abertura ao Exterior	.706	.710
Escala de Convencionalidade	.823	.815
Factor Único - Escala global	.946	.920

No que se refere à homogeneidade do instrumento, encontramos valores muito adequados em todas as dimensões ainda que um pouco inferior ao desejável para o terceiro factor – (*Abertura Ao Exterior*).

---

Quadro 4.  
*Correlações inter-itens e item-total da Escala PAIR*

Fiabilidade da Escala	Correlação Inter-itens			Correlação item total	
	Média	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo
Validação Pessoal	.392	.156	.723	.303	.773
Comunicação	.467	.286	.679	.457	.776
Abertura ao Exterior	.324	.122	.535	.243	.652
Convencionalidade	.455	.299	.696	.483	.771

---

### 3.2.3. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)

A Satisfação com a Vida é um constructo que faz referência ao grau de contentamento com a maneira como tem decorrido a própria vida, um julgamento global realizado no exacto momento em que é aplicado o instrumento. Esta escala mede a componente cognitiva de um outro constructo, o bem-estar subjectivo. Construída inicialmente por Diener, Emmons, Larsen e Griffen (1985) foi adaptada pela primeira vez em Portugal por Neto (1990) sendo que optámos por utilizar neste estudo a versão validada por António Simões, tendo a primeira sido retocada, por este autor, na tradução, de forma a tornar o conteúdo mais compreensível para todas as populações e reduzido o número de alternativas de resposta de sete para cinco (Simões, 1992). A escala ESCV (ver ANEXO 3) é assim composta por cinco itens que cobrem apenas um factor com afirmações do género “Estou satisfeita com a minha vida” face as quais as respondentes devem indicar o seu grau de concordância/discordância numa escala de *Likert* com cinco categorias, variando entre 1 (*discordo muito*) e 5 (*concordo muito*), de forma que os resultados obtidos oscilam entre um mínimo de 5 e um máximo de 25, indicando tanto maior satisfação com a vida, quanto mais elevado o *score*.

### 3..2.3.1.Análise das qualidades psicométricas: Fiabilidade da escala

A versão da escala no presente estudo, versão de Simões (1992), apresenta um *alpha de Cronbach* para o único factor claramente satisfatório de .87 que nos permite com garantias, utilizar os seus dados na presente investigação. Pela comparação com os valores obtidos por Simões (1992) - .77 - podemos observar um acréscimo muito razoável que podemos hipotetizar ser devido à heterogeneidade da nossa amostra, comparada com a amostra utilizada por Simões – alunos de ensino superior. Ao mesmo tempo devemos ter em consideração que a nossa amostra é composta apenas por mulheres o que acrescenta mais diferença em relação à amostra do autor.

Procurámos comprovar a homogeneidade dos itens avaliando as correlações inter-itens e item-total e os resultados foram, como consta no Quadro 5, totalmente satisfatórios e ligeiramente superiores aos obtidos por Simões (1992) - (min.49 - máx.63).

---

Quadro 5.  
*Correlações inter-itens e item-total da Escala SWLS*

Fiabilidade da Escala	Correlação Inter-itens			Correlação item total	
	Média	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo
SWLS	0,58	0,416	0,75	.595	.791

---

### 3.2.4. Inventário de Estados Afectivos – Reduzida (IEA-R)

As emoções são um dos aspectos mais reveladores do funcionamento humano bem como bons indicadores da satisfação com a Vida. Os estados emocionais têm grande influência na percepção fenomenológica, na fisiologia, na motivação, no comportamento e em todos os outros processos e dimensões do ser humano (Moreira, 2010). Estas múltiplas

conexões explicam o interesse generalizado da avaliação psicológica dos estados emocionais e do nosso interesse em particular. Quais as emoções sentidas por estas mulheres com mais frequência? E com que intensidade? Este instrumento, recentemente reformulado pelo autor, visa medir a intensidade de estados emocionais e afectivos organizados num conjunto de cinco factores que correspondem a (1) *Emoções negativas*, (2) *Emoções de activação positiva*, (3) *Emoções de auto-eficácia*, (4) *Emoções pró-sociais* e (5) *Emoções de serenidade (low-arousal positive emotions)*. Cada um destes factores representa uma escala que inclui um conjunto de itens que medem um estado afectivo específico. Ao todo são 19 os itens (palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções, por exemplo “angustiada”, “competente”, “tranquila”) que a respondente deve pontuar numa escala de *Likert* de cinco pontos, variando entre (1) “*muito pouco ou nada*” e (5) “*extremamente*”.

A construção do IEA-R foi baseada numa lista compreensiva de palavras que representavam emoções na língua Portuguesa (Europeia), obtida através de diversos processos: pesquisa da literatura das emoções e elaboração de conjuntos de questionários com segmentos de estados emocionais (em inglês e em português), com várias traduções e retroversões, relacionando outras emoções de forma que as primeiras àquelas se associassem de forma exaustiva. Este processo inicial resultou em 103 palavras que através de questionários foram sendo incluídas ou excluídas dependendo da resposta ser mais (1) “*muito pouco ou nada*” ou (2) “*extremamente*”. Após este processo inicial o autor correlacionou os resultados obtidos com os de outras escalas e questionários<sup>41</sup>, até chegar ao Inventário actual.

---

<sup>41</sup> *Social Support Questionnaire, Short Form*; Sarason, Sarason, Shearing & Pierce, 1987, *Social Provision Scale*; Cutrona & Russell, 1987, *Perceived Stress Scale*; Cohen, Kamarck, & Mermelstein, *Attachment and Quality of Relationships Inventory*, Moreira (2002), *Brief Bidimensional Coping Questionnaire*, retirado da versão portuguesa do *Ways of Coping Questionnaire* (Folkman & Lazarus, 1988), *Big Five Inventory*, donde se retiraram 44 itens do *Big Five Model of Personality* (John & Srivastava, 1999). Todos estes questionários e Inventários têm versões Portuguesas em co-autoria com o autor.

### 3.2.4.1. Análise das qualidades psicométricas: Fiabilidade das escalas

Moreira (2010) obteve níveis muito satisfatórios de consistência interna que podemos observar no Quadro 6 e comparar com aqueles que obtivemos na presente investigação.

#### Quadro 6.

*Alphas de Cronbach do Inventário de Estados Afetivos, versão reduzida, comparativamente aos de Moreira (2010)*

<i>Fiabilidade das Escalas do Inventário de Estados Afetivos</i>	<i>Amostra N = 168</i>	<i>Moreira (2010) N= 280</i>
Emoções Negativas	.74	.89
Emoções de Activação Positiva	.77	.84
Emoções de Auto-Eficácia	.76	.81
Emoções Pró-Sociais	.84	.78
Emoções de Serenidade	.84	.76

#### Quadro 7.

*Correlações inter-itens e item-total do Inventário de Estados Afetivos, versão reduzida*

<i>Fiabilidade das Escalas</i>	<i>Correlação Inter-itens</i>			<i>Correlação item total</i>	
	<i>Média</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
Emoções Negativas	.429	.277	.519	.494	.645
Emoções de Activação Positiva	.466	.274	.637	.465	.745
Emoções de Auto-Eficácia	.449	.29	.623	.406	.637
Emoções Pró-Sociais	.543	.504	.62	.651	.69
Emoções de Serenidade	.632	.536	.74	.584	.78

### 3.2.5. Escala de Inclusão do Outro no Self (IOS)

A avaliação da proximidade na relação conjugal – proximidade percebida na relação, pelas respondentes – foi realizada através da IOS *Inclusion of Other in the Self Scale* de Aron, Aron e Smollan (1992).

A proximidade é definida primeiramente por Berscheid, Snyder e Omoto como “um construto multidimensional consistindo em quantidade de tempo passado em conjunto (frequência) variedade de interações (diversidade), e grau de influência percebida que o Outro tem nas decisões, actividades e planos (forças) de alguém” (1989; in Aron, Aron & Smollan, 1992, p. 596).

A IOS é uma escala pictórica composta por apenas um item que se subdivide em sete diagramas de Venn que simbolizam diferentes graus de sobreposição entre dois círculos (ver ANEXO 3 – Protocolo de investigação) os quais representam, por sua vez, o *self* e o *outro*. As figuras são desenhadas de tal forma que a área de cada uma delas é constante e o grau de sobreposição progride linearmente criando uma escala de intervalos com sete níveis. É pedido às respondentes que escolham a imagem que melhor representa a sua relação – da menor para a maior proximidade. Segundo os autores, esta escala fundamenta-se teoricamente na ideia de proximidade enquanto *selves* sobrepostos, que tem sido defendida por diversos autores da psicologia social. O modelo de expansão do *self*, defende que numa relação próxima o indivíduo actua como se parte ou todos os aspectos (recursos, perspectivas ou características) do seu companheiro fossem, em certa medida, dele próprio (Aron *et al*, 1992). A partir dos estudos psicométricos realizados, os autores consideraram que a escala mede duas dimensões que podem estar incluídas na proximidade: o “sentir-se próximo” e o “agir próximo”. “Mais recentemente, veio a ser considerado que esta escala permite ainda avaliar o “pensar próximo” (Crespo, cit. Pacheco, 2008).

#### 3.2.5.1. Análise das qualidades psicométricas: Fiabilidade da escala

Aron, Aron e Smollan (1992) avaliaram a fiabilidade da escala comparando-a com outra que continha imagens em forma de diamante em vez dos diagramas de Venn, obtendo

um *alpha* para a primeira de .95 para o subgrupo das relações românticas. Entre múltiplos métodos avaliativos das qualidades psicométricas da escala, os autores obtiveram no *teste-reteste* uma correlação de .85 para o mesmo tipo de relações (Aron *et al.*, 1992) e consideraram, nas correlações encontradas com outras medidas de proximidade, nomeadamente *RCI total* (*Relationship Closeness Inventory* by Berscheid, Snyder e Omoto, 1989) *Sternberg Intimacy Scale* (1988), que a IOS apresentava valores mais elevados para as relações românticas.

### 3.2.6. *Questionário Sócio-Biográfico*

O Questionário Sócio-Biográfico foi adaptado do *S. E. Q. (Social Environment Questionnaire)*, de W. Toman (1993), por Fernandes, Alarcão e Raposo (2007) e readaptado por nós, para esta investigação. O QSB inicial inquiria o sujeito em muito mais áreas quer sobre a sua condição, dos seus pais e irmãos, quer sobre a sua história familiar, como sobre a posição fraternal e perdas sofridas pelos vários membros da família. Os autores apresentavam-no com carácter de anamnese e com o objectivo de reconstituição da constelação familiar - estrutura e funcionamento (Fernandes, Alarcão & Raposo, 2007). Nós fomos reduzindo progressivamente a informação a recolher, mantendo no entanto as informações acerca da posição e perdas na fratria quer da respondente quer do seu parceiro. Optámos por manter a denominação que os autores lhe deram por entendermos que acedíamos ao conjunto de dados de natureza pessoal, familiar, logo, biográfica, tais como: a idade, nacionalidade, nível de escolaridade, situação profissional, alguns dados sobre a situação relacional, sobre os filhos e o agregado familiar, fratrias e sobre os pais da respondente.

### 3.3. *Procedimentos de recolha de dados*

Estabelecidos os critérios de integração na amostra - ser do sexo feminino, ser mãe ou estar a exercer a sua parentalidade (biológica, madrasta ou adoptiva), estar a viver em coabitação há mais de um ano - foram entregues 250 questionários e recebemos preenchidos cerca de 175 (em envelopes fechados), dos quais ficaram 168 porque os outros foram excluídos por omissão de respostas ou porque não correspondiam aos critérios da amostra. A recolha foi realizada de diversas formas o que, a nosso ver pode interferir nos resultados finais da investigação. A administração dos instrumentos foi realizada entre Janeiro e Março de 2010, por duas vias diferentes: em contexto de grupo e na presença do investigador ou em contexto individual após ter sido entregue à respondente e sendo por ela posteriormente devolvido ou enviado. Em todas as administrações as respondentes receberam um conjunto de instruções escritas onde foram explicados, de forma sucinta, os objectivos gerais do estudo, sendo assegurada a confidencialidade e o anonimato das respostas.

Todos os protocolos foram posteriormente codificados, introduzidos numa base de dados e sujeitos a tratamento estatístico, tendo sido utilizado o programa *SPSS for Windows versão 17.0 (Statistical Package for the Social Sciences)*.

A análise e interpretação dos dados foram realizadas à luz dos objectivos e das questões de investigação tendo por base o quadro conceptual que lhe deu origem.

## RESULTADOS

---

*Não foi desde o início que os deuses revelaram tudo aos mortais,  
Mas com o correr do tempo, procurando, vamos descobrindo o melhor*  
**Xenófanes**

Definidos os objectivos do nosso estudo e vistos os procedimentos metodológicos, é agora o momento de apresentar os resultados.

Num primeiro momento, apresentamos os resultados da estatística descritiva para os instrumentos utilizados. Seguir-se-ão as análises efectuadas em consonância com os objectivos definidos. Começámos pela análise à normalidade da amostra, que nos fez enveredar pela escolha de testes não paramétricos; procedeu-se às análises das correlações entre as várias dimensões em estudo; as análises diferenciais de resultados em função das variáveis sócio-biográficas e, por último, as análises comparativas entre os dois grupos da nossa amostra – as mulheres em primeiro relacionamento e as mulheres em segundo relacionamento – com as quais procurámos explorar diferenças e semelhanças.

### 1. ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Apresentamos de seguida a estatística descritiva dos instrumentos utilizados, descrevendo o comportamento das variáveis do presente estudo para o total da amostra (N=168). Para cada um dos instrumentos expomos ainda, sistematizando os dados apresentados anteriormente, informação relativa às dimensões/factores avaliados, escala de resposta, número de itens e forma de cálculo para obtenção dos resultados.

#### 1.1. *SWLS - Escala de Satisfação com a Vida*

O valor médio para a variável dependente “escala de Satisfação com a Vida” encontrado na nossa amostra foi de  $M=18.08$ , superior ao valor médio então encontrado pelo autor Simões (1992) para as mulheres ( $M=15.85$ ). (Quadro 8)

---

Quadro 8.  
*Estatística Descritiva da SWLS*

---

***Escala de Satisfação com a Vida***

<i>Dimensões / Factores</i>	1 Dimensão: Satisfação com a Vida
<i>Escala de Resposta</i>	1 ( <i>discordo muito</i> ) e 5 ( <i>concordo muito</i> )
<i>Resultados</i>	Soma dos 5 itens para o resultado global (de 5 a 25)
<i>Número de itens</i>	5 itens

---

		SWLS
Média		18,0838
95% intervalo de confiança	Limite baixo	17,3011
Para média	Limite alto	18,8665
Mediana		19,0000
Desvio Padrão		5,12308
Mínimo		5,00
Máximo		25,00

---

1.2. *IEA-R - Inventário de Estados Afetivos-Reduzida*

Os valores médios encontrados na nossa amostra ficam entre os valores obtidos por Moreira nas situações de elevado stress, para *emoções negativas* por exemplo,  $M=11.64$ ,  $DP=3.75$ , e de baixo stress para o mesmo factor  $M=8.28$ ,  $DP=3.26$ ; mas demonstram valores mais elevados para os restantes factores, respectivamente, para *emoções de activação positiva*  $M=5.07$ ,  $DP=2.05$  e de baixo stress para o mesmo factor  $M=6.98$ ,  $DP=2.43$ ; para *emoções de auto-eficácia*  $M=11.71$ ,  $DP=2.46$  e de baixo stress para o mesmo factor  $M=13.27$ ,  $DP=2.27$ ; para *emoções pró-sociais*  $M=11.12$ ,  $DP=2.96$  e de baixo stress para o mesmo factor  $M=14.30$ ,  $DP=2.32$ ; para *serenidade*  $M=6.10$ ,  $DP=2.46$  e de baixo stress para o mesmo factor  $M=8.40$ ,  $DP=2.42$ . (Quadro 9)

---

**Quadro 9.***Estatística descritiva do Inventário de Estados Afetivos - Reduzida*

---

***Inventário de Estados Afetivos - Reduzida***

---

<i>Dimensões / Factores</i>	5 Factores: <i>Emoções negativas, Emoções de activação positiva, Emoções de auto-eficácia, Emoções pró-sociais e Emoções de serenidade</i>
<i>Escala de Resposta</i>	1 ( <i>muito pouco ou nada</i> ) e 5 ( <i>extremamente</i> )
<i>Resultados</i>	Média da soma dos itens para cada subescalas ou estado afectivo, sendo o factor EN tido em conta de forma invertida.
<i>Número de itens</i>	19 itens (4 para cada um dos factores EN; EP; EAE;EPS e 3 no factor ES).

---

	EN	EP	EAE	EPS	ES
Média	6,8155	10,6845	14,6667	15,3155	9,3869
Desvio Padrão	2,56564	3,02710	2,47059	2,72082	2,36726
Mínimo	4,00	4,00	6,00	8,00	3,00
Máximo	16,00	20,00	20,00	20,00	15,00

---

Legenda: EN-Emoções Negativas; EP-Emoções de activação Positiva; EAE-Emoções de Auto-Eficácia  
EPS – Emoções Pró-Sociais; ES – Emoções de Serenidade.

---

**1.3. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal**

O valor médio para a variável dependente “escala de avaliação da Satisfação em áreas da vida Conjugal” encontrado na nossa amostra foi de  $M=198.83$ , com um desvio padrão de  $DP=39.92$  (Quadro 10).

---

**Quadro 10.***Estatística Descritiva da EASAVIC*

---

***Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal***

---

<i>Dimensões / Factores</i>	7 Dimensões: <i>Atração, Intimidade e Compromisso; Sexualidade; Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito; Funções Familiares; Tempos Livres, Individualidade/Autonomia; Rede Social</i>
<i>Escala de Resposta</i>	1 ( <i>Nada Satisfeita</i> ) a 6 ( <i>Completamente Satisfeita</i> )
<i>Resultados</i>	Média da soma dos itens das subescalas respectivas para cada dimensão; Média da soma dos 44 itens para o resultado global
<i>Número de itens</i>	44 itens (14 na dimensão AIT; 7 na dimensão S; 9 na dimensão

CEAC; 4 na dimensão FF; 2 na dimensão TL; 4 na dimensão I/A; 3 na dimensão RS)

	SC	AIC	S	CEAC	FF	TL	I/A	RS	
Média	198,8323	69,9880	33,3293	40,7844	16,3234	7,4671	18,1916	12,7485	
Confiança 95%	Lim. baixo	192,7336	67,7682	32,2058	39,2913	15,6784	7,1114	17,5879	12,2505
	Lim. alto	204,9310	72,2079	34,4528	42,2775	16,9683	7,8227	18,7953	13,2465
Mediana	204,0000	73,0000	34,0000	43,0000	16,0000	8,0000	18,0000	13,0000	
Desvio Padrão	39,91809	14,52957	7,35375	9,77279	4,22167	2,32789	3,95141	3,25931	
Mínimo	59,00	18,00	7,00	9,00	6,00	2,00	9,00	4,00	
Máximo	264,00	90,00	42,00	54,00	24,00	12,00	24,00	18,00	

*Legenda:* SC – Satisfação Conjugal; AIC - Atracção, Intimidade e Compromisso; S – Sexualidade; CEAC - Comunicação, Expressividade Afetiva e Conflito; FF – Funções Familiares; TL – Tempos Livres; I/A – Individualidade/Autonomia; RS – Rede Social.

#### 1.4. IOS - Escala de Inclusão do Outro no Self

O valor médio para a variável dependente “escala de Inclusão do Outro no Self” encontrado na nossa amostra foi de  $M=5.11$ , com um desvio padrão de  $DP=1.59$  (Quadro 11).

Quadro 11.  
*Estatística Descritiva da IOS*

#### ***Inclusão do Outro no Self***

<i>Dimensões / Factores</i>	Multidimensional, pictórica.
<i>Escala de Resposta</i>	7 diagramas pictóricos (subjectivamente de <i>afastado 1, a fundido 7</i> )
<i>Resultados</i>	Cada resposta significa um grau de proximidade diferente.
<i>Número de itens</i>	1 item

IOS	
Média	5,11
Desvio Padrão	1,590
Mínimo	1
Máximo	7

### 1.5. PAIR - *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale*

O valor médio para a variável dependente “Escala de Avaliação da Intimidade Pessoal nos Relacionamentos”<sup>42</sup> encontrado na nossa amostra foi de  $M=99.26$ , com um desvio padrão de  $DP=22.26$ . Os valores médios para as subescalas são semelhantes aos encontrados pelos autores, em especial os dois últimos factores e a escala de *convencionalidade*. Para o valor médio global encontramos alguma diferença em relação à amostra mista da população portuguesa, ( $M=81.35$ ,  $DP=16.66$ ). (Quadro 12).

Quadro 12.  
*Estatística Descritiva da PAIR*

#### ***Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale***

<i>Dimensões / Factores</i>	3 Factores e 1 Escala: Validação Pessoal; Comunicação; Abertura ao Exterior. Convencionalidade.
<i>Escala de Resposta</i>	0 ( <i>discordo fortemente</i> ) a 4 ( <i>concordo fortemente</i> )
<i>Resultados</i>	Média da soma dos itens das subescalas respectivas após conversão dos itens invertidos; Média da soma dos 35 itens após conversão dos itens invertidos, para o resultado global
<i>Número de itens</i>	35 itens (14 na dimensão Validação Pessoal; 10 na dimensão Comunicação; 5 na dimensão Abertura ao Exterior; 6 na escala de Convencionalidade)

	PAIR global	ValidaçãoPessoal	Comunicação	AberturaExterior	Convencionalidad	
Média	99,2575	40,6407	30,0359	13,3293	15,2515	
95% intervalo de confiança	Limite baixo	95,8565	39,0683	28,9741	12,7748	14,4988
	Limite alto	102,6585	42,2132	31,0977	13,8839	16,0042
Mediana	102,0000	42,0000	31,0000	14,0000	15,0000	
Desvio Padrão	22,26050	10,29225	6,94981	3,62960	4,92684	
Mínimo	17,00	8,00	3,00	3,00	1,00	
Máximo	138,00	56,00	40,00	20,00	24,00	

<sup>42</sup> É nossa tradução de PAIR.

## 2. ANÁLISE CORRELACIONAL

Para podermos objectivar o nosso estudo tivemos primeiro que fazer uma exploração da normalidade do comportamento da amostra na resposta aos diversos instrumentos (EASAVIC, SWLS, PAIR, IOS, IEA-R) (ANEXO 4), pelo que os resultados do *teste Kolmogorov-Smirnov*, para se testar a normalidade dos *scores* de cada dimensão (satisfação conjugal, satisfação com a vida, intimidade, proximidade e estados emocionais) não permitiram a aplicação de testes paramétricos. O nível de significância associado ao teste K-S, foi inferior a 0.05, rejeitando-se a hipótese de normalidade das distribuições de onde foram retiradas as duas amostras. Assim optou-se pela escolha dos testes não paramétricos.

Num primeiro momento pretendeu-se identificar as relações entre a Satisfação com a Vida e as seguintes variáveis: Satisfação Conjugal; Intimidade; Proximidade; Emoções positivas e Emoções negativas, e para tal, utilizou-se o *Coefficiente de Correlação de Spearman*, teste não paramétrico.

### Identificação das relações entre a Satisfação com a Vida e as Emoções Positivas e as Emoções Negativas

Para verificar como é que a Satisfação com a Vida (SV) se relaciona com as outras variáveis, nomeadamente, com os Estados Emocionais Positivos e Negativos, optámos pela utilização da análise de correlação de Spearman (*rho*), donde se verificou a existência de evidências estatísticas ainda que de correlação fraca e negativa,  $rho = -0,314$ , entre a (SV) e as Emoções Negativas (nível de significância (*p*) nível de 0.01) (tabela Q em anexo).

Tendo sido feita essa mesma análise (de correlação de Spearman) para cada um dos grupos – mulheres em 1º casamento e mulheres em 2º casamento, verificou-se a existência de evidência estatística de correlação fraca e negativa,  $rho = -0,379$ , com uma magnitude de correlação de 14.4%, entre SV e as Emoções Negativas apenas para o 2º grupo e não se verificou qualquer evidência para o 1º grupo. Esta análise em grupos em separado, do coeficiente de correlação de Spearman entre a Satisfação com a Vida e os Estados Emocionais não apresentou mais evidências relevantes (Tabela R e T em anexo).

## Identificação das relações entre a Satisfação com a Vida e a Intimidade e a Proximidade

Da análise do coeficiente de Spearman, verificou-se a existência de correlações significativas (0.01). Assim verificaram-se evidências estatísticas de correlação positiva entre as variáveis Satisfação com a Vida (SV) e Intimidade (escala global), tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho = 0,408$  (correlação moderada). A correlação entre a variável SV e a dimensão Abertura ao Exterior, teve um coeficiente  $\rho=0,414$ . A magnitude destas correlações encontradas foi, respectivamente, de 16.6% e 17.1% (tabela Y, em anexo).

Verificou-se a existência de evidências estatísticas de correlação positiva entre as variáveis Satisfação com a Vida e Proximidade, tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0,404$  (correlação moderada). A magnitude da correlação encontrada foi de 16.3% (tabela Y).

Tendo sido feita esta mesma análise (de correlação de Spearman) para cada um dos grupos – mulheres em 1º casamento e mulheres em 2º casamento, verificou-se que a evidência estatística de correlação mais forte e positiva existia entre a SV e a Intimidade (escala global) para o 1º grupo,  $\rho=0,497$ , com a magnitude de correlação de 24.7%. A existência de evidências estatísticas de correlação entre a SV e as dimensões da escala de Intimidade, nomeadamente, Comunicação,  $\rho=0,560$ , Abertura ao Exterior,  $\rho=0,464$  e Convencionalidade,  $\rho=0,435$ , apresentaram-se com valores moderados, cujas magnitudes de correlação foram respectivamente, 31.4%, 21.5% e 18.9%. Não se verificaram quaisquer evidências estatísticas de correlação entre estas variáveis para o 2º grupo (Tabela O e F em anexo).

## Identificação das relações entre a Satisfação com a Vida e a Satisfação Conjugal

Verificaram-se evidências estatísticas de correlação positiva entre as variáveis Satisfação com a Vida (SV) e Satisfação Conjugal (SC), tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0,462$  (correlação moderada). A magnitude da correlação encontrada foi de 21.3%. A análise de correlação de Spearman entre a variável SV e as distintas subescalas da SC também resultou em algumas evidências estatísticas de correlação positiva moderada, nomeadamente com Atracção, Intimidade e Compromisso,  $\rho=0,422$ ; Comunicação, Expressividade Afetiva e Conflito,  $\rho=0,418$ ; Funções Familiares  $\rho=0,525$ ; Individualidade/Autonomia,  $\rho=0,398$ . A magnitude destas correlações foi respectivamente de 17.8% para Atracção,

Intimidade e Compromisso, 17.5% para Comunicação, Expressividade Afetiva, 27.6% para Funções Familiares e 15,8% para Individualidade/Autonomia (tabela U, em anexo).

Na mesma análise realizada com os grupos (1º casamento e 2º casamento) em separado, pareceu-nos que estas evidências estatísticas foram contaminadas pelos valores de correlação encontrados entre SV e SC para o 1º grupo, como se pode verificar na evidência estatística entre SV e SC global  $\rho=0.549$ , com uma magnitude de correlação de 30,1%, para o 1º grupo, em que no 2º grupo não surgem quaisquer correlações significativas (nível 0.01). Para o 2º grupo é apenas estatisticamente evidente o valor de correlação entre SV e a dimensão de SC Funções Familiares,  $\rho=0.408$ , cuja magnitude do efeito é de 16,6% (tabelas I e S em anexo).

Num segundo momento pretendeu-se identificar as relações entre a Satisfação Conjugal e as seguintes variáveis: Intimidade; Proximidade; Emoções positivas e Emoções negativas (quadros/tabelas em anexo) e para isso, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman, teste não paramétrico.

#### Identificação das relações entre a Satisfação Conjugal e as Emoções Positivas e as Emoções Negativas

Para verificar como é que a Satisfação Conjugal (SC) se relaciona com as outras variáveis, nomeadamente, com os estados emocionais positivos e negativos, continuou a utilizar-se a análise de correlação de Spearman, donde se verificou a existência de correlações significativas (nível 0,01 e 0,05)<sup>43</sup>. Assim verificaram-se evidências estatísticas de correlação positiva entre a SC e as Emoções de Auto-Eficácia (*Self-Efficacy –Related*), tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0.432$  (correlação moderada e positiva). A magnitude da correlação encontrada foi de 18.7%. Também se verificaram evidências estatísticas,  $\rho=0.416$  e  $\rho=0.408$ , entre as dimensões Atração, Intimidade e Compromisso e Funções Familiares e as Emoções de Auto-Eficácia. (tabela E em anexo).

Na mesma análise realizada para o grupo 1º casamento e para o grupo 2º casamento em separado, verificou-se a existência de evidências estatísticas de correlação positiva ( $p = 0,01$ ) apenas para o 1º grupo, entre Emoções de Auto-Eficácia e a SC,  $\rho=0.479$ , e entre Emoções de Auto-Eficácia e as distintas variáveis da Satisfação Conjugal, nomeadamente, Atração,

---

<sup>43</sup> Só vamos fazer referência às correlações com significância para o nível 0.01 (bi-lateral)

Intimidade e Compromisso,  $\rho=0.476$ ; Sexualidade  $\rho=0.408$ ; Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito,  $\rho=0.431$ ; Funções Familiares  $\rho=0.475$  e Individualidade/Autonomia,  $\rho=0.421$  com magnitudes de correlação entre 22.9% e 16.6%. Ainda para este 1º grupo também foram encontradas evidências estatísticas de correlação positiva ( $p = 0,01$ ) entre as Emoções Pró-Sociais e a SC total,  $\rho=0.390$  e a Sexualidade  $\rho=0.420$ ; e ainda entre as Emoções de Serenidade e a SC total,  $\rho=0.394$ ; e entre aquela e a Sexualidade  $\rho=0.400$ , e a Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito,  $\rho=0.439$ . Estes valores de correlações moderadas positivas apresentam magnitudes entre 15.2% e 19.3% (tabelas H e G, em anexo).

#### Identificação das relações entre a Satisfação Conjugal e a Intimidade

Da análise do coeficiente de Spearman, verificaram-se numerosas correlações significativas ( $p<0.01$ ). Assim, verificaram-se evidências estatísticas de correlação positiva entre as variáveis Satisfação Conjugal (SC) e Intimidade (escala global), tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho = 0.831$  (correlação forte). A correlação entre a variável SC e a dimensão Validação Pessoal, teve um coeficiente  $\rho=0.696$ ; entre SC e Comunicação,  $\rho=0.814$ ; entre SC e Abertura ao Exterior,  $\rho=0.439$  e entre SC e Convencionalidade  $\rho=0.809$ . A magnitude do efeito destas correlações mostra-se bastante elevada em valores de 69%, 48,9%, 63%, 19.3% e 65.4% (tabela L, em anexo). Verificaram-se evidências estatísticas de correlação positiva entre muitas das variáveis de Satisfação Conjugal e muitas das variáveis de Intimidade, como podemos observar no corte da tabela L.

Tabela versão curta L.

**Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre Satisfação Conjugal e Intimidade**

N=168		Intimidade global	Validação Pessoal	Comunicação	Abertura Exterior	Convencionalidade
SC	rho	.831**	.696**	.814**	.439**	.809**
EASAVIC	p	.000	.000	.000	.000	.000
Atracção	rho	.811**	.670**	.797**	.436**	.809**
Intimid Compr	p	.000	.000	.000	.000	.000
Sexualidade	rho	.692**	.573**	.695**	.306**	.711**
	p	.000	.000	.000	.000	.000
Comunicação	rho	.781**	.673**	.769**	.358**	.766**
ExprAfectivCo	p	.000	.000	.000	.000	.000
Funções	rho	.608**	.507**	.630**	.332**	.558**
Familiares	p	.000	.000	.000	.000	.000
Tempos	rho	.555**	.462**	.516**	.346**	.540**
Livres	p	.000	.000	.000	.000	.000
Individualidade	rho	.609**	.521**	.594**	.355**	.564**
Autonomia	p	.000	.000	.000	.000	.000
Rede	rho	.574**	.463**	.518**	.484**	.512**
Social	p	.000	.000	.000	.000	.000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

Legenda: SC – Satisfação Conjugal; EASAVIC – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal; AIC - Atracção, Intimidade e Compromisso; S – Sexualidade; CEAC - Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito; FF – Funções Familiares; TL – Tempos Livres; I/A – Individualidade/Autonomia; RS – Rede Social.

Na mesma análise realizada para os grupos em separado, verificou-se a existência de evidências estatísticas de correlação positiva ( $p = 0,01$ ) para ambos os grupos, entre SC e Intimidade e todas as variáveis envolvidas. Pareceu-nos importante relevar que o coeficiente de correlação entre as escalas totais é mais elevado para o 2º grupo,  $rho=0.858$ , com uma magnitude de correlação de 73.6%, sendo que as evidências estatísticas de correlação positiva mais forte para este grupo, foram encontradas entre a Sexualidade (escala SC) e todas as variáveis de Intimidade (Validação Pessoal,  $rho=0.660$ ; Comunicação,  $rho=0.743$ ; Convencionalidade,  $rho=0.744$ ) e entre a Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito (SC) e as mesmas variáveis, respectivamente Intimidade global,  $rho=0.803$ ; Validação Pessoal,  $rho=0.747$ , Comunicação,  $rho=0.782$  e Convencionalidade  $rho=0.783$ . A magnitude de cada correlação encontrada varia entre 64.5% e 15.2%, sendo esta última referente ao coeficiente encontrado para Tempos Livres e Convencionalidade. Há ainda uma correlação encontrada que nos mereceu atenção, entre Rede Social (SC) e Abertura ao Exterior (I)  $rho=0.523$ . Verificaram-se coeficientes de correlação forte mas de valor mais baixo do que

para o 1º grupo, entre Funções Familiares (SC) e todas as dimensões de Intimidade. Estas evidências estatísticas de correlação positiva entre as variáveis em questão, Satisfação Conjugal e Intimidade, apresentaram de forma geral valores do coeficiente de Spearman de correlação forte e positiva (tabelas L, J e K em anexo)

#### Identificação das relações entre a Satisfação Conjugal e a Proximidade

Verificou-se evidências estatísticas de correlação positiva (moderada) entre as variáveis Satisfação Conjugal (SC) e Proximidade, tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0.465$ . Verificaram-se também evidências estatísticas de correlação da mesma ordem, entre as variáveis Atracção, Intimidade e Compromisso; Sexualidade; e Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflitos, e a Proximidade. A magnitude das correlações encontradas entre estas variáveis variou entre 18.5% e 23.2% (tabela V, em anexo).

Verificaram-se dados semelhantes para os dois grupos em separado, sendo o valor da magnitude do efeito dos coeficientes de correlação, para as mesmas variáveis e para o 2º grupo, ligeiramente superiores aos encontrados para o 1º, variando entre 15.5% para Individualidade e Autonomia e 27.2% para Atracção, Intimidade e Compromisso (tabelas Z e B, em anexo).

#### Identificação das relações entre os vários Estados Emocionais

Verificou-se a existência de evidências estatísticas de correlação positiva entre as Emoções de Serenidade e as Emoções Pró-Sociais, tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0,472$  (correlação moderada e positiva). A magnitude da correlação encontrada foi de 22,2%. (tabelas Q e E, em anexo).

Quando realizadas as análises ao coeficiente de Spearman aos dois grupos em separado, verificou-se um número superior de evidências estatísticas de correlação (positiva e moderada) no 1º grupo, nomeadamente entre as Emoções de Serenidade e as Emoções Pró-Sociais,  $\rho=0.555$  e entre as Emoções de Auto-Eficácia e Pró-Sociais,  $\rho=0.461$  e entre as Emoções de Activação Positiva e as Emoções de Auto-Eficácia,  $\rho=0.399$ . Verificou-se evidências estatísticas de correlação no 2º grupo, entre as Emoções de Auto-Eficácia e as Emoções de Serenidade,  $\rho= 0.405$ . A magnitude das correlações encontradas entre Emoções variou entre 15.9% e 30.8% (tabelas R, T, H e G).

Através dos dados verificamos que as emoções de auto-eficácia (sentir-se determinada, segura, competente e capaz) se correlacionam – correlação fraca – com a Proximidade e apenas para as Mulheres em 2º Relacionamento ( $r=0,279^{**}$ ;  $p=0,031$  para o nível de significância de 0,01).

#### Identificação das relações entre Intimidade e Proximidade

Verificou-se a existência de evidências estatísticas de correlação positiva entre as variáveis Intimidade e Proximidade, tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0.404$  (correlação moderada e positiva). A magnitude da correlação encontrada foi de 16.3%. Verificou-se ainda a existência de evidências estatísticas de correlação positiva entre Proximidade e Convencionalidade, tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0.445$  (correlação moderada e positiva). A magnitude da correlação encontrada foi de 19.8%.

No entanto quando analisados os dois grupos em separado, verificaram-se evidências estatísticas para o 1º grupo, apenas entre as variáveis Proximidade e Convencionalidade, tendo sido o valor do coeficiente de  $\rho=0.423$ . E para o 2º grupo, verificou-se a existência de evidências estatísticas de correlação positiva, da mesma ordem que estas, entre Proximidade e todas as dimensões da Intimidade, à exceção de Abertura ao Exterior. Nesta análise, a magnitude das correlações encontradas variou entre 18.3% e 23.6% (tabelas O e F)

#### Identificação da interferência das variáveis sócio-biográficas, nas relações anteriormente identificadas

Com o propósito de facilitar a leitura, apresentamos individualmente e por ordem de disposição no protocolo de investigação, as interações de cada uma das variáveis sócio-biográficas com as dimensões em estudo.

#### Idade

A variável idade após colocada em teste de correlação de Spearman com as outras variáveis dependentes - Satisfação com a Vida e Emoções; Intimidade, Proximidade e Satisfação Conjugal - não resultou em quaisquer evidências estatísticas significativamente interessantes. Apenas a subescala que mede Tempos Livres se aproxima com uma muito baixa correlação de 0.207 com  $p<0.01$ .

## Escolaridade

A fim de analisar se as variáveis em estudo sofrem interferência das variáveis sócio-biográficas, nomeadamente a escolaridade, aplicou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, uma vez que a nossa amostra assim nos aponta e aquela variável é ordinal. Os resultados do teste aplicado ao índice de Satisfação com a Vida ( $X^2 = 23.76$ ,  $p=0.000$ ) indicam que existem diferenças significativas para esta variável e ao nível de significância de 0.01. O mesmo se verificou para as Emoções Negativas ( $X^2= 18.056$ ;  $p=0.01$ ), onde os valores de  $r'$  são significativamente mais altos para a categoria de Instrução Incompleta ou Nula. (Tabela P')

Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado ao índice de Satisfação Conjugal não indicou qualquer diferença estatisticamente significativa para as variáveis Satisfação Conjugal e Proximidade ( $p<0.05$ ) e para a dimensão de Abertura ao Exterior da variável Intimidade, resultou num valor muito baixo ( $X^2= 10.232$ ;  $p=0,037$ ).

Tabela P'

Teste de Kruskal-Wallis: valor de estatística de teste para as variáveis escolaridade e variáveis dependentes, Satisfação com a Vida e Emoções.

Média das ordens	Curso	Nível do 9º ano e			
	Universitário Completo	Curso dos liceus completo	escolas profissionais	Instrução primária completa	Instrução primária incompleta ou nula
total SWLS	101,75	78,14	62,34	<b>54,50</b>	63,50
Emoções Negativas	70,82	93,12	97,66	<b>137,33</b>	<b>163,00</b>
Emoções Positivas	90,85	85,30	75,50	66,00	66,50
Emoções AutoEficácia	89,13	89,80	74,30	73,17	143,50
Emoções PróSocial	81,28	86,82	88,86	105,67	1,00
EmoçõesSerenidade	84,35	79,44	87,21	96,67	40,50

	Total SWLS	Emoções Negativas	Emoções Positivas	Emoções AutoEfic	Emoções Pró Social	Emoções Serenidd
$X^2$	23,763	18,056	3,918	5,183	4,449	1,489
$p$	<b>,000</b>	<b>,001</b>	,417	,269	,349	,829

Legenda:  $X^2$  – Teste de Kruskal-Wallis;  $p$ -nível de significância assumido

## Emprego/desemprego

Os resultados do teste Mann-Whitney aplicado ao Índice de Satisfação com a Vida revelaram uma diferença estatisticamente significativa para a variável ocupação profissional ( $p=0.01$ ). Revelou ainda, para a mesma variável, diferenças estatisticamente significativas aplicado às Emoções Negativas e às Emoções de Auto-Eficácia ( $p<0.05$ ). (Tabela V)

Tabela V

*Teste de Mann-Whitney: valor de estatística de teste para as variáveis ocupação profissional e variáveis dependentes.*

	Total SWLS	Emoções Negativas	Emoções Positivas	Emoções AutoEfic	Emoções Pró Soci	Emoções Serenidd
U	1861,000	2207,000	2270,000	2194,500	2426,000	2363,500
Z	-3,254	-2,033	-1,792	-2,074	-1,233	-1,468
p	<b>,001</b>	<b>,042</b>	,073	<b>,038</b>	,218	,142

Legenda: U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-nível de significância bi-lateral

## Categoria Profissional

Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado aos índices de Satisfação Conjugal, Proximidade e Intimidade não revelaram qualquer diferença estatisticamente significativa para a variável de Categoria Profissional ( $p> 0.05$ ).

Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado ao Índice de Satisfação com a Vida revelaram uma diferença estatisticamente significativa para a variável Categoria Profissional ( $p=0.000$ ). Revelaram ainda, para a mesma variável, valores quase moderados de  $X^2$  relativamente às Emoções Negativas e às Emoções de Serenidade ( $p<0.05$ ). (Tabela K’).

Tabela K’

*Teste de Kruskal-Wallis: valor de estatística de teste para as variáveis categoria profissional e variáveis dependentes, Satisfação com a Vida e Emoções.*

	Total SWLS	Emoções Negativas	Emoções Positivas	Emoções AutoEfic	Emoções Pró Soci	Emoções Serenidd
$X^2$	34,949	12,458	6,179	9,529	8,948	13,266
p	<b>,000</b>	,086	,519	,217	,256	,066

Legenda:  $X^2$  – Teste de Kruskal-Wallis; p-nível de significância assumido

## Satisfação Profissional

Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado ao Índice de Satisfação Conjugal revelaram uma diferença estatisticamente significativa para a variável Satisfação Profissional ( $p < 0.05$ ). Revelaram ainda, para a mesma variável, valores quase moderados de  $X^2$  relativamente às dimensões Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflitos; Funções Familiares e Tempos Livres ( $p < 0.05$ ). (Tabela Ç’).

Tabela Ç’

*Teste de Kruskal-Wallis: valor de estatística de teste para as variáveis satisfação profissional e variáveis dependentes, Satisfação Conjugal e dimensões.*

	Atracção		Comunicação		Tempos Livres	Individualidd Autonomia	Rede Social	
	Satisfação Conjugal	Intimidade Compromisso	Sexualidade	Exp Afectiva Conflitos				Funções Familiares
$X^2$	8,869	7,081	6,954	8,398	9,588	7,843	3,430	7,024
$p$	<b>,031</b>	,069	,073	<b>,038</b>	<b>,022</b>	,049	,330	,071

*Legenda:  $X^2$  – Teste de Kruskal-Wallis;  $p$ -nível de significância assumido*

O resultado do teste Kruskal-Wallis aplicado ao índice de Proximidade não revelou qualquer diferença estatisticamente significativa para a variável de Satisfação Profissional ( $p > 0.05$ ). Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado ao índice de Intimidade revelaram diferenças estatisticamente significativas para o nível de variância de  $p < 0.05$ , para a variável Global de Intimidade ( $X^2 = 8.654$ ;  $p = 0.034$ ) e para Comunicação ( $X^2 = 8.138$ ;  $p = 0.043$ ).

Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado ao Índice de Satisfação com a Vida revelaram uma diferença estatisticamente significativa para a variável Satisfação Profissional ( $p = 0.001$ ). Revelou ainda, para a mesma variável, valores moderados de  $X^2$  relativamente às Emoções Negativas, às Emoções de Auto-Eficácia ( $p < 0.05$ ) e às Emoções de Serenidade ( $p = 0.001$ ). (Tabela LL’)

Tabela LL’

*Teste de Kruskal-Wallis: valor de estatística de teste para as variáveis satisfação profissional e variáveis dependentes, Satisfação com a Vida e Emoções.*

	Total SWLS	Emoções Negativas	Emoções Positivas	Emoções AutoEfic	Emoções Pró Soci	Emoções Serenidd
$X^2$	16,991	9,214	2,749	8,071	1,175	15,908
$p$	<b>,001</b>	<b>,027</b>	<b>,432</b>	<b>,045</b>	<b>,759</b>	<b>,001</b>

*Legenda:  $X^2$  – Teste de Kruskal-Wallis;  $p$ -nível de significância assumido*

## Rendimento Familiar

Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado aos índices de Satisfação Conjugal, Intimidade e Proximidade e aos Estados Emocionais, não indicaram qualquer diferença estatisticamente significativa para a variável Rendimento Familiar ( $p > 0.05$ ). Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicado ao Índice de Satisfação com a Vida revelaram uma diferença estatisticamente significativa para o nível de significância  $< 0.05$ , mas de valor muito baixo ( $X^2 = 9.813$ ;  $p = 0,044$ ).

## Número de Filhos (incluiu biológicos e não biológicos – enteados, adoptados)

Os resultados do teste Kruskal-Wallis aplicados aos índices de Satisfação com a Vida e aos Estados Emocionais, não indicaram qualquer diferença estatisticamente significativa para a variável Número de Filhos ( $p > 0.05$ ), com excepção para a variável Emoções Negativas ( $X^2 = 9,705$ ;  $p = 0.046$ ), para um grau de significância  $p < 0.05$ .

## Filhos da Relação Actual

Os resultados do teste Mann-Whitney aplicado ao Índice de Satisfação Conjugal, revelaram diferenças estatisticamente significativas para a variável Filhos Actuais ( $p = 0.003$ ). Revelou ainda, para a mesma variável, diferenças estatisticamente significativas aplicado às distintas dimensões da satisfação conjugal ( $p < 0.05$  e  $0.01$ ). (Tabela b)

Tabela b

*Teste de Mann-Whitney: valor de estatística de teste para as variáveis filhos actuais e Satisfação Conjugal*

	Atração			Comunicação				
	Satisfação Conjugal	Intimidade Compromisso	Sexualidade	Expre. Afectiva Conflito	Funções Familiares	Tempos Livres	Individualidade Autonomia	Rede Social
U	1650,500	1714,000	1860,500	1755,000	1867,000	1357,500	1740,500	1892,500
Z	-2,959	-2,717	-2,159	-2,561	-2,138	-4,120	-2,628	-2,042
p	<b>,003</b>	<b>,007</b>	<b>,031</b>	<b>,010</b>	<b>,033</b>	<b>,000</b>	<b>,009</b>	<b>,041</b>

*Legenda:* U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-nível de significância bi-lateral

Os resultados do teste Mann-Whitney aplicado à variável Intimidade, revelaram diferenças estatisticamente significativas para a variável Filhos Actuais ( $p=0.002$ ). Revelou ainda, para a mesma variável, diferenças estatisticamente significativas aplicado às distintas dimensões da Intimidade Conjugal, Validação Pessoal, Comunicação e Convencionalidade ( $p=0.002$ ). (Tabela c)

Tabela c

Teste de Mann-Whitney: valor de estatística de teste para as variáveis filhos actuais e Intimidade e Proximidade

	Intimidade	Validação	Abertura			
	Proximidade	Pessoal	Comunicação	Exterior	Convencionalidad	
U	2016,000	1584,000	1620,000	1627,000	2227,000	1631,000
Z	-1,594	-3,164	-3,027	-3,053	-,755	-3,040
p	,111	<b>,002</b>	<b>,002</b>	<b>,002</b>	,450	<b>,002</b>

Legenda: U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-nível de significância bi-lateral

O teste de Mann-Whitney para esta variável e para as variáveis de Satisfação Com a Vida e Estados Emocionais revelou um valor de  $Z=-2.154 < -z_{0,975}=-1.96$  e um valor de  $p=0.031$  inferior a 0.05 do valor alfa considerado, logo há evidências estatísticas significativas de que há diferenças entre os dois grupos, o de mulheres que têm filhos da relação actual e de mulheres que não têm filhos da relação actual, no que diz respeito às emoções positivas. (Tabela FF, página 99)

#### Filhos anteriores

Os resultados do teste Mann-Whitney aplicado ao Índice de Satisfação Conjugal, revelaram diferenças estatisticamente significativas para a variável Filhos Anteriores ( $p<0.05$ ) para as dimensões Sexualidade, Funções Familiares e Tempos Livres. (Tabela m)

Tabela m

*Teste de Mann-Whitney: valor de estatística de teste para as variáveis filhos anteriores e Satisfação Conjugal*

	Atração		Comunicação					
	Satisfação Conjugal	Intimidade Compromisso	Sexualidade	Expre. Afetiva Conflito	Funções Familiares	Tempos Livres	Individualidade Autonomia	Rede Social
U	2490,000	2629,500	2324,000	2528,000	2356,500	2355,500	2462,000	2888,500
Z	-1,596	-1,112	-2,176	-1,465	-2,067	-2,083	-1,702	-,214
p	,111	,266	<b>,030</b>	,143	<b>,039</b>	<b>,037</b>	,089	,830

*Legenda: U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-nível de significância bi-lateral*

Os resultados do teste Mann-Whitney aplicado à variável Proximidade, revelaram diferenças estatisticamente significativas para a variável Filhos Anteriores ( $p < 0.05$ ). Revelou ainda, para a mesma variável, diferenças estatisticamente significativas aplicado à dimensão Comunicação ( $p < 0.05$ ). (Tabela j).

Tabela j

*Teste de Mann-Whitney: valor de estatística de teste para as variáveis filhos anteriores e Intimidade e Proximidade*

	Intimidade		Validação		Abertura	
	Proximidade		Pessoal	Comunicação	Exterior	Convencionalidad
U	2321,500	2473,500	2471,000	2349,000	2794,000	2620,500
Z	-2,229	-1,468	-1,477	-2,088	-,544	-1,146
p	<b>,026</b>	,142	,140	<b>,037</b>	,587	,252

*Legenda: U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-nível de significância bi-lateral*

O teste de Mann-Whitney aplicado aos Estados Emocionais, revelou ainda um valor de  $Z = -3.346 < -z_{0,975} = -1.96$  e um valor de  $p = 0.001$  inferior a 0.05 do valor alfa considerado, logo há evidências estatísticas significativas de que há diferenças entre os dois grupos, o de mulheres que têm filhos da relação anterior e o de mulheres que não têm filhos da relação anterior, no que diz respeito às emoções positivas. (Tabela FF)

## Filhos enteados

O teste de Mann-Whitney revelou um valor de  $Z = -2.293 < -z_{0,975} = -1.96$  e um valor de  $p = 0.022$  inferior a 0.05 do valor alfa considerado, logo há evidências estatísticas significativas de que há diferenças entre os dois grupos, o de mulheres que têm filhos enteados e o de mulheres que não têm filhos enteados, no que diz respeito às emoções positivas. (Tabela FF)

Tabela FF

*Teste de Mann-Whitney: valor de estatística de teste para as variáveis Filhos actuais, anteriores e enteados e variáveis dependentes de Satisfação Com a Vida e Estados Emocionais*

	Filhos Actuais			Filhos Anteriores			Filhos Enteados		
	U	Z	p	U	Z	p	U	Z	p
Satisfação com a Vida	2366,000	-,221	,825	2656,000	-1,022	,307	1594,000	-,057	,955
Emoções Negativas	2044,000	-1,471	,141	2704,500	-,863	,388	1564,500	-,198	,843
Emoções Positivas	1864,000	-2,154	<b>,031</b>	1991,000	-3,346	<b>,001</b>	1121,000	-2,293	<b>,022</b>
Emoções Auto Eficácia	1923,500	-1,934	<b>,053</b>	2760,500	-,664	,507	1465,500	-,667	,504
Emoções Pró Sociais	2376,500	-,181	,856	2939,000	-,038	,969	1414,000	-,910	,363
Emoções Serenidade	2082,000	-1,326	,185	2871,000	-,278	,781	1558,500	-,227	,821

*Legenda:* U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p – nível de significância bi-lateral

## Outras variáveis sócio-biográficas não especificadas

Para analisar se as variáveis em estudo sofrem interferência das variáveis sócio-biográficas, aplicou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, uma vez que, a nossa amostra não apresentava normalidade e aquelas variáveis apresentavam-se ordinais ou nominais, com mais de duas categorias. Também se aplicou o teste de Mann-Whitney para aquelas variáveis que se apresentam como duas amostras independentes (dois grupos). Aquelas que não referimos nesta sequência não mereceram, pois os resultados dos testes não resultaram em diferenças estatisticamente significativas ( $p > 0.05$ ). Em relação a algumas variáveis sócio-biográficas tais como a morte dos pais ou o trabalho a meio tempo/tempo inteiro, optámos por não as integrar nesta análise.

### 3. ANÁLISE COMPARATIVA

Pretendeu-se verificar se entre o 1º e o 2º casamento havia diferenças relativamente às variáveis dependentes (i.e., Satisfação Conjugal; Satisfação com a Vida; Intimidade; Proximidade; Emoções positivas e Emoções negativas).

Considerando todas os participantes, verificou-se que, para o instrumento aplicado: *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal*, entre mulheres em 1º casamento e mulheres em 2º casamento, realizou-se o teste de Mann-Whitney, sendo os seus resultados apresentados na Tabela M. Os valores obtidos nesta análise permitiu-nos verificar a não existência de evidências estatísticas significativas de que a variável dependente (Satisfação Conjugal, e cada uma das componentes / dimensões) mostrasse valores superiores para qualquer um dos grupos. Os valores de probabilidade de significância unilateral, sendo o valor de  $p > 0,05$  do valor de alfa considerado, foram superiores ao nível de significância.

Tabela M.

*Teste de Mann-Whitney: valor da estatística de teste e respectiva probabilidade de significância ( $n_{Mulheres}$  em 1º casamento=108;  $n_{Mulheres}$  em 2º casamento=60) para comparação dos dois grupos.*

	SC	AIC	S	CEAC	FF	TT	I/A	RS
U	3175,000	3235,000	2979,500	3226,000	3088,000	2761,500	3028,500	2834,500
Z	-,215	-,017	-,864	-,046	-,505	-1,600	-,704	-1,349
(p)	,830	,987	,387	,963	,613	,110	,481	,177

*Legenda:* Variável considerada: Relação (1ª ou 2ª). SC – Satisfação Conjugal; AIC - Atracção, Intimidade e Compromisso; S – Sexualidade; CEAC - Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito; FF – Funções Familiares; TL – Tempos Livres; I/A – Individualidade/Autonomia; RS – Rede Social.

U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-nível de significância bi-lateral

Considerando todas os participantes, verificou-se que, para os instrumentos aplicados: *Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR)* e *Inclusão do Outro no Self (IOS)*, entre mulheres em 1º casamento e mulheres em 2º casamento, realizou-se o teste de Mann-Whitney, sendo os seus resultados apresentados na Tabela N. Os valores obtidos nesta análise permitiu-nos verificar a não existência de evidências estatísticas significativas de que as variáveis dependentes (Intimidade, e cada uma das componentes / dimensões e Proximidade) mostrassem valores superiores para qualquer um dos grupos. Os valores de probabilidade de significância unilateral, sendo o valor de  $p > 0,05$  do valor de alfa considerado, foram superiores ao nível de significância.

Tabela N

Teste de Mann-Whitney para o IOS e para a PAIR: valor da estatística de teste e respectiva probabilidade de significância ( $n_{\text{Mulheres}}$  em 1º casamento=108;  $n_{\text{Mulheres}}$  em 2º casamento=60) para comparação dos dois grupos.

	Intimidade	Validação		Abertura		Proximidade
	global	Pessoal	Comunicação	Exterior	Convencionald	
U	3048,000	2932,500	2839,000	2835,000	3175,500	2979,000
Z	-,462	-,849	-1,329	-1,347	-,214	-,883
P	,644	,396	,184	,178	,831	,377

Legenda: Variável considerada: Relação (1ª ou 2ª); U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-probabilidade de significância bi-lateral

Considerando todas as participantes, verificou-se que, para os instrumentos aplicados: Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) e para o Inventário de Estados Afectivos-Reduzido (IEAR), entre mulheres em 1º casamento e mulheres em 2º casamento, realizou-se o teste de Mann-Whitney, sendo os seus resultados apresentados na Tabela W. Os valores obtidos nesta análise permitiu-nos verificar a não existência de evidências estatísticas significativas de que as variáveis dependentes (Satisfação com a Vida, e os Estados afectivos Negativos, os de Auto-Eficácia, Pró-Sociais e de Serenidade) tenham valores superiores para qualquer um dos grupos. Os valores de probabilidade de significância unilateral, sendo o valor de  $p > 0,05$  do valor de alfa considerado, foram superiores ao nível de significância. No entanto, os valores obtidos na mesma análise permitiram-nos verificar a existência de evidências estatísticas significativas de que a variável dependente Emoções Positivas difere entre as mulheres em 1º casamento e as mulheres em 2º casamento ( $p < 0,05$ ).

Tabela W

Teste de Mann-Whitney para a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) e para o Inventário de Estados Afectivos-Reduzida (IEA-R): valor da estatística de teste e respectiva probabilidade de significância ( $n_{\text{Mulheres}}$  em 1º casamento=108;  $n_{\text{Mulheres}}$  em 2º casamento=60) para comparação dos dois grupos.

	Satisfação	Emoções	Emoções	Emoções	Emoções	Emoções
	Com Vida	Negativas	Positivas	Auto Eficáci	Pró Social	Serenidad
U	2844,500	3189,000	<b>2151,500</b>	3188,500	3100,500	2897,000
Z	-1,312	-,171	-3,624	-,172	-,466	-1,152
P	,189	,864	<b>,000</b>	,863	,642	,249

Legenda: Variável considerada: Relação (1ª ou 2ª); U – Teste de Mann-Whitney; Z – score padrão; p-probabilidade de significância bi-lateral

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

*Aquele que não se sente absolutamente perdido teoreticamente não é filósofo*  
*Ortega y Gasset*

Quisemos estudar se existem diferenças na satisfação conjugal e na satisfação com a vida para mulheres casadas pela primeira vez e para mulheres casadas pela segunda vez. Pretendemos, por um lado, explorar se existem diferenças na forma como estes dois grupos de mulheres vivem a intimidade e a proximidade nas suas relações e o grau de satisfação que sentem nas suas conjugalidades actuais; por outro lado, pretendemos, explorar a maneira como estão nas suas vidas, quer ao nível das emoções mais frequentemente vivenciadas quer ao nível subjectivo da satisfação que sentem com as suas vidas.

No presente estudo parece que as mulheres em primeiro casamento e as mulheres em segundo casamento não diferem na satisfação com a vida nem diferem na satisfação conjugal. No entanto, as mulheres em primeiro casamento revelaram-se emocionalmente mais positivas, serenas e confiantes nas suas relações conjugais. Por outro lado, as mulheres em segundo casamento parecem mostrar-se mais íntimas e mais próximas dos seus companheiros. Os filhos (de ambos os grupos), de formas diferentes, parecem influenciar as emoções positivas destas mães bem como as suas conjugalidades, primeiras ou segundas. A actividade profissional, contribui abertamente para a satisfação com a vida, o que está consistente com os resultados encontrados por Steil (1997).

Da análise que realizámos observamos que, em comparação com as amostras portuguesas utilizadas nas aferições e construções dos instrumentos de auto relato que utilizámos neste estudo, estas mulheres apresentam-se mais satisfeitas com a vida mas menos com os seus relacionamentos amorosos actuais, no entanto, manifestam-se mais intensamente

emocionais, mais íntimas e mais próximas dos seus parceiros. Sendo esta amostra do sul de Portugal, estarão aqui alguns factores culturais em situação? A felicidade é um conceito intercultural e juntamente com a situação familiar, (o casamento), podem ter pesos diferentes conforme as diversas culturas (Diener, 2000, cit. por Oliveira, 2002). Dada a especificidade cultural do país, para o qual contribuem uma multiplicidade de culturas, os resultados encontrados podem ter um pouco dessa contaminação. Nos estudos coordenados por Karin Wall (2004), sobre famílias no Portugal contemporâneo, Sofia Aboim estudou os valores da conjugalidade donde concluiu que a região de residência do casal presta um contributo significativo na explicação das variações observadas, nomeadamente encontrando nas áreas de Lisboa e Vale do Tejo e Algarve, maior permeabilidade aos valores modernistas da *relação companheirista* (Aboim, 2004).

Através dos dados verificamos que as emoções de auto-eficácia (sentir-se determinada, segura, competente e capaz) e as emoções de activação positiva (sentir-se atrevida, ousada, audaciosa e ardente) estão presentes e interagem entre si, para as mulheres em primeiro relacionamento (M1°R)<sup>44</sup>. Também para elas, as mesmas emoções de auto-eficácia se correlacionam com as emoções pró-sociais (sentir-se atenciosa, calorosa, afectuosa e amável) e estas com as de serenidade (sentir-se serena, tranquila e calma). O que encontrámos leva-nos à imagem de uma espécie de bordado emocional e sequencial que liga todos os estados emocionais, sem que haja um que se destaque mais do que os outros. Em contrapartida, para as mulheres em segundos relacionamentos (M2°R), encontramos apenas uma correlação entre as emoções de auto-eficácia e as de serenidade. Segundo Michell (1983) as mães recasadas têm um sentimento de competência familiar global mais elevado e um controle interno sobre o desenrolar da sua vida (Saint-Jacques, 1990). No entanto, estas mulheres não apresentam o bordado emocional, isto é, os estados emocionais não se

---

<sup>44</sup> A partir deste momento, na discussão dos resultados, iremos utilizar estas abreviaturas para referir os subgrupos de amostras: (M1°R) para mulheres em primeiro relacionamento e (M2°R) para mulheres em segundo relacionamento.

correlacionam entre si. Perante estes resultados, podem ser plausíveis algumas interpretações, se partirmos do princípio que as M2ºR são mais velhas, podem ser mais controladas emocionalmente, segundo experiências laboratoriais<sup>45</sup> os investigadores dizem que há uma melhoria no controle e compreensão emocionais à medida que as pessoas ficam mais velhas; Tornam-se mais maduras? E maturidade é sinal de controlo emocional? Esta nossa interpretação não está consonante com a revisão de literatura realizada por Bouchard (2005), onde as pessoas em segundos casamentos têm comportamentos mais imaturos, e mais difíceis de sustentar relações íntimas. No entanto, outros estudos sustentam a nossa posição, (Michell, 1983, Hetherington, 1987, cit. por Saint-Jacques, 1990) colocando mais questões: tornam-se mais frias, menos abertas às trocas emocionais, tendo-se fechado após separação / divórcio de uma primeira relação? Após a catástrofe emocional de sentimentos contraditórios podem as feridas da perda e da desilusão resfriar emoções? O divórcio/separação está em segundo lugar na lista das situações de maior perturbação vividas por uma pessoa, logo a seguir à perda por morte de um ente querido (Parkinson, 2000). Serão então, *self made women*? A literatura parece indicar que as mulheres tendem a experimentar mais alegrias e também mais tristezas, sendo que alguns estudos encontraram uma ligeira interação no caso das mulheres mais jovens serem mais felizes e as mais velhas serem menos felizes (do que os homens) (Oliveira, 2004), isto poderia corroborar em parte, o facto de termos encontrado uma constelação de emoções presentes nas M1ºR e a sua ausência nas M2ºR.

Observando os estados emocionais no seu conjunto (o bordado) e a satisfação com a vida, apurámos apenas uma muito leve correlação negativa entre esta e as emoções negativas, para as M2ºR. Este resultado sugere que, quando vivenciadas as emoções positivas, não parecem influenciar a avaliação cognitiva da satisfação que estas mulheres sentem na e com as suas vidas, no entanto, quando são vivenciadas emoções negativas, estas parecem ter

---

<sup>45</sup> Lawton, Kleban, Rajagopal & Dean, (1992); Labouvie-Vief, Hakim-Larson, DeVoe & Schoeberlein, (1989). cit. por Carstensen, Gottman, Levenson (1995)

alguma influência na maneira como avaliam a vida e vice-versa. Levanta-se de novo a hipótese da sobrevivência destas mulheres às emoções vividas na separação de uma anterior relação, que pode servir de função reguladora do seu comportamento, pois quando se entristece, se amedronta ou se irrita, as possibilidades de sobrevivência são maiores, como dizem Neto e Marujo, “quem vai querer entrar no meu “território”/experiência durante esses estados?” (Neto & Marujo, 2004, p.42). De uma forma geral não encontramos interações entre a avaliação cognitiva da satisfação com a vida e a dimensão mais emocional daquela satisfação.

Para as M1ºR constata-se, no entanto, uma correlação entre a intensidade com que sentem as emoções de auto-eficácia e a satisfação que sentem com respeito à sua relação amorosa. Encontramos igualmente correlações entre as emoções pró-sociais e a satisfação conjugal e a sexualidade. De acordo com Argyle (1987), a pessoa feliz possui relações bem sucedidas com os outros e satisfação sexual (Oliveira, 2002). Verificamos também, para o mesmo grupo de mulheres, uma moderada relação entre as emoções de serenidade e a satisfação conjugal ao nível da sexualidade, da comunicação, expressividade afectiva e conflitos. Muitos estudos evidenciam que a qualidade das relações próximas, amorosas, têm importantes implicações para a saúde, bem-estar e longevidade (Gottman & Notarius, 2002; Troxel *et al*, 2007).

Em contrapartida, para as M2ºR não encontramos ligações entre os seus estados emocionais e a satisfação conjugal que possam indicar que as suas oscilações emocionais surjam relacionadas com a satisfação conjugal. Mais uma vez a interpretação anteriormente avançada nos parece plausível, a de maior independência emocional das M2ºR. Num estudo de Roberts e Price (1987) os homens casados pela primeira vez com mulheres em segundo casamento, percebem-nas como fortes e independentes (Saint-Jacques, 1990). Ou será que depois da separação de uma relação anterior, as mulheres aprenderam a controlar os seus

estados emocionais e a fazer-lhes depender menos das suas relações como forma de sobreviver a uma eventual futura dor? Numa investigação em torno do impacto que o fim das relações românticas tinha, nos parceiros individualmente, encontraram uma mudança grande nas actividades, rede social, objectivos e até em aspectos do auto-conceito de cada um, experimentando uma perda da noção de si próprio (sem o outro), um auto-conceito pouco claro e diminuto, e uma crise de angústia, sendo que, algumas destas modificações pareciam ser prevalentes (Slotter, Gardner & Finkel, 2010). Perante este cenário, mesmo que passado algum tempo, dado que as mulheres não recasam habitualmente logo após o divórcio (Pann & Cosbie-Burnett, 2005; Hetherington, 2003), haverá um conjunto de emoções, memórias e interacções continuadas que podem prevalecer ressonantes. Hyounk e NcKenry sugerem que o recasamento é menos benéfico para o bem-estar psicológico do que um primeiro casamento (Hyounk & NcKenry 2002), adiantando que talvez uma segunda vez, contenha menos romanticismo do que a primeira. No entanto, segundo múltiplos estudos<sup>46</sup> citados por Saint-Jacques, as segundas uniões são casamentos felizes e tão satisfatórios quanto os primeiros, sendo até para Albrecht (1979) mais satisfatórios do que aqueles, pelo menos durante os primeiros dois anos (Saint-Jacques, 1990), apesar de que as mulheres apresentam sempre mais baixos níveis de satisfação conjugal do que os homens em qualquer um dos casos (Pann & Crosbie-Burnett, 2005).

As análises indicaram um padrão de correlação moderado entre a satisfação com (e na) vida e outros factores, nomeadamente com a intimidade conjugal, nas mulheres em primeiros relacionamentos, e isso não se verificou nas M2°R.

Por outro lado, constatámos que, existe uma razoável correlação entre a intimidade e a proximidade conjugais, para as mulheres em 2°sR, não sendo esta encontrada nas M1°R.

---

<sup>46</sup> Albrecht, 1979; Glenn & Weaver, 1977; Demaris, 1984; White & Booth, 1985; Hetherington, 1987 (Saint-Jacques, 1990)

Uma interpretação possível destes padrões encontrados, pode ser, que as mulheres em 2ºs relacionamentos se sentem mais próximas e mais íntimas dos seus parceiros (do que as M1ºR), ainda que esta intimidade e proximidade sentidas, não pareçam interferir na avaliação que fazem às suas vidas, conseguindo portanto, diferenciar a relação íntima da satisfação com a vida. A confiança é uma pedra basilar nas relações íntimas dos segundos relacionamentos (Brimhall *et. al*, 2008). Em contrapartida, para as M1ºR a intimidade sentida nas suas relações parece ser um dos critérios de avaliação que contribui para a satisfação com as suas vidas. Parece-nos poder afirmar que o sentido de vida das mulheres em 1ºsR está mais dependente do investimento no outro ser humano, o que se designa frequentemente por amor (Narciso & Ribeiro, 2009), do que para as mulheres que estão a investir pela segunda vez. De acordo com a literatura, o casamento quando é íntimo, é positivo, é agradável (Foley & Duck, 2006), contém o desejo de promover o bem-estar de outra pessoa, a felicidade de poder partilhar experiências de vida, e entre outras coisas, o reconhecimento mútuo do valor do parceiro na sua vida, contribuindo por último, para a satisfação com a vida e para o bem estar do próprio (Gouveia *et al*, 2009).

Verificámos correlações moderadas entre a proximidade e a satisfação conjugal, nomeadamente nas dimensões atracção, intimidade e compromisso, comunicação, expressividade afectiva e conflitos, sexualidade e individualidade e autonomia, no grupo das M2ºR. No grupo em primeiro relacionamento encontrámos correlações sensivelmente menos significativas, com excepção da sexualidade que apresenta uma interacção mais significativa com a proximidade. Para este grupo não encontrámos correlação entre proximidade e individualidade e autonomia. Este último dado está de acordo com a interpretação anteriormente avançada, de uma mais frágil diferenciação entre cada um dos parceiros e o *nós*, nas mulheres em primeiro relacionamento ou de uma maior fusão enquanto casal.

Através dos dados apurámos que a avaliação da satisfação com a vida passa pela avaliação da satisfação com o casamento ou relacionamento amoroso que vivem, quando é a primeira vez que estão em relação. Nos segundos casamentos, as mulheres não fazem depender da satisfação conjugal (relacional) a satisfação que sentem com as suas vidas. Observamos nesta ausência de interacção entre satisfação conjugal e satisfação com a vida nos 2ºsR, uma excepção que correlaciona a satisfação com a vida e as funções familiares. A distribuição de tarefas domésticas e de cuidados à família, filhos, a gestão do cuidar, o alargamento do casal dentro da família são áreas que, quando estão acolhidas, contribuem para a satisfação da vida das mulheres<sup>47</sup> e que aparece aqui neste pequeno estudo exploratório, mais correlacionado com aquelas que estão em segundo casamento, talvez porque não conseguimos detectar outras correlações.

Encontrámos também neste estudo uma relação fortíssima entre a satisfação conjugal e a intimidade na relação. Sendo a intimidade um dos processos afectivos com mais peso nos factores centrípetos da satisfação conjugal (Narciso & Ribeiro, 2009) estes resultados vieram apenas confirmar o que já sabíamos.

No caso das M2ºR, a correlação entre a satisfação nas suas relações e o grau de intimidade percebido, é sensivelmente mais forte do que nas M1ºR. A investigação tem demonstrado a importância da relação forte do casal como factor de integração da nova família e um dos factores mais importantes na predição daquele relacionamento (Robert, Carstensen & Gottman, 1994; Shriner, 2009; Hetherington, 2003), dado que neste estudo 78% das M2ºR têm filhos de relação anterior e 28,3% têm enteados, logo, apesar do nosso foco ser o casal, sabemos que estamos a lidar com inúmeras reconstituições familiares, das quais não conseguimos apreender a complexidade. A literatura sobre recasamentos floresce a par com o

---

<sup>47</sup> Num estudo do ESRC Research Group, sob a direcção de Fiona Williams, “revelou a importante dimensão das actividades diárias, que são centrais na manutenção das vidas familiares e das relações pessoais – ajudar, cuidar tomar conta de, pensar em, falar, partilhar e oferecer um ombro no qual chorar. Esta pesquisa revelou que na generalidade, são as mulheres que cuidam e zelam pela família” (Williams *et al*, 2010).

próprio fenómeno e confirma a importância da relação íntima nos recasamentos enquanto pilar das reconstituições familiares. Se não houver esta força em torno do casal, existe um conjunto de forças separadoras, produto de sucessivas perdas que criam resistência a mais esta perda (do pai ou da mãe em favor do novo companheiro/a) (Ahrons, 2007; Hetherington, 2003). Para as M1ºR as funções familiares estão relacionadas com a intimidade, para as M2ºR as funções familiares estão relacionadas com a satisfação com a vida. Uma interpretação desta diferença pode ser a de uma maior diferenciação entre os subsistemas conjugal e parental para as M2ºR e talvez relações mais fusionais para as M1ºR o que pode ser explicado pelo facto de os subsistemas não coincidirem para segundos casamentos e serem constituídos pelos mesmos elementos nos primeiros relacionamentos.

A partir dos resultados, constatámos que a abertura ao exterior nas M1ºR tem uma correlação moderada com todas as dimensões da satisfação conjugal, à excepção da sexualidade, enquanto que no 2º R isso não se verifica. A abertura ao exterior aparece aqui para os 1ºs casamentos, correlacionada com a rede social e com a atracção, intimidade e compromisso e a satisfação conjugal. Em contrapartida, a rede social nas M1ºR está fortemente correlacionada à intimidade, o que não se verifica nas M2ºR. Apreciamos supor que os casais em 1º casamento fazem, muitas vezes, os mesmos amigos, criam uma história comum mais naturalmente e uma mesma rede social, que se constrói de vivências comuns, enquanto em 2ºs casamentos são duas histórias, duas redes sociais, dois percursos onde a intimidade do casal pode não jogar nenhum papel e não ter uma influência preponderante na satisfação relacional (McGoldrick, 1989).

Nos resultados que associavam as variáveis dependentes e as sócio-biográficas, confirma-se que mulheres menos escolarizadas vivenciam mais estados emocionais negativos. Este dado confirma em parte, o preconizado por McGoldrick (1989), quando afirma que o ciclo da família pobre ou menos letrada tem determinadas idiossincrasias a que devemos

prestar atenção, a desinformação, a baixa auto-estima, a insegurança no mundo actual podem ser produto ou contribuírem para a manutenção da situação. Segundo Aboim, são as mulheres com baixos níveis de escolaridade aquelas que assumem modelos mais institucionalizados, com menos partilha de tarefas e de poder (Aboim, 2004) e Kurdeck (1991) encontrou uma associação entre mulheres pouco escolarizadas e *distress* conjugal (Shriner, 2009). Estes estudos vão de encontro aos nossos resultados, sendo que, encontramos interações entre a escolaridade e a satisfação com a vida e a intensidade de emoções. São mais felizes aquelas mulheres que têm instrução, fazendo-se notar essa diferença na passagem do curso dos liceus completo para a universidade. Carvalho e Cruz consideram este período como “uma experiência de transição desenvolvimental (...) que permite diversificar experiências sociais, culturais e intelectuais” (Carvalho & Cruz, 2009, p.294). Aprender liberta, faz avaliar mais positivamente a vida.

No campo profissional as diferenças surgem de forma mais nítida, por um lado, o facto de estarem a trabalhar ou não, por outro, a categoria profissional que têm e ainda, a satisfação que sentem com a actividade profissional que desenvolvem, influenciam a satisfação com a vida e as emoções. Os estudos sugerem que “as variáveis demográficas e os factores de contexto, incluindo a idade, o sexo, o estado civil, emprego, classe social e cultural, estão fraca ou moderadamente relacionadas com o BES<sup>48</sup> (Diener *et al*, 1999; Ryan & Deci, 2001, cit. por Vieira, 2009). Este autor, investigou o BES dos professores com respeito à sua carreira e profissionalidade e encontrou evidências de que o trabalho tinha um lugar de relevo na saúde psicológica da sua amostra, o que vai de encontro à ideia preconizada por outros autores de que o trabalho constitui uma componente necessária para a construção e desenvolvimento do bem-estar pessoal e da felicidade. (Vieira, 2009). No entanto, Barnett (1987) e Oakley (1974) notam que as mulheres que estão mais satisfeitas com os seus

---

<sup>48</sup> Bem Estar Subjectivo – Definido como a reacção avaliativa das pessoas à sua própria vida, quer em termos de satisfação com a mesma, quer em termos de afectividade (reacções emocionais estáveis) (Diener & Diener, 1995, cit. or Vieira, 2009)

casamentos estão menos satisfeitas com a carreira, não esquecendo todo o conjunto de tarefas domésticas e de cuidados com os filhos que as tornam habitualmente mais perturbadas (*distressed*) (cit. por Steil, 1997). A responsabilidade pelo trabalho doméstico (não remunerado) é uma área fundamental do funcionamento conjugal que não é abarcada pelo nosso estudo senão de forma indirecta. Neste campo, Steil confirmou que quanto maior equidade na tomada de decisão entre mulher e parceiro e quanto mais responsabilidades domésticas e de filhos partilhavam, menos a mulher se sentia só, triste, irritada, preocupada, tensa, com medo, frágil e desinteressada em sexo (Steil, 1997).

No campo dos filhos, actuais, anteriores e enteados<sup>49</sup>, encontramos uma correlação significativa entre as emoções positivas das mulheres participantes e todos os *tipos* de filhos, o que confirma a força *parental* das mulheres no aconchego dos filhos. São também importantes as correlações encontradas entre a satisfação conjugal, a intimidade e os filhos actuais, para o grupo das mulheres-mães (N global) e, por outro lado, encontrámos interações significativas entre os filhos anteriores e a sexualidade, as funções familiares e os tempos livres, para as mulheres que já vinham de outro relacionamento. Sabemos de vários autores, (Visher, Visher & Pasley, 2003; McGoldrick & Carter, 1989) que as situações que concernem os filhos são fundamentais e muito sensíveis no recasamento e partem habitualmente de perdas, ao contrário dos filhos de/em primeiro casamento – ainda que, segundo Irena Levin (1997, cit. por Shriner, 2009) estes últimos também partem da perda da família de origem.

Fazendo parte da nossa amostra indiscriminadamente, M1°R com filhos, M2°R com e sem filhos de primeiros relacionamentos, com e sem enteados, retira-nos a possibilidade de melhor explicar estes resultados, porque não nos permite controlar as diferenças. Segundo a maior parte da investigação, os factores mais influentes na relação do casal concernem a

---

<sup>49</sup> O nosso estudo contemplava recolha de informação acerca de filhos adoptivos mas as respostas na nossa pequena amostra foram muito aquém de um valor significativo e possível de análise, pelo que optámos por não o integrar.

existência e a vivência da recomposição da nova família, e passa pela existência dos filhos, onde as diferenças de número, sexo, idades, são por si só factores diferenciadores dos resultados sensíveis que aqui abordamos (Bir-Akturk & Fisiloglu, 2009; Hetherington, 2003).

As constelações são múltiplas e quase sempre necessitam de grande atenção e paciência. O casal, a sua intimidade e a satisfação que sente na relação, não consegue fugir a isso, é naturalmente contaminado. Fizemos um esforço para encontrar estudos que empiricamente nos ajudassem a explicar os resultados obtidos sobre o funcionamento do casal e, naturalmente chegámos à sua parentalidade enquanto factor mediador da satisfação na relação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

*...o saber nunca é mais do que propostas de soluções provisórias e a título de ensaio e, conseqüentemente, encerra em si, em princípio, a possibilidade de se revelar erróneo, logo, não-saber.*

**Karl Popper**

Em síntese, neste estudo exploratório, verificou-se que as mulheres em primeiros ou em segundos casamentos não diferem na satisfação com a vida nem na satisfação conjugal, no entanto as primeiras são mais positivas para com a vida, enquanto as segundas são mais íntimas e próximas dos seus novos parceiros.

Parece-nos muito interessante o que encontramos acerca das emoções positivas vivenciadas por estas mulheres –mães: por um lado os resultados indicam que existe uma associação razoável entre a existência de filhos, biológicos ou enteados, de primeiros ou de segundos casamentos e as emoções positivas destas mulheres; por outro lado, os resultados apontam para a existência de uma diferença entre as mulheres em 1º e as mulheres em 2º relacionamentos, no que concerne à intensidade e frequência desses estados emocionais positivos, o que nos leva a inferir que essa diferença possa dever-se ao facto de as mulheres em primeiro relacionamento terem apenas filhos biológicos enquanto as de segundo casamento estarem habitualmente inseridas em famílias reconstituídas, com todas as problemáticas adjacentes, desde a ambigüidade das fronteiras, aos jogos de parentalidade dividida, às lealdades, à boa ou má vivência que os próprios filhos possam ter da relação de casal, e outros factores que, como vimos, envolvem estas famílias.

No presente estudo foi-nos difícil fugir das “famílias reconstituídas” para nos centrarmos no recasamento ou reacasalamento, i.e., na relação do casal e, os resultados a que chegámos parecem empurrar-nos de novo à constatação da interdependência (sobreposição?)

entre o novo subsistema casal e o subsistema parental que, se em primeiro casamento habitualmente coincide, em segundo casamento não.

### LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Aquilo que encontrámos deve ser olhado com alguma precaução porque por um lado é uma pequena amostra e desequilibrada em relação à variável a comparar (1º relacionamento e 2º relacionamento); por outro lado, a generalização dos resultados deste estudo está limitada à natureza da amostra podendo apenas ser generalizada a amostras semelhantes.

Não termos integrado na amostra mulheres em coabitação e sem filhos – para podermos comparar e compreender de maneira mais profunda, os resultados da interdependência entre o conjugal e o parental.

A diferença de estatuto – casamento formal ou matrimónio e a união de facto – e que diferenças no que diz respeito a estas variáveis, apresentaria? Traria diferença? Nos USA a literatura sobre o tema apresenta diferenças, nomeadamente na satisfação conjugal (Kim & McHenry, 2002; Amato, 2005), enquanto os estudos da Europa mostram que há um crescente procura dessa conjugalidade informal (Aboim, 2004; Rosa & Chitas, 2010).

Os instrumentos de recolha demonstraram-se muito limitados e deveriam ser complementados com outros de outra ordem, por forma a enriquecer este tipo de estudo (entrevistas, genogramas, compreensão mais profunda dos percursos destas mulheres).

Deveria ter sido realizada uma recolha de informação mais inteligente, dos tempos de relação (1ª e 2ª), das idades e sexo dos filhos, das idades dos parceiros e se estes se encontravam em primeiro ou em segundo relacionamento.

## PERSPECTIVAS FUTURAS

Seria interessante dar continuidade a este tema através de um estudo longitudinal que permitisse aceder às percepções da satisfação das mulheres em diferentes períodos do ciclo de vida e do ciclo da família (e das fases do casal), porque mais importante do que compreender quem é mais feliz será compreender o que acontece, o que tem, o que falta, o que contribui, que circunstâncias ótimas para se ser mais feliz. Nesse estudo poder-se-ia integrar algumas das limitações atrás apontadas e corrigi-las. Ao mesmo tempo, acreditamos ter sido importante a realização deste estudo empírico exploratório exactamente para levantar algumas destas necessidades sentidas e a constatação de que não existem estudos sobre este tema em Portugal, o que, à partida nos parece bastante inovador, dado que esta realidade, de múltiplas formas de constituição familiar<sup>50</sup> está naturalmente a crescer no nosso país e precisa de apoio teórico para a prática preventiva e clínica.

## IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA, PREVENTIVA

Em terapia de casal, em clínica, em prevenção, gostaríamos de contribuir para renovar a ideia estigmatizante e preconceituosa dos recasamentos/reacasalamentos, tendo em conta as suas diferenças em relação aos primeiros relacionamentos, para intervir positivamente e utilizar os seus potenciais. Além disso há um conjunto de factores de extrema importância em qualquer relacionamento amoroso, como vimos, que seria importante trabalhar, consciencializar, promover ou dessensibilizar. No futuro, o entendimento disto e a sua aceitação pode tornar a vida das mulheres, casais e famílias mais previsíveis, mais facilmente organizadas e com maior satisfação. Também acreditamos que esta perspectiva de investigação será mais profícua para assegurar mais estabilidade aos adultos que acreditam numa segunda vez, e para tentar compreender o que facilita o bem-estar das pessoas e a adaptação do casal.

---

<sup>50</sup> “Talvez o “re” das famílias seja demasiado, e falar de famílias compostas será suficiente” (Garnier & Mosca, 2001, p.131)

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

*Não é importante compreender quem é feliz mas quando e porquê se é feliz*  
**Diener**

- Aboim, S. (2004). As orientações normativas da conjugalidade In Wall, K. (coord) *Famílias no Portugal Contemporâneo* (1-58). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/ICS.
- Acitelli, L.; Duck, S. (1987). Intimacy as the Proverbial Elephant. In Perlman, D.; Duck, S. (coord), *Intimate relationships* (297-309). California, Sage Publications.
- Adler-Baeder, F.; Higginbotham, B. (2004). Implications of Remarriage and Stepfamily Formation for Marriage Education. *Family Relations*, 53, 448-458.
- Ahrons, C. (2007). Family Ties After Divorce: Long-Term Implications for Children. *Family Process*, 46, 1, 53-65.
- Ahrons, C.; Tanner, J. (2003). Adult Children and Their Fathers : Relationship Changes 20 Years After Parental Divorce. *Family Relations*, 52, 340-351.
- Allen, K.; Baber, K. (1992). Starting a Revolution in Family Life Education: A Feminist Vision. *Family Relations*, 41, 378-384.
- Amato, P. (2005). The Impact of Family Formation Change on Cognitive, Social and Emotional Well-Being of the Next Generation, *In The future of children*, 15, 2, 75-95.
- Aron, A.; Aron, E.; Smollan, D. (1992). Inclusion of Other in Self Scale and the Structure of Interpersonal Closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, (4) 596-612.
- Baron, K.; Smith, T.; Butner, J.; Moore, J.; Hawkins, M.; Uchino, B. (2007). Hostility, Anger, and Marital Adjustment: Concurrent and Prospective Associations with Psychosocial Vulnerability. *Journal of Behavioral Medicine*, 30, (1) 1-10.
- Beach, S.; Fincham, F. (2010). Conflict can be Constructive: Reflections on the Dialectics of Relationship Science. *Journal of Family Theory & Review*, 2, 54-57.
- Bir-Akturk, E.; Fisiloglu, H. (2003). Marital Satisfaction in Turkish Remarried Families: Marital Status, StepChildren and Contributing Factors. *Journal of Divorce & Remarriage*, 50, 119-147.
- Bouchard, G. (2005). Transição para a Maternidade e Qualidade Relacional: Importará a história do divórcio ou separação prévia? *Journal of divorce & marriage*, 44 (1/2) 107-117.

- Brenda W. Donnelly, B.; Voydanoff, P. (1986). Adjustment and Satisfaction of Parents: A Comparison of Intact, Single-Parent, and Stepparent Families. *Journal of Family Issues*, 7, 4, 391-404.
- Brimhall, A.; Wampler, K.; Kimball, T. (2008). Learning from the Past, Altering the Future: A Tentative Theory of the Effect of Past Relationships on Couples Who Remarry, *Family Process*, 47, 3, 373-388.
- Caillé, P & Rey, Y (2003). *Os Objectos Flutuantes – à redescoberta da relação de Ajuda* (trad.), Lisboa: Climepsi Ed.
- Carrère, S.; Buehlman, K.; Gottman, J.; Coan, J.; Ruckstuhl, L. (2000). Predicting Marital Stability and Divorce in Newlywed Couples. *Journal of Family Psychology*, 14, 1, 42-58.
- Carstensen, L.; Gottman, J.; Levenson, R. (1995). Emotional Behaviour in Long-Term Marriage. *American Psychological Association*, 10, 1, 101-140.
- Carter, B.; McGoldrick, M. (coords) (1995). *As mudanças no Ciclo de Vida Familiar* (trad.), Porto Alegre: Artes Médicas.
- Clapp, G. (2000). *Divorce and New Beginnings*. New York, John Wiley & Sons, Inc.
- Cordova, J.; Gee, C.; Warren, L. (2005). Emotional Skilfulness in Marriage: Intimacy as a Mediator of the Relationship between Emotional Skilfulness and Marital Satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24, (2) 218-235.
- Cordova, J.; Jacobson, N.; Gottman, J.; Rush, R.; Cox, G. (1993). Negative Reciprocity and Communication in Couples with Violent Husband. *Journal of Abnormal Psychology*, 102, (4) 559-564.
- Csikszentmihalyi, M. (2002). *Fluir – A Psicologia da Experiência Ótima, Medidas para melhorar a Qualidade de Vida* (trad.), Sta. Maria da Feira: Relógio d'Água Editores.
- Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si – O corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- DiBlasia F.A.; Benda B. B. (2008). Forgiveness Intervention with Married Couples: Two empirical analyses. *Journal of Psychology and Christianity*, 27, 2, 150-158.
- Diener, E.; Oishi, S.; Lucas, R. (2003). Subjective Well-being: Emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology*, 125, 2, 276-302.
- Elkaim, M. (2007). *Como sobreviver à própria Família* (trad.), Lisboa: Sinais de Fogo.
- Falcke, D.; Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenómeno da Transgeracionalidade: definição de conceitos In Wagner, A. (coord) *Como se perpetua a família*, Ed. Edipucrs.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 11, 2, 1-14.

- Fernandes, O.M. (2002). *Semelhanças e Diferenças entre Irmãos*, Lisboa: Climepsi.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão: as relações entre irmãos nas famílias actuais*. Lisboa: Oficina do Livro Editorial.
- Fernandes, O.; Alarcão, M.; Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos Psicológicos (Campinas)* 24, 3, 297-304.
- Ferraz, R.B. et al (2007). Felicidade: uma revisão. *Revista de Psicologia Clínica*, 34, 5, 234-242.
- Ferreira, P. (2003). Tendências e Modalidades de Conjugalidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 67-82.
- Ferry, L. (2008). *Famílias amo-vos* (trad.), Mafra: Círculo-Leitores.
- Fincham, F.; Hall, J.; Beach, S. (2006). Forgiveness in Marriage: Current status and future directions. *Family Relations*, 55, 415-427.
- Fincham, F.; Stanley, S.; Beach, S. (2007). Transformative processes in Marriage: An analysis of emerging trends. *J. Marriage Family*, 62, 2, 275-292.
- Flowerdew, J.; Neale, B. (2003). Trying to stay apace – Children with multiple challenges in their post-divorce family lives. *SAGE Publications*, 10, 2, 147-161.
- Foley, M.; Duck, S. (2006). That Dear Octopus. In Turner, L.; West, R. (Eds.), *The family communication sourcebook*. (183-199). Califórnia: Sage Publications.
- Gameiro, J. (2004). *Nem contigo nem sem ti*. Lisboa: Terramar.
- Gameiro, J. et col. (2007). *Entre Marido e Mulher....* Lisboa: Trilhos Editora.
- Garnier, M.; Mosca, F. (2001). Composer avec l’Idée de Famille. Recomposition familiale: risqué ou banalité ?. *Thérapie Familiale*, 23, 2, 121-132.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência Emocional* (trad.), Lisboa: Círculo de Leitores.
- Gonçalves, D.; Kapczinski, F. (2008). Transtorno Mental, indicadores demográficos e satisfação com a vida. *Rev. Saúde Pública*, 42, 6, 1060-1066.
- Gouveia, V.; Fonseca, P.; Cavalcanti, J.; Diniz, P.; Dória, L. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade factorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia*, 14, 1, 31-39.
- Gottman, J.; Levenson, R. (1992). Marital Processes Predictive of Later Dissolution Behaviour, Psychology and Health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 2, 221-233.
- Gottman, John M.; Krokoff, L. (1989). Marital Interaction and Satisfaction: A Longitudinal View. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57, 1, 47-52.

- Gottman, J. (1993). The roles of Conflict Engagement, Escalation and Avoidance in Marital Interaction: A Longitudinal View of Five Types of Couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61, 1, 6-15.
- Gottman, J.; Silver, N. (2001). *Os 7 Princípios do Casamento* (trad.), Cascais: Pergaminho.
- Halford, W.; Lizzio, A.; Wilson, K.; Occipinti, S. (2007). Does Working at your Marriage help? Couple Relationship Self-Regulation in the First 4 years of Marriage. *Journal of Family Psychology*. 21, 2, 185-194.
- Heller, D.; Watson, D. (2005). The Dynamics Spillover of Satisfaction Between Work and Marriage: The Role of Time and Mood. *Journal of Applied Psychology*, 90, 6, 1273-1279.
- Hernandez, J.; Oliveira, I. (2003). Os componentes do Amor e a Satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21, 3, 58-69.
- Hetherington, E. (2003). Social Support and the Adjustment of Children in Divorced and Remarried Families. *SAGE Publications*, 10, 2, 217-236.
- Ishii-Kuntz, M.; Ihinger-Tallman, M. (1991). The Subjective Well-Being of Parents. *Journal of Family Issues*, 12, 1, 58-68.
- Jesus, S.; Rezende, M. (2009). Saúde e Bem-Estar. In Cruz, P.; Jesus, S.; Nunes, C. (coord.) *Bem-estar e Qualidade de Vida* (11-29) Alcochete: Textiverso, Lda.
- Jr. Hickmon; William. A.; Protinsky, H.; Singh, K. (1997). Increasing Marital Intimacy: Lessons from marital enrichment. *Contemporary Family Therapy*, 19, 4, 47-61.
- Kim, H.; McKenry, P. (2002). The Relationship between Marriage and Psychological Well-Being: A Longitudinal Analysis. *Journal of Family Issues*, 23, 8, 885-911.
- Kurdeck, L.; Fine, M. (1991). Cognitive Correlates of Satisfaction for Mothers and Stepfathers I Stepfather Families. *Journal of Marriage and Family*, 53, 3, 565-572.
- Laurence J-P.; Barrett, L.; Rovine, M. (2005). The Interpersonal Process Model of Intimacy in Marriage: A Daily-Diary Multilevel Modeling Approach. *Journal of Family Psychology*, 19, 2, 314-323.
- Levenson, R.; Carstensen, L.; Gottman, J. (1994). The Influence of Age and Gender on Affect, Physiology and Their Interrelations: A Study of Long-Term Marriages. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 1, 56-68.
- Lima, V; Vieira, F.; Soares, I. (2003). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal. <http://scielo.oces.mctes.pt>.
- Lind, W. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: diferenças e recursos*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

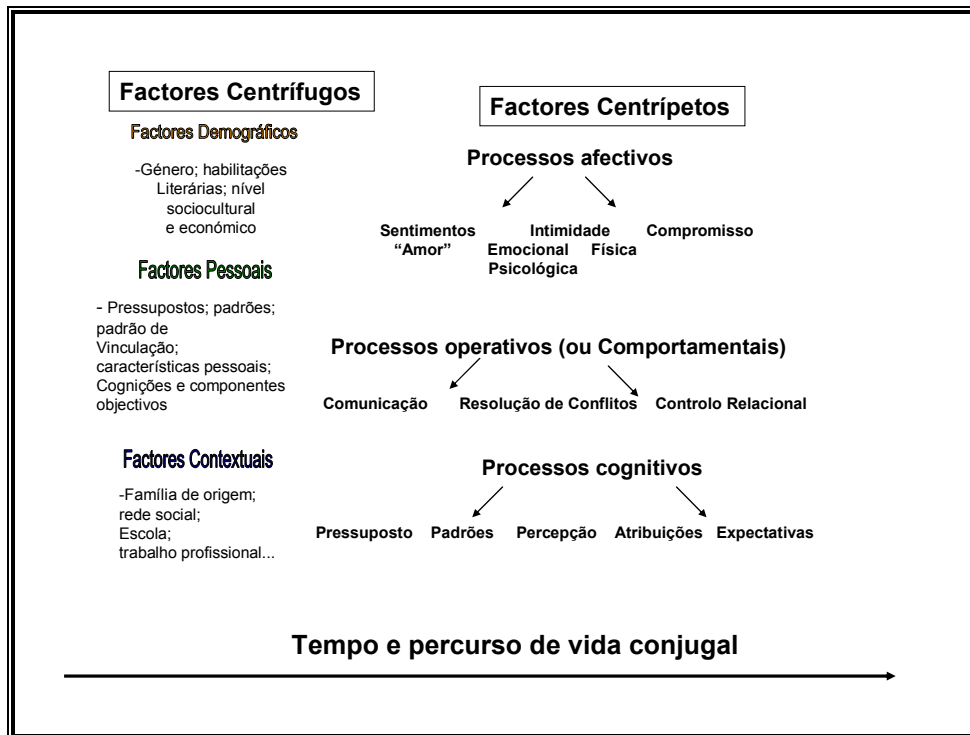
- Lobo, C.; Conceição, C. P. (2003). O recasamento em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, 141-159.
- Machado, L. (2001). Family and Individualism: contemporary tendencies. *Brazil Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 4, 8, 11-28.
- Maniaci, M.; Reis, H. (2010). The Marriage of Positive Psychology and Relationship Science: A Reply to Fincham and Beach. *Journal of Family Theory & Review*, 2, 47-53.
- McCarthy, B.; Ginsberg, R. (2007). Second marriages: Challenges and risks. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 15, 2, 119-123.
- McKenry, P.; Price, S.; Fine, M.; Serovich, J. (1991). Predictors of Single, Noncustodial Fathers' Physical Involvement With Their Children. *Journal of Genetic Psychology*, 153, 3, 305-319.
- McNulty, J.; Russell, M. (2010). When “Negative” Behaviour Are Positive: A contextual Analysis of the Long-Term Effects on Problem-Solving Behaviours on Changes in Relationship Satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98, 4, 587-604.
- Michaels, M. (2006). Factors That Contribute to Stepfamily Success: A Qualitative Analysis. *Journal of Divorce & Remarriage*, 44, 13/4, 53-66.
- Minuchin, S. (1981). *Family Therapy Techniques*, Cambridge, Harvard University Press.
- Moreira, H.; Amaral, A.; Canavarro, M. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 353-373.
- Moreira, J.; Gamboa, P. (2010). *The Affective States Inventory: A brief, multidimensional measure of emotional indicators of adjustment*. Manuscript submitted for publication.
- Mosmann, C.; Wagner, A.; Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos. *Paidéia*, 16, 35, 315-325.
- Narciso, I.; Costa, M. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I.; Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neto, L.; Marujo, H. (2007). Propostas estratégicas da Psicologia para a prevenção e regulação do stress. *Análise Psicológica*, 4, XXV, 585-593.
- Neto, L.; Marujo, H. (2001). *Optimismo e Inteligência Emocional*. Lisboa: Editorial Presença.
- Norgren, M. e colaboradores (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia* 9, 3, 575-584.

- Oliveira, J. (2002). *Psicologia Positiva*. Porto: Edições ASA.
- Pann, K.; Crosbie-Burnett, M. (2005). Remarriage and Recoupling: a stress perspective In P. C. McKenry e S.J. Price (coord.) *Families and Change – Coping with stressfull events and transitions* (253-284). California: Sage Publications.
- Parkinson, L. (2008). *Mediação Familiar* (trad.), Lisboa: Ed. Ministério da Justiça – GRAL.
- Pasley, K.; Rhoden, L; Visher, E; Visher, J. (1996). Successful Stepfamily Therapy: Clients' Perspectives. *Journal of Marital and Family Therapy*, 22, 3, 343-357.
- Perel, E. (2008). *Amor e desejo na relação conjugal* (trad.), Lisboa: Editorial Presença.
- Pereira, A. (2008). *SPSS – Guia prático de utilização*. Lisboa: Sílabo.
- Pyke, K. (1994). Women's employment as a gift or a burden?: Marital power across Marriage, Divorce and Remarriage. *Gender & Society*, 8, 1, 73-91.
- Prata, F. (2008). *Terapia Sistémica de Casal. Respigando Ideias e Experiências*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ramalho, C. (2008). *(os) Nós e os Laços: Vinculação, Suporte Social e Bem-Estar em jovens adultos*, Tese de Mestrado em Psicologia na Faculdade e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família - perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, J. (2009). A importância da Qualidade de Vida para a Psicologia da Saúde In Cruz, P.; Jesus, S.; Nunes, C. (coord) *Bem-estar e Qualidade de Vida*. (31-49). Alcochete: Textiverso, Lda.
- Rosa, M.J.; Chitas, P. (2010). *Portugal: os Números*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- Saint-Jacques, M-C. (1990). Familles recomposes: qu'avons-nous appris au fil des ans?. *Service Social*, 39, 3, 7-37.
- Schaap, C. (1984). A Comparison of the Interaction of distressed and Nondistressed Married Couples in a Laboratory Situation: Literature Survey, Methodological Issues, and an Empirical Investigation. In Hahlweg, K.; Jacobson, N. (eds) *Marital Interactions: Analysis and Modification*, 133-158. New York: Guilford Press.
- Seligman, M.; Steen, T.; Park, N.; Peterson, C. (2005) Positive Psychology Progress – Empirical Validation of Interventions. *American Psychologist*, 60, 5, 410-421.
- Shaifali S. (2009). The Social Context of Marital Happiness in Urban Indian Couples: Interplay of Intimacy and Conflict. *Journal of Marital and Family Therapy*, 35, 1, 74-96.

- Shriner, M. (2009). Marital Quality in Remarriage: a Review of Methods and Results. *Journal of Divorce & Remarriage*, 50, 81-89.
- Silva, M; Relvas, A. (2002). Casal, Casamento e União de Facto In Relvas, A. & Alarcão, M (coord) *Novas formas de Família*. Coimbra: Quarteto.
- Siméon, M. (1995). Du Divorce à la Famille Recomposée: Approche Systémique des Transations Familiales. *Thérapie Familiale*, 16, 2, 213-225.
- Simões, A. (1992). Ulterior Validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS) *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 3, XXVI, 503-515.
- Slotter, E.; Gardner, W.; Finkel, E. (2010). Who am I Without You? The influence of Romantic Breakup on the Self-Concept. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36, 2, 147-160.
- Steil, J. (1997). *Marital equality: Its relationships to the well-being of husbands and wives*. California: Sage Publications, Inc.
- Stewart, S. (2005). Boundary Ambiguity in Stepfamilies. *Journal of Family Issues*, 26, 7, 1002-1029.
- Stoll, B.; Arnaut, G.; Fromme, D.; Felker-Thayer, J. (2005). Adolescents in Stepfamilies: A Qualitative Analysis. *Journal of Divorce & Remarriage*, 44, 1/2, 177-189.
- Strauss, L.; Katherineen, G.; Spiro, M. (1958). *A Família como Instituição* (trad.), Porto: Rés Editora, Lda.
- Wachs, K.; Cordova, J. (2007). Mindful Relating: Exploring Mindfulness and Emotion Repertoires in Intimate Relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 33, 4, 464-481.
- Walker, A.; Hiriyama, R. (2010). Missing Pieces of a Positive Relationship Science: Comment on Fincham and Beach. *Journal of Family Theory & Review*, 2, 36-41.
- Williams, F. (2010). *Repensar as Famílias* (trad.), Cascais: Princípia.
- Van Boven, L.; Gilovich, T. (2003) To Do or to Have? That is the Question. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 6, 1193-1202.
- Vieira L. (2009). O trabalho dá saúde? In Cruz, J.; Jesus, S.; Nunes, C. (coord) *Bem Estar e Qualidade de Vida*, (267-283) Alcochete: Textiverso.
- Visher, E.; Visher, J.; Pasley, K. (2003). Remarriage families and step parenting. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: growing diversity and complexity*, (153–175). New York: Guilford Press.

CASARAM E SERÃO FELIZES PARA SEMPRE ENQUANTO DURAR (Gameiro, 2004)

ANEXO 1: ESQUEMA DO MODELO DE SATISFAÇÃO CONJUGAL DE  
NARCISO, 2001



ANEXO 2: CARATERIZAÇÃO SÓCIO-BIOGRÁFICA (Quadros 1,2,3)

Caracterização da amostra N= 168

Quadro 1.

Valores de frequência (*f*) e valor percentual (%). Mediana, média e desvio-padrão. N=168

<b>Idade</b>	<i>f</i>	%		
20 - 29 anos	15	8,9		
30 - 39 anos	74	44,1		
40 - 49 anos	62	36,9		
50 - 59 anos	15	8,9		
60 - 68 anos	2	1,2		
			Média	39,49
			Mediana	39
			Desvio-padrão	7,668

<b>Pais de origem</b>	<i>f</i>	%
Portugal	136	81
Noutro Pais	32	19

<b>Níveis de escolaridade</b>	<i>f</i>	%
Curso universitário completo	85	50,6
Curso dos liceus completo	25	14,9
Nível do 9º ano e escolas profissionais	54	32,1
Instrução primária completa	3	1,8
Instrução primária incompleta ou nula	1	0,6

<b>Emprego</b>	<i>f</i>	%
Trabalhadora	123	73,2
Desempregada	45	26,8

N=168

<b><i>Categoria Profissional</i></b>	<i>f</i>	% (válida)
Quadro Superior	21	12,9
Quadro Médio	24	14,7
Técnico Especializado	23	14,1
Empregado Serviços/Comércio/Administração	27	16,6
Trabalho Qualificado/Especializado	6	3,7
Trabalho Não Qualificado/não especializado	17	10,4
Não Activo	4	2,5
Estudante	41	25,2
sem resposta	5	

N=168

<b><i>Satisfação face ao trabalho</i></b>	<i>f</i>	%	% (válida)
Pouco Satisfeita	6	3,6	4,6
Satisfeita	34	20,2	26,2
Bastante Satisfeita	67	39,9	51,5
Muito Satisfeita	23	13,7	17,7
Sem resposta	38	22,6	

<b><i>Rendimento familiar</i></b>	<i>f</i>	%
Fortuna herdada	5	3
Lucros de empresas	5	3
Vencimento mensal fixo	128	76,2
Dependência familiar	17	10,1
Previdência Social	13	7,7

N=168

<b>Situação relacional</b>	<i>f</i>	%
Primeira vez relação em coabitação	108	64,3
Outra vez relação em coabitação	60	35,7

Tempo da relação actual N=168 .

	<i>f</i>	%
≤2	7	3,6
3 a 7 anos	48	28,6
8 a 14	58	34,6
15 a 19	24	14,4
20 a 29	25	15
≥30	6	3,6

Média =	12,4
Mediana =	11
Desvio Padrão =	7,378

Tempo da anterior relação N=60

	<i>f</i>	%
≤2	6	10
3 a 7 anos	26	43,3
8 a 14	23	38,3
15 a 19	3	5
≥20	2	3,3

Número de filhos por mulher

	<i>f</i>	%
1	59	35,1
2	75	44,6
3	22	13,1
4	9	5,4

Média =	1,94
Mediana =	2
Desvio Padrão =	0,927

5	3	1,8
<i>filhos biológicos</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Sim	162	96,4
Não	6	3,6
<i>filhos da relação (a actual)</i>		
Sim	131	78,0
Não	37	22
<i>filhos do 1º casamento</i>		
sim	50	29,8
não	118	70,2
<i>enteados</i>		
sim	22	13,1
não	146	86,9
<i>filhos adoptivos nesta relação (a actual)</i>		
sim	4	2,4
não	164	97,6
<i>filhos adoptivos do 1º casamento</i>		
sim	2	1,2
não	166	98,8

N=168

#### Agregado Familiar

	<i>f</i>	<i>%</i>
Eu mais companheiro	11	6,5
Casal mais filhos	151	89,9
Casal mais filhos mais meu parente	1	0,6
Casal mais filhos mais parente dele	2	1,2
Outro	3	1,8

### Número de pessoas por agregado

	<i>f</i>	%
2	11	6,5
3	70	41,7
4	68	40,5
5	13	7,7
6	4	2,4
7	1	0,6
8	1	0,6

Média =	3,62
Mediana =	4,00
Desvio Padrão =	0,927

N=168

### Divórcio dos pais

	<i>f</i>	%
Sim	25	14,9
Não	142	84,5
Sem resposta	1	0,6

---

## Quadro 2

Caracterização do grupo de mulheres casadas ou em união de facto pela primeira vez e há mais de 1 ano. N=108

### Idades

Média =	38,17
Mediana =	38
Desvio-padrão =	6,394

### Níveis de escolaridade

	<i>f</i>	%
Curso universitário completo	52	48,1
Curso dos liceus completo	17	15,7
Nível do 9º ano e escolas profissionais	37	34,3
Instrução primária completa	2	1,9
Instrução primária incompleta ou nula	-	-

### Emprego

	<i>f</i>	%
Trabalhadora	77	71,3
Desempregada	31	28,7

## Categoria Profissional

n=108

	<i>f</i>	%
Quadro Superior	10	9,3
Quadro Médio	15	13,9
Técnico Especializado	17	15,7
Empregado Serviços/Comércio/Administração	16	14,8
Trabalho Qualificado/Especializado	4	3,7
Trabalho não Qualificado/não especializado	12	11,1
Não Activo	2	1,9
Estudante	28	25,9
Sem resposta	4	3,7

## Tempo da relação

	<i>f</i>	%	
≤2	0	0	
3 a 7 anos	22	20,3	
8 a 14	39	36,2	Média = 14,53
15 a 19	21	19,5	Mediana = 13
20 a 29	21	19,5	Desvio-padrão = 7,221
≥30	5	4,6	

## Número de Filhos

Nº filhos	<i>f</i>	%
1	46	42,6
2	53	49,1
3	8	7,4
4	1	0,9

	<i>f</i>	%	n=108
<i>filhos biológicos</i>			
sim	105	97,2	
não	3	2,8	
<i>filhos do casamento</i>			
sim	101	93,5	
não	7	6,5	
<i>filhos anteriores</i>			
sim	3	2,8	
não	105	97,2	
<i>enteados</i>			
sim	5	4,6	
não	103	95,4	
<i>filhos adotivos</i>			
sim	2	1,9	
não	106	98,1	

### Agregado familiar

	<i>f</i>	%
Eu mais companheiro	3	2,8
Casal mais filhos	101	93,5
Casal mais filhos mais meu parente	1	0,9
Casal mais filhos mais parente dele	2	1,9
Outro	1	0,9

## Número de pessoas por agregado familiar

n=108

Nº de pessoas	<i>f</i>	%
2	3	2,8
3	47	43,5
4	50	46,3
5	7	6,5
6	1	0,9

## Divórcio dos pais

	<i>f</i>	%
Sim	14	13,0
Não	93	86,1
Sem resposta	1	0,9

## Local da mulher na fratria de origem

	<i>f</i>	%
Filha única	11	10,2
Filha mais velha	34	31,5
Filha do meio	22	20,4
Filha mais nova	40	37,0
Gêmea	1	0,9

## Local do companheiro na fratria

	<i>f</i>	%
Filho Único	21	19,4
Filho mais velho	34	31,5
Filho do meio	19	17,6
Filho mais novo	32	29,6
Gémeo	2	1,9

**Quadro 3**

Caracterização do grupo de mulheres recasadas ou em re-união de facto (segundos relacionamentos) n=60

## Idades

Média	41,88
Mediana	42
Desvio-padrão	9,125

## Níveis de escolaridade

	<i>f</i>	%
Curso universitário completo	33	55
Curso dos liceus completo	8	13,3
Nível do 9º ano e escolas profissionais	17	28,3
Instrução primária completa	1	1,7
Instrução primária incompleta ou nula	1	1,7

## Emprego

	<i>f</i>	%
Trabalhadora	46	76,7
Desempregada	14	23,3

## Categoria Profissional

	<i>f</i>	%
Quadro Superior	11	18,3
Quadro Médio	9	15
Técnico Especializado	6	10
Empregado Serviços/Comércio/Administração	11	18,3
Trabalho Qualificado/Especializado	2	3,3
Trabalho não Qualificado/não especializado	5	8,3
Não Activo	2	3,3
Estudante	13	21,7
Sem resposta	1	1,7

## Tempo da relação actual n=60 (segunda união ou recasamento) n=60

	<i>f</i>	%
$\leq 2$	7	11,7
3 a 7 anos	26	43,3
8 a 14	19	31,7
15 a 19	3	5
20 a 29	3	6,7
$\geq 30$	1	1,7

## Número de Filhos

Nº filhos	<i>f</i>	%
1	13	21,7
2	22	36,7
3	14	23,3
4	8	13,3
5	3	5

<i>filhos biológicos</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	
sim	57	95	
não	3	5	
<i>filhos da 2ªUnião (a actual)</i>			
sim	30	50	
não	30	50	
<i>filhos da 1ªUnião</i>			
sim	47	78,3	
não	13	21,7	
<i>enteados</i>			
sim	17	28,3	
não	43	71,7	
<i>filhos adoptivos da 2ªUnião (a actual)</i>			
sim	2	3,3	n=60
não	58	96,7	
<i>filhos adoptivos da 1ªUnião</i>			
sim	2	3,3	
não	58	96,7	

#### Agregado familiar

	<i>f</i>	<i>%</i>
Eu mais companheiro	8	13,3
Casal mais filhos	50	83,3
Outro	2	3,3

#### Número de pessoas por agregado familiar

Nº de pessoas	<i>f</i>	<i>%</i>
2	8	13,3
3	23	38,3

4	18	30
5	6	10
6	3	5
7	1	1,7
8	1	1,7

#### Divórcio dos pais

	<i>f</i>	%
Sim	11	18,3
Não	49	81,7

#### Local da mulher na fratria de origem

n=60

	<i>f</i>	%
Filha única	10	16,7
Filha mais velha	14	23,3
Filha do meio	12	20
Filha mais nova	22	36,7
Gémea	2	3,3

#### Local do marido na fratria

Filho único	10	16,7
Filho mais velho	21	35
Filho do meio	7	11,7
Filho mais novo	22	36,7

## ANEXO3: PROTOCOLO DE RECOLHA DE DADOS: OS INSTRUMENTOS

### OLÁ. OBRIGADA POR PARTICIPAR NESTE ESTUDO

A presente investigação procura estudar a importância da satisfação conjugal na maneira como cada mulher se sente na/com a sua vida. Este estudo pretende contribuir para o conhecimento na área das relações familiares e mais especificamente de casal, no contexto actual português.

**A sua colaboração, que desde já agradecemos, é, deste modo, fundamental.**

Não há respostas certas ou erradas, pois as pessoas têm diferentes opiniões. **TODA A INFORMAÇÃO É ANÓNIMA E CONFIDENCIAL**, sendo apenas utilizada para fins estatísticos, no contexto desta investigação.

**É muito importante que leia atentamente e responda a todas as questões. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.** Quando não tiver a certeza acerca da resposta, por favor, responda aproximadamente. Lembre-se que só pode escolher **uma opção por pergunta**.

O presente estudo, pelos seus objectivos, exige um conjunto de condições a que devemos responder. Se a sua situação actual estiver integrada nas mesmas, pode e deve continuar a responder aos questionários seguintes. **Se não respeitar uma única das condições**, desde já lhe agradecemos a sua disponibilidade, mas **deve ficar por aqui**.

As condições a que as participantes deverão responder são as seguintes:

- . Ser mãe biológica, mãe adoptiva ou madrastra,
- . Estar a viver em coabitação há mais de um ano (casamento ou união de facto).

# QUESTIONÁRIO SÓCIO-BIOGRÁFICO

(Adaptado do S. E. Q., de W. Toman, por Otilia Monteiro Fernandes & Margarida M. Guerreiro, 2010)

Este questionário tem como objectivo principal fazer o levantamento de alguns aspectos relevantes do seu percurso familiar e individual e do seu meio familiar de origem. Faz parte de uma investigação sobre a importância da satisfação conjugal na maneira como cada mulher se sente na/com a sua vida, que está a ser realizada na Universidade do Algarve.

Deve ser preenchido com rigor e honestidade, conjuntamente com as escalas que se anexam. Os dados que nos fornecer são CONFIDENCIAIS e ANÓNIMOS: não deve escrever o seu nome em nenhum lugar.

**MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.**

1. Tenho \_\_\_\_ anos de idade.

2. Nasci:  em Portugal, no concelho de \_\_\_\_\_ (escreva qual)  
 Noutro país: \_\_\_\_\_ (escreva qual)

3. Nível de escolaridade

- Universitário completo (ou em curso)
- Curso dos liceus completo; institutos superiores
- Nível do 9º ano (antigo 5º) dos liceus; escolas profissionais
- Instrução primária completa
- Instrução primária incompleta ou nula

4. Actividade

Sou trabalhadora. O trabalho que exerço é o de \_\_\_\_\_ (escreva qual)

trabalho a tempo inteiro

trabalho em tempo parcial

Trabalho  por conta de outrem

trabalho por conta própria

No trabalho que exerço sinto-me: 1 2 3 4 5

Assinale o valor correspondente ao seu grau de satisfação (pouco/nada satisfeita) (muito satisfeita)

Estou desempregada

Nunca tive um emprego

Já tive um/uns emprego/s, no total de \_\_\_\_ emprego/s

**A minha família**

5. Principal fonte de rendimento familiar

- A fonte principal é fortuna herdada ou adquirida
- Lucros de empresas, altos honorários
- Vencimento mensal fixo
- Dependência familiar Pai/Mãe \_\_ Irmãos \_\_ Cônjuge \_\_ Filhos \_\_ Outro \_\_ Quem? \_\_\_\_
- Previdência social (pensão, reforma, rendimento mínimo de inserção, outra)

## 6. Situação relacional (casamento ou união de facto)

Vivo esta relação desde \_\_\_\_\_ até agora.

Estou a viver pela primeira vez (1ª) uma relação em coabitação

Estou a viver uma 2ª relação em coabitação

após separação/divórcio de uma relação anterior desde \_\_\_\_\_ até \_\_\_\_\_.  
 após morte de marido/companheiro, \_\_\_\_\_anos antes

Estou a viver uma 3ª relação em coabitação

após separação/divórcio de uma relação anterior desde \_\_\_\_\_ até \_\_\_\_\_.  
 após morte de marido/companheiro, \_\_\_\_\_anos antes

## 7. Sobre o meu marido actual/companheiro actual

Ele é o filho \_\_\_\_\_ (mais velho, mais novo, do meio) de uma fratria com \_\_\_\_\_ irmãos / único.

Dados sobre os irmãos do meu marido/companheiro actual (começar pelo irmão mais velho até ao mais novo)

Idade actual e sexo	____anos	____anos	____anos	____anos	____anos
	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino
Tipo de irmão	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo
Já morreu?	<input type="checkbox"/> Sim. Quando ele tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando ele tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando ele tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando ele tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando ele tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não

## 8. Filhos

Nº de filhos biológicos \_\_\_\_\_ filhos do 1º casamento/união. Idades \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.  
\_\_\_\_\_ filhos do 2º casamento/união. Idades \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.  
\_\_\_\_\_ filhos do 3º casamento/união. Idades \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

Nº de enteados \_\_\_\_\_ filhos do 1º casamento/união. Idades \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.  
\_\_\_\_\_ filhos do 2º casamento/união. Idades \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.  
\_\_\_\_\_ filhos do 3º casamento/união. Idades \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

Nº de filhos adoptivos \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ casamento /união???. Idades \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

## 9. O meu agregado familiar é composto por

por mim e por mais:

Companheiro/marido

Pai

genro/nora

Filho/os

Sogro

Avós maternos

Mãe

Irmão/irmã

Avós paternos

Sogra

neto/os

Cunhado

Outros. Quem? \_\_\_\_\_

Ao todo, lá em casa, somos \_\_\_\_\_ pessoas.

## A minha família de origem

### 10. Os meus pais

O meu pai

Vive   
Morreu quando eu tinha \_\_\_\_ anos.

O meu pai tem/teria agora \_\_\_\_ anos de idade

A profissão do meu pai é/era a de \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

A minha mãe

Vive   
Morreu quando eu tinha \_\_\_\_ anos.

A minha mãe tem/teria agora \_\_\_\_ anos de idade

A profissão da minha mãe é/era a de \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

- O meu pai não se casou / não se juntou com a minha mãe  
 Os meus pais casaram-se / juntaram-se

Os meus pais divorciaram-se/ separaram-se quando eu tinha \_\_\_\_ anos.

### 11. Os meus irmãos: (começar do mais velho até o mais novo)

<b>Idade actual e sexo</b>	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino
<b>Tipo de irmão</b>	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo
<b>Já morreu?</b>	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não

SE TEM MAIS DO QUE CINCO IRMÃOS, continue a sequência neste quadro, por favor:

<b>Idade actual e sexo</b>	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____anos <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino
<b>Tipo de irmão</b>	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo	<input type="checkbox"/> Irmão de sangue <input type="checkbox"/> Meio-irmão <input type="checkbox"/> Irmão por parentesco <input type="checkbox"/> Irmão adoptivo
<b>Já morreu?</b>	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim. Quando eu tinha ____ anos. <input type="checkbox"/> Não

## SWLS

Mais abaixo, encontrará cinco frases, com que poderá concordar ou discordar. Empregue a escala de 1 a 5, à direita de cada frase. Marque uma cruz (X), dentro do quadradinho, que melhor indica a sua resposta, tendo em conta as seguintes opções:

- (1) **DM = Discordo Muito**
- (2) **DP = Discordo Um Pouco**
- (3) **NCND = Não Concordo Nem Discordo**
- (4) **CP = Concordo Um Pouco**
- (5) **CM = Concordo Muito**

	<b>DM</b>	<b>DP</b>	<b>NCND</b>	<b>CP</b>	<b>CM</b>
1. A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse. ....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As minhas condições de vida são muito boas. ....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Estou satisfeita com a minha vida. ....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria. ....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria nada. ....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## IEA-R

João M. Moreira - FPCE-UL - 2008

Esta escala consiste numa série de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções leia cada item e faça um círculo na resposta apropriada na escala junto a cada palavra. Indique *em que grau se sente geralmente dessa maneira, ou seja, como se sente em média*. Por favor, verifique se respondeu a todos os itens e se deu apenas uma resposta a cada um. Muito obrigada.

	<i>Muito pouco ou Nada</i>	<i>Um pouco</i>	<i>Moderadamente</i>	<i>Muito</i>	<i>Extremamente</i>
1 Atrevida	1	2	3	4	5
2 Deprimida	1	2	3	4	5
3 Perturbada	1	2	3	4	5
4 Determinada	1	2	3	4	5
5 Serena	1	2	3	4	5
6 Capaz	1	2	3	4	5
7 Amável	1	2	3	4	5
8 Aflita	1	2	3	4	5
9 Competente	1	2	3	4	5
10 Ousada	1	2	3	4	5
11 Audaciosa	1	2	3	4	5
12 Segura	1	2	3	4	5
13 Atenciosa	1	2	3	4	5
14 Angustiado	1	2	3	4	5
15 Afectuosa	1	2	3	4	5
16 Calma	1	2	3	4	5
17 Tranquila	1	2	3	4	5
18 Calorosa	1	2	3	4	5
19 Ardente	1	2	3	4	5

## EASAVIC

(Isabel Narciso & Maria Emília Costa, 1996)

### Instruções:

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada afirmação:

**1-** Nada satisfeita; **2-** Pouco Satisfeita; **3-** Razoavelmente Satisfeita; **4-** Satisfeita;  
**5-** Muito satisfeita; **6-** Completamente Satisfeita.

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que você sente, rodeando o número correspondente com um círculo.

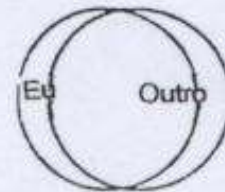
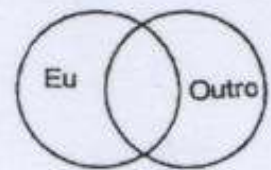
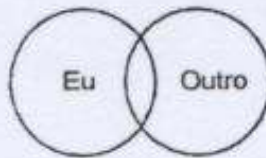
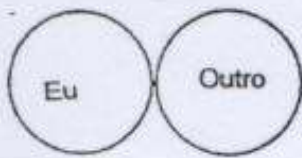
**Por exemplo**, se em relação ao item: “Relativamente à quantidade de tempos livres”, você se sente completamente satisfeita, deverá rodear com um círculo o número 6 da escala.

1. O modo como gerimos a nossa situação financeira ..... 1 2 3 4 5 6
2. A distribuição de tarefas domésticas..... 1 2 3 4 5 6
3. O modo como tomámos decisões..... 1 2 3 4 5 6
4. A distribuição de responsabilidades..... 1 2 3 4 5 6
5. O modo como passamos os tempos livres..... 1 2 3 4 5 6
6. A quantidade de tempos livres..... 1 2 3 4 5 6
7. O modo como nos relacionamos com os amigos..... 1 2 3 4 5 6
8. O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
9. O modo como nos relacionamos com a minha família..... 1 2 3 4 5 6
10. A minha privacidade e autonomia..... 1 2 3 4 5 6
11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
12. A nossa relação com a minha profissão ..... 1 2 3 4 5 6
13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge.....1 2 3 4 5 6
14. A frequência com que conversamos.....1 2 3 4 5 6
15. O modo como conversamos ..... 1 2 3 4 5 6
16. Os assuntos sobre os quais conversamos..... 1 2 3 4 5 6
17. A frequência dos conflitos que temos..... 1 2 3 4 5 6
18. O modo como resolvemos os conflitos..... 1 2 3 4 5 6
19. O que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6

20. O que o meu cônjuge sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
25. A frequência com que temos relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
28. A qualidade das nossas relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá..... 1 2 3 4 5 6
31. A confiança que tenho no meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim..... 1 2 3 4 5 6
33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
35. A partilha de interesses e actividades..... 1 2 3 4 5 6
36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses..... 1 2 3 4 5 6
38. Os nossos projectos para o futuro..... 1 2 3 4 5 6
39. As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação..... 1 2 3 4 5 6
40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação..... 1 2 3 4 5 6
41. O aspecto físico do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico..... 1 2 3 4 5 6
43. As características e hábitos do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos... 1 2 3 4 5 6

### I.O.S.

Encontram-se aqui apresentadas 7 imagens. Qual lhe parece ser a que melhor descreve a relação com o seu companheiro? Por favor, coloque um círculo à volta dessa imagem.



## Personal Assessment of Intimacy in Relationships

(Versão original: Olson & Schaefer, 1981; Versão portuguesa: Moreira & Canavarro, 2008)

Este questionário é usado para medir diferentes tipos de “intimidade” no seu relacionamento. Deve responder a cada questão tendo em conta o que pensa melhor **caracterizar a sua relação no momento presente**. Para responder, utilize a escala abaixo indicada, escolhendo, de entre as cinco opções possíveis, aquela que melhor se ajusta ao seu caso, colocando uma cruz no respectivo espaço em branco.

<b>0</b> = Discordo totalmente <b>1</b> = Discordo <b>2</b> = Não concordo nem discordo <b>3</b> = Concordo <b>4</b> = Concordo fortemente
--

	Como é a minha relação				
	0	1	2	3	4
1. O meu companheiro escuta-me quando preciso de falar com alguém.					
2. Gostamos de passar tempo com outros casais.					
3. Estou satisfeita com a nossa vida sexual.					
4. O meu companheiro ajuda-me a clarificar os meus pensamentos.					
5. Gostamos das mesmas actividades de lazer.					
6. O meu companheiro tem todas as qualidades que sempre desejei num companheiro.					
7. Posso falar dos meus sentimentos sem que ele se torne defensivo.					
8. Normalmente isolamo-nos dos outros.					
9. Sinto que a nossa vida sexual é apenas uma rotina.					
10. Quando se trata de ter uma discussão séria, parece que temos pouco em comum.					
11. Partilho pouco os interesses do meu companheiro.					
12. Existem momentos em que não sinto muito amor e afecto pelo meu companheiro.					
13. Sinto-me muitas vezes distante do meu companheiro.					
14. Temos poucos amigos em comum.					
15. Sou capaz de dizer ao meu companheiro quando pretendo ter relações sexuais.					
16. Sinto-me humilhada/”deitada a baixo” quando eu e o meu companheiro temos uma conversa séria.					
17. Gostamos de nos divertir juntos.					

	0	1	2	3	4
18. Todas as coisas novas que aprendi sobre o meu companheiro agradaram-me.					
19. O meu companheiro consegue realmente compreender os meus sofrimentos e alegrias.					
20. Passar tempo em conjunto com os amigos é uma parte importante das nossas actividades em comum.					
21. Contenho o meu interesse sexual porque o meu companheiro faz-me sentir desconfortável.					
22. Sinto que é inútil discutir alguns assuntos com o meu companheiro.					
23. Gostamos de realizar juntos actividades ao ar livre.					
24. Eu e o meu companheiro compreendemo-nos um ao outro completamente.					
25. Por vezes sinto-me negligenciada pelo meu companheiro.					
26. Muitos dos amigos mais próximos do meu companheiro são também os meus amigos mais próximos.					
27. O meu companheiro tenta frequentemente mudar as minhas ideias.					
28. Raramente temos tempo para fazermos coisas divertidas juntos.					
29. Penso que possivelmente ninguém pode ser mais feliz do que o meu companheiro e eu quando estamos juntos.					
30. Por vezes sinto-me sozinha quando estamos juntos.					
31. O meu companheiro desaprova alguns dos meus amigos.					
32. O meu companheiro parece não ter interesse pelo sexo.					
33. Temos inúmeros assuntos sobre os quais conversar.					
34. Sinto que partilhamos alguns interesses em comum.					
35. Tenho algumas necessidades que não são preenchidas pela minha relação.					

**MUITO OBRIGADA**

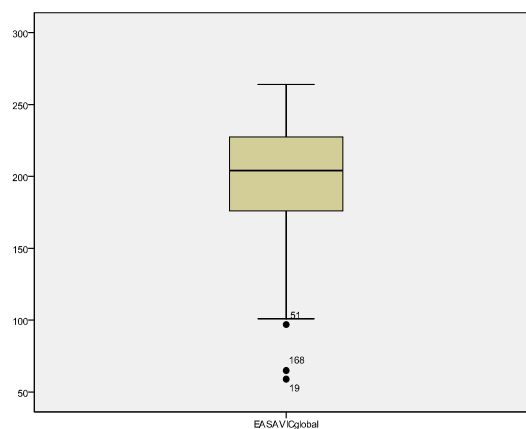
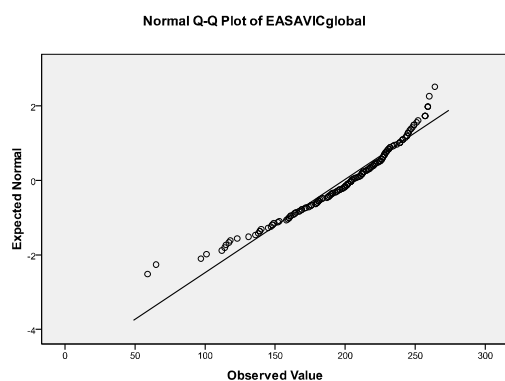
## ANEXO 4: APLICAÇÃO DO TESTE DE NORMALIDADE DE KOLMOGOROV-SMIRNOV PARA AS VARIÁVEIS DEPENDENTES

*Aplicação do teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov para as variáveis dependentes Satisfação Conjugal, Satisfação com a Vida, Intimidade e Proximidade.*

	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>		
	Estatística	df	Sig.
Satisfação Conjugal	,087	167	,004
Atração Intimidade Compromisso	,103	167	,000
Sexualidade	,119	167	,000
Comunicação ExpAfectiva Conflito	,132	167	,000
Funções Familiares	,087	167	,003
Tempos Livres	,135	167	,000
Individualidade/Autonomia	,108	167	,000
Rede Social	,096	167	,001
Satisfação com a Vida	,089	167	,003
Intimidade	,082	167	,008
Validação Pessoal	,089	167	,002
Comunicação	,083	167	,007
Abertura Exterior	,093	167	,001
Convencionalidade	,066	167	,069

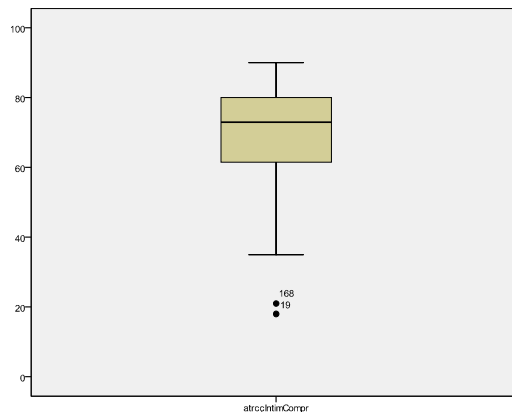
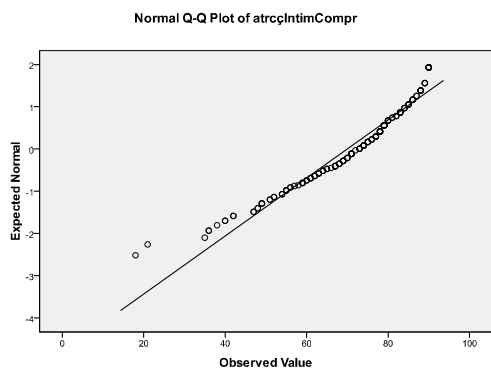
Legenda: <sup>a</sup> - Correção da Correlação de Lilliefors

### EASAVIC – Q-Q Plot

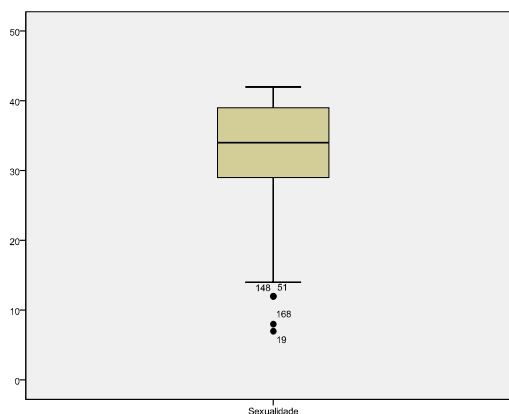
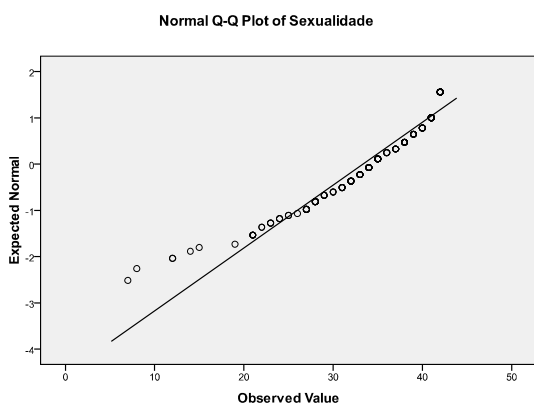


Esta distribuição não nos pareceu normal após teste. O mesmo aconteceu para as subescalas de Atracção-Intimidade-Compromisso (AIC), de Sexualidade (S), e de Comunicação-Expressão Afectiva- Conflito (CEAC).

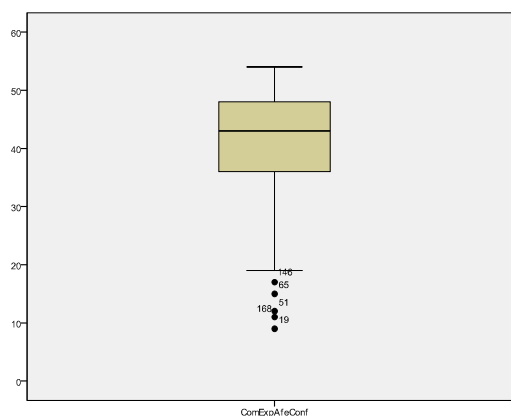
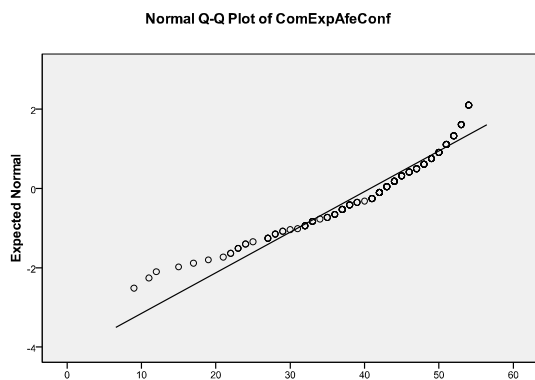
### SUBESCALAS da EASAVIC - Atracção-Intimidade-Compromisso (AIC) – Q-Q Plot



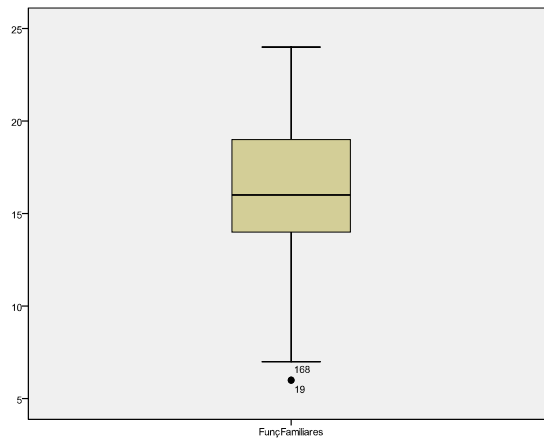
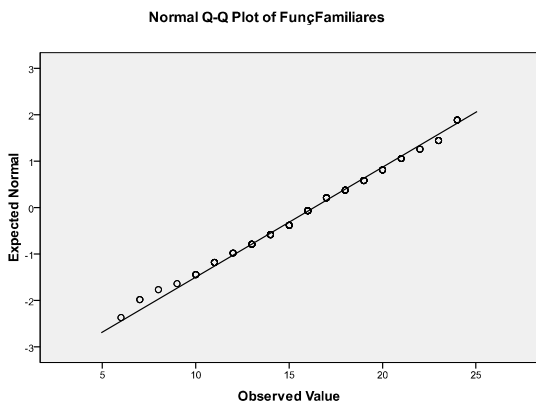
### EASAVIC - Sexualidade (S)– QQ Plot



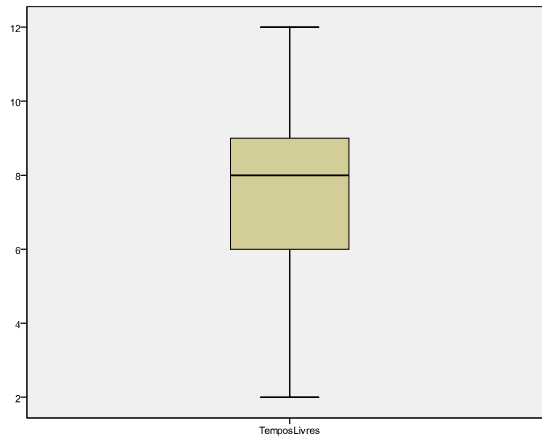
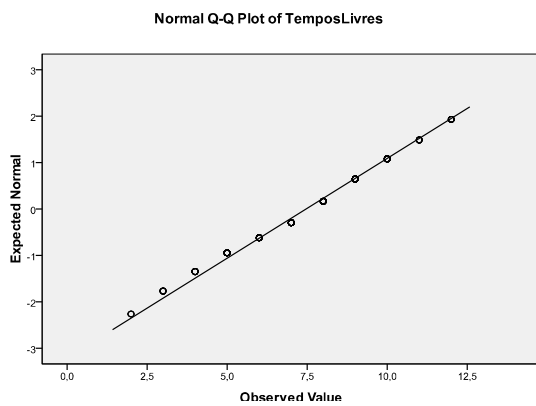
### EASAVIC – Comunicação- Expressão Afectiva - Conflito (CEAC)– QQ Plot



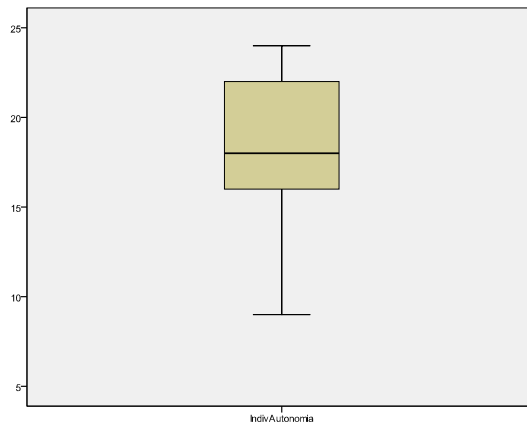
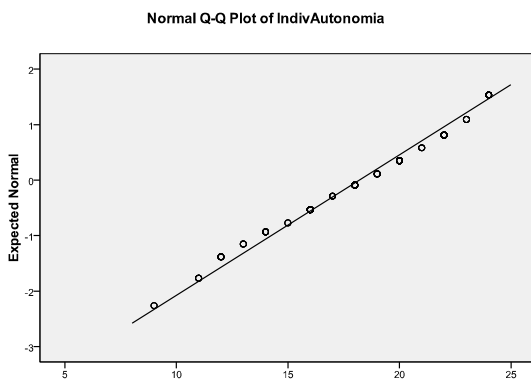
Subescalas Mais Normalizadas: Funções Familiares (FF),



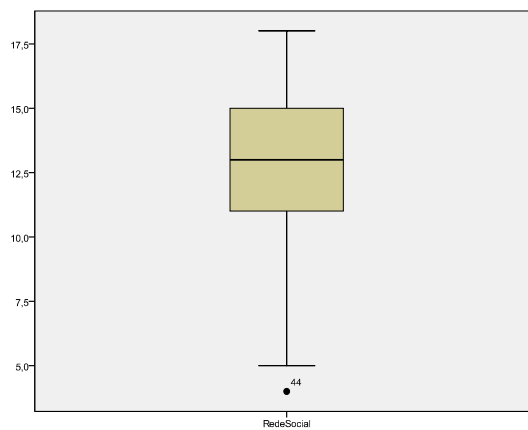
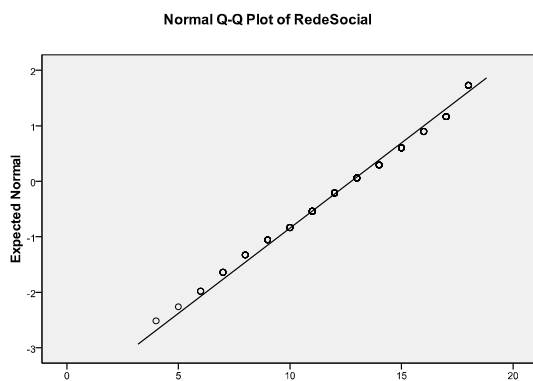
EASAVIC – Tempos Livres (TL)– QQ Plot



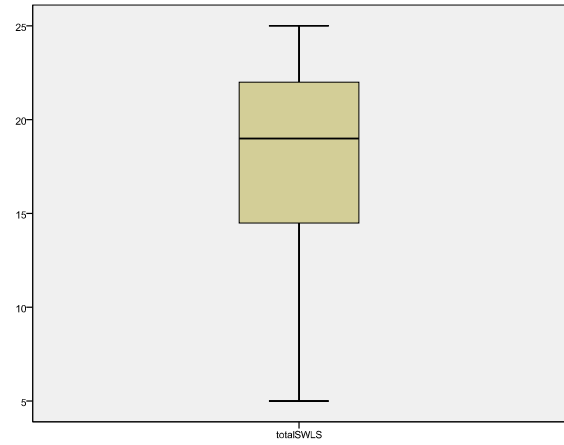
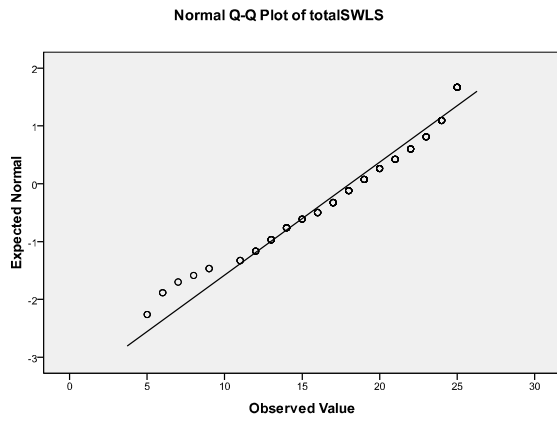
EASAVIC – Individualidade / Autonomia (I/A)– QQ Plot



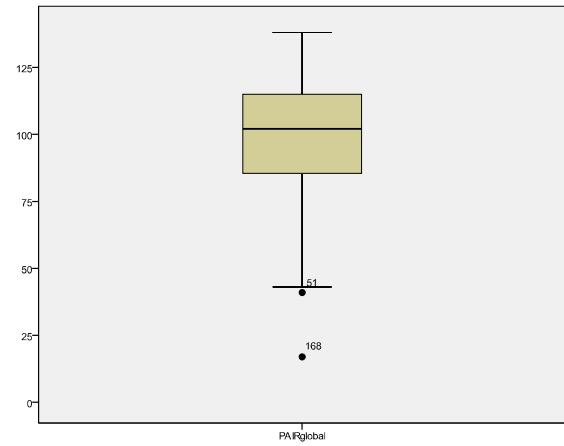
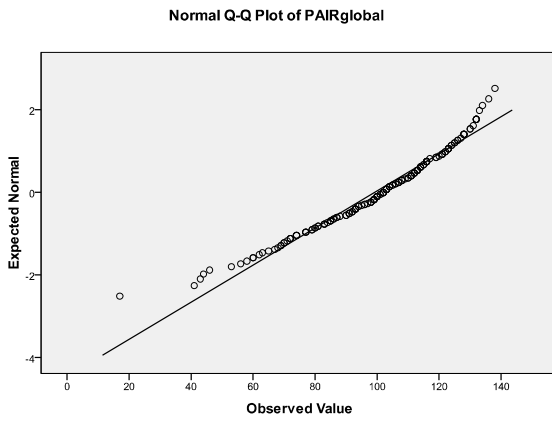
EASAVIC – Rede Social (RS)– QQ Plot



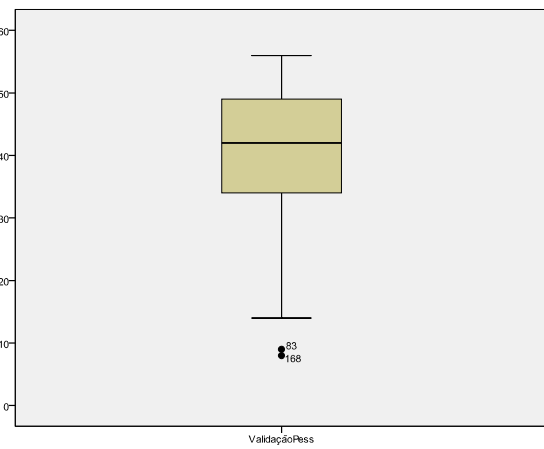
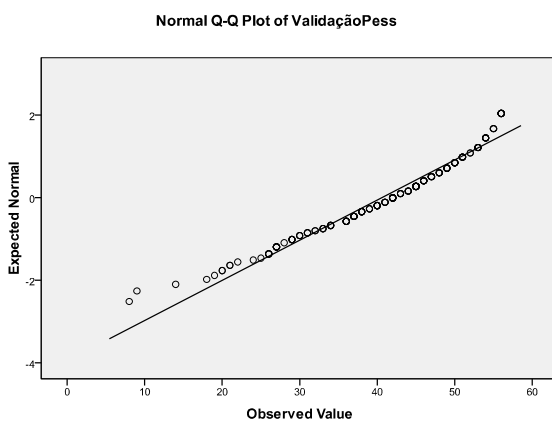
## SWLS – QQ Plot



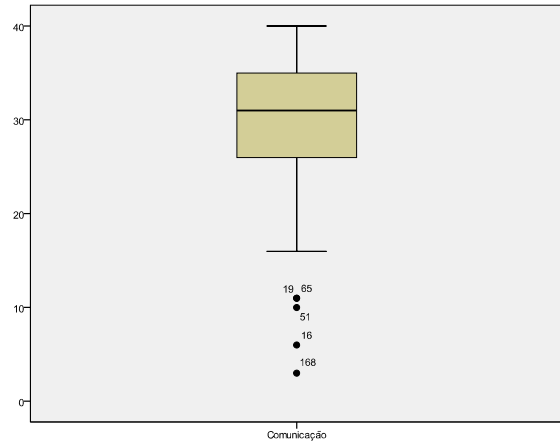
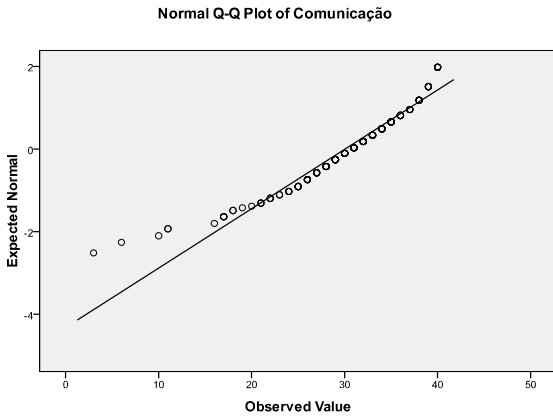
## PAIR- Escala Global - QQPlot



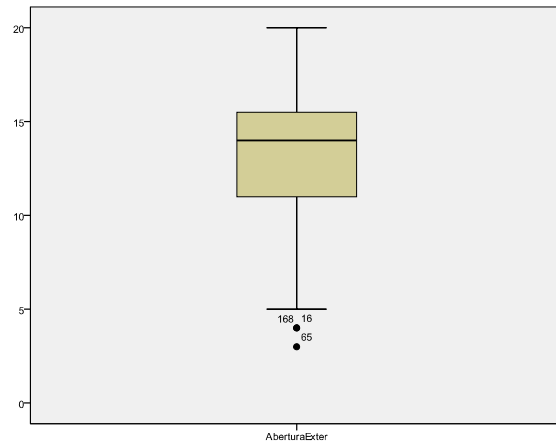
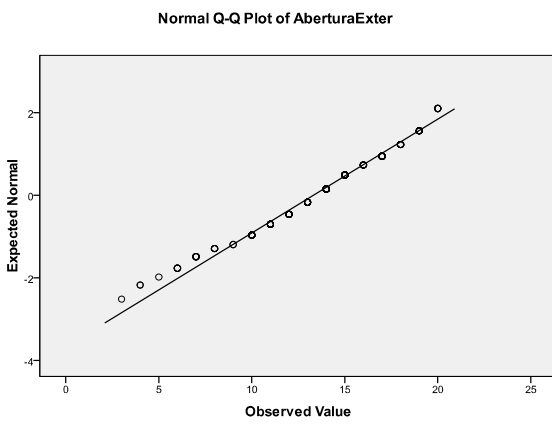
## PAIR- Validade Pessoal - QQPlot



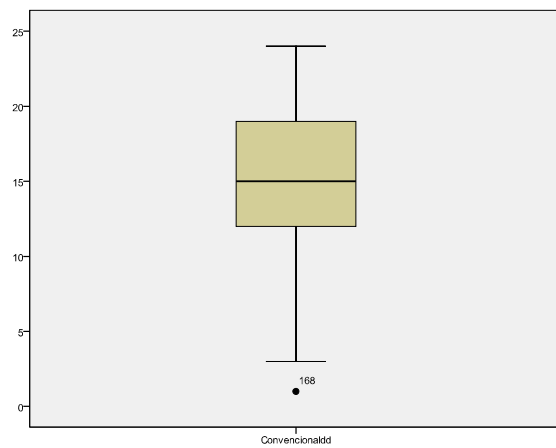
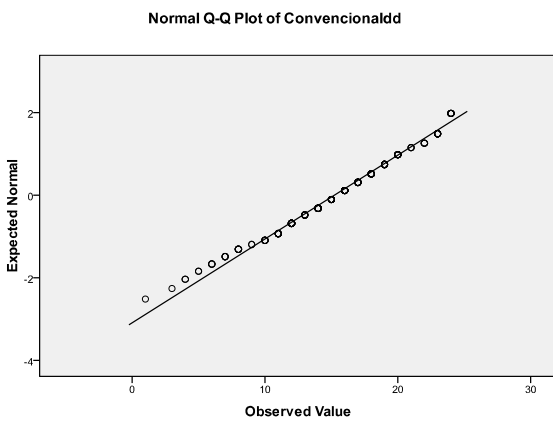
## PAIR – Comunicação – QQ Plot



## PAIR- Abertura ao exterior - QQPlot



## PAIR- Convencionalidade - QQPlot



ANEXO 5:  
ANÁLISES DO COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO DE SPEARMAN ENTRE VARIÁVEIS  
DEPENDENTES

Tabela Q.

*Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Satisfação com a Vida e os estados emocionais N=168*

N=168		Satisfação c/ Vida	Emoções Negativas	Emoções Ativação Positiva	Emoções Auto-Eficácia	Emoções PróSociais	Emoções Serenidade
Satisfação com a Vida	rho	1,000	<b>-,314**</b>	,148	,277**	,103	,251**
	<i>p</i>	.	,000	,055	,000	,185	,001
Emoções Negativas	rho		1,000	,042	-,233**	-,110	-,384**
	<i>p</i>		.	,585	,002	,158	,000
Emoções Ativação Positiva	rho			1,000	,358**	,160*	,118
	<i>p</i>			.	,000	,038	,129
Emoções Auto Eficácia	rho				1,000	,345**	,370**
	<i>p</i>				.	,000	,000
Emoções Pró Sociais	rho					1,000	<b>,472**</b>
	<i>p</i>					.	,000
Emoções Serenidade	rho						1,000
	<i>p</i>						.

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

\* Correlação com significância para o nível 0,05 (bi-lateral)

Tabela R.

*Análise do Coeficiente de correlação de Spearman entre a Satisfação com a Vida e os estados emocionais. n=108*

n=108		Satisfação c/ Vida	Emoções Negativas	Emoções Ativação Positiva	Emoções Auto-Eficácia	Emoções PróSociais	Emoções Serenidade
Satisfação com a Vida	rho	1,000	-,269**	,120	,265**	,213*	,280**
	<i>p</i>		,005	,214	,006	,027	,003
Emoções Negativas	rho		1,000	,103	-,155	-,175	<b>-,383**</b>
	<i>p</i>			,291	,108	,070	,000
Emoções Ativação Positiva	rho			1,000	<b>,399**</b>	,243*	,108
	<i>p</i>				,000	,011	,264
Emoções Auto Eficácia	rho				1,000	<b>,461**</b>	,362**
	<i>p</i>					,000	,000
Emoções Pró Sociais	rho					1,000	<b>,555**</b>
	<i>p</i>						,000
Emoções Serenidade	rho						1,000
	<i>p</i>						.

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

\* Correlação com significância para o nível 0,05 (bi-lateral)

Tabela T.

*Análise do Coeficiente de correlação de Spearman entre a Satisfação com a Vida e os estados emocionais. n=60*

n=60		Satisfação c/ Vida	Emoções Negativas	Emoções Activação Positiva	Emoções Auto-Eficácia	Emoções PróSociais	Emoções Serenidade
Satisfação com a Vida	rho	1,000	<b>-.379**</b>	.281*	.327*	-.093	.182
	p		.003	.029	.011	.482	.165
Emoções Negativas	rho		1,000	-.110	<b>-.383**</b>	.000	-.394**
	p			.404	.003	1,000	.002
Emoções Activação Positiva	rho			1,000	.279*	.078	.285*
	p				.031	.552	.027
Emoções Auto Eficácia	rho				1,000	.109	<b>.405**</b>
	p					.409	.001
Emoções Pró Sociais	rho					1,000	.312*
	p						.015
Emoções Serenidade	rho						1,000
	p						

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

\* Correlação com significância para o nível 0,05 (bi-lateral)

Tabela Y.

*Análise do Coeficiente de correlação de Spearman entre Satisfação com a Vida e Intimidade e Proximidade N=168*

N=168		Satisfação c/ Vida	Proximidade	Intimidade	Validação Pessoal	Comunica ção	Abertura Exterior	Convencio nalidade
Satisfação Com a Vida	rho	1,000	.227**	.408**	.300**	.376**	.414**	.397**
	p		.003	.000	.000	.000	.000	.000
Proximidade	rho		1,000	.404**	.318**	.383**	.245**	.445**
	p			.000	.000	.000	.001	.000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

Tabela O.

*Análise do Coeficiente de rho entre Satisfação com a Vida e Intimidade e Proximidade n=108*

n=108		Satisfação c/ Vida	Proximidade	Intimidade	Validação Pessoal	Comunica ção	Abertura Exterior	Convencio nalidade
Satisfação Com a Vida	rho	1,000	.350**	.497**	.351**	.560**	.464**	.435**
	p		.000	.000	.000	.000	.000	.000
Proximidade	rho		1,000	.374**	.277**	.337**	.298**	.423**
	p			.000	.004	.000	.002	.000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

Tabela F.

*Análise do Coeficiente de rho entre Satisfação com a Vida e Intimidade e Proximidade n=60*

n=60		Satisfação c/Vida	Proximidade	Intimidade	Validação Pessoal	Comunica ção	Abertura Exterior	Convencio nalidade
Satisfação Com a Vida	rho	1,000	-,021	,253	,239	,119	,308*	,323*
	p	.	,871	,053	,068	,365	,017	,012
Proximidade	rho	.	1,000	,465**	,428**	,480**	,141	,486**
	p	.	.	,000	,001	,000	,283	,000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Tabela U.

*Análise do Coeficiente de correlação de Spearman entre Satisfação com a Vida e Satisfação Conjugal N=168*

N=168		SWLS Satisfação Com Vida	EASAVIC Satisfação Conjugal	Atrção Intimidade Compromi	Sexualidd	Comunica ExpreAfect ivaConflito	Funções Familiar	Tempos Livres	Individuali dade Autonomia	Rede Social
SWLS Satisfação Com Vida	rho	1,000	,462**	,422**	,299**	,418**	,525**	,382**	,398**	,305**
	p	.	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Tabela I.

*Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre Satisfação com a Vida e Satisfação Conjugal. n=108*

N=108		SWLS Satisfação Com Vida	EASAVIC Satisfação Conjugal	Atrção Intimidade Compromi	Sexualidd	Comunica ExpreAfect ivaConflito	Funções Familiar	Tempos Livres	Individuali dade Autonomia	Rede Social
SWLS Satisfação Com Vida	rho	1,000	,549**	,527**	,395**	,479**	,599**	,472**	,467**	,397**
	p(bi-later)	.	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Tabela S.

*Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre Satisfação com a Vida e Satisfação Conjugal. n=60*

n=60		SWLS Satisfação Com Vida	EASAVIC Satisfação Conjugal	Atrção Intimidade Compromi	Sexualidd	Comunica ExpreAfect ivaConflito	Funções Familiar	Tempos Livres	Individuali dade Autonomia	Rede Social
SWLS Satisfação Com Vida	rho	1,000	,313*	,226	,135	,305*	,408**	,261*	,300*	,116
	p(bi-later)	.	,015	,082	,304	,018	,001	,044	,020	,379

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Tabela E.

Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e os Estados Emocionais N=168

N = 168	Emoções		Emoções		EASAVIC		Atroção		Comunicação		Tempo		Individu	
	Ativação Positiva	Ativação Negativa	Auto Eficácia	Pró Sociais	Serenidad	Satisfação Conjugal	Intimidad	Sexualidad	ExprAfectiv	Familiar	Libres	Autonomia	RedeSoci	al
Emoções Negativas	1,000	,042	-,233**	-,110	-,384**	-,297**	-,239**	-,262**	-,315**	-,233**	-,190**	-,289**	-,281**	
		,585	,002	,158	,000	,000	,002	,001	,000	,002	,014	,000	,000	
Emoções Ativação Positiva	1,000		,358**	,160*	,118	,201**	,188*	,164*	,199**	,291**	,208**	,072	,067	
			,000	,038	,129	,009	,014	,033	,010	,000	,007	,351	,389	
Emoções Auto	1,000			,345**	,370**	,432**	,416**	,373**	,378**	,408**	,292**	,368**	,221**	
				,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,004	
Emoções Pró	1,000			1,000	,472**	,321**	,330**	,376**	,286**	,203**	,044	,208**	,190**	
					,000	,000	,000	,000	,000	,008	,570	,007	,014	
Emoções Sociais	1,000				1,000	,323**	,266**	,324**	,331**	,242**	,229**	,288**	,254**	
						,000	,000	,000	,000	,002	,003	,000	,001	
Emoções Serenidad	1,000					1,000	,947**	,875**	,927**	,749**	,656**	,754**	,680**	
							,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	
EASAVIC Satisfação Conjugal	1,000						1,000	,849**	,833**	,651**	,562**	,638**	,592**	
								,000	,000	,000	,000	,000	,000	
Atroção Intimidad	1,000							1,000	,799**	,532**	,514**	,558**	,476**	
									,000	,000	,000	,000	,000	
Compromis Sexualidad	1,000								1,000	,681**	,583**	,659**	,582**	
										,000	,000	,000	,000	
Comunicação ExprAfectiv	1,000									1,000	,551**	,663**	,483**	
											,000	,000	,000	
Conflitos Familiares	1,000										1,000	,531**	,526**	
												,000	,000	
Funções Livres	1,000											1,000	,587**	
													,000	
Individual Autonomia	1,000												1,000	

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral) / \* Correlação com significância para o nível 0,05 (bi-lateral)

Tabela H.

**Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e os Estados Emocionais n=108**

n = 108	Emoções Negativas		Emoções Positivas		Emoções Auto Eficácia		Emoções Pró Sociais		Emoções Serenidd		EASAVIC Satisfação Conjugal		Atrção Intimidad Comprom		Comunicaç ExprAfectiv Conflitos		Funções Familiares		Tempos Livres		Individu alidAut onomia		RedeSoci al			
	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)	rho	p(bi-lateral)
Emoções Negativas	1.000	103	-1.55	108	-1.75	070	-3.83**	000	-3.08**	001	-2.75**	004	-2.73**	004	-3.32**	000	0.13	-2.40*	-1.86	-2.90**	0.54	002	-2.66**	005		
Emoções Positivas	1.000	1.000	.399**	1.000	.243*	243*	.108	.244*	.263**	.181	.262**	.333**	.129	.058	.185	.554	.375	.086	.086							
Emoções Auto Eficácia	1.000	1.000	.461**	1.000	.362**	.479**	.408**	.431**	.265**	.421**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	.299**	
Emoções Pró Sociais	1.000	1.000	.555**	1.000	.390**	.358**	.420**	.366**	.327**	.130	.342**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**	.309**
Emoções Serenidd	1.000	1.000	.394**	1.000	.314**	.400**	.439**	.321**	.266**	.376**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**	.304**
EASAVIC Satisfação Conjugal	1.000	1.000	.952**	1.000	.881**	.934**	.797**	.724**	.745**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**	.782**
Atrção Intimidad Compromis	1.000	1.000	.855**	1.000	.712**	.639**	.635**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**	.683**
Sexualidad	1.000	1.000	.820**	1.000	.549**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**	.577**
Comunicaç ExprAfectiv Conflitos	1.000	1.000	.729**	1.000	.663**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**	.702**
Funções Familiares	1.000	1.000	.613**	1.000	.679**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**	.652**
Tempos Livres	1.000	1.000	.525**	1.000	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**	.612**
Individu alidAut onomia	1.000	1.000	.701**	1.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

\* Correlação com significância para o nível 0,05 (bi-lateral)

Tabela G.

*Análise do Coeficiente de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e os Estados Emocionais n=60*

n = 60	Emoções Negativas		Emoções Ativação Positiva		Emoções Auto Eficácia		Emoções Pró Sociais		Emoções Serenidd		EASAVIC Satisfação Conjugal		Atrção Intimidad Compro m		Comunicaç ExprAfectiv Conflitos		Individu alidAut onomia		RedeSoci al		
	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	
	1.000		- .110		- .383**		0.000		<b>-.394**</b>		- .287*		- .185		- .293*		- .277		- .202		- .306*
		.404	1.000		.003		1.000		.002		.026		.157		.023		.081		.121		.018
			1.000		.279*		.078		.285*		.117		.029		.062		.177		.301*		.149
					.031		.552		.027		.374		.824		.640		.177		.019		.257
			1.000		1.000		.109		<b>.405**</b>		.345**		.291*		.274*		.271*		.369**		.062
					1.000		.409		.001		.007		.024		.034		.036		.004		.640
							1.000		.312*		.196		.279*		.132		-.052		-.092		-.023
									.015		.133		.031		.313		.694		.482		.864
									1.000		.192		.177		.112		.088		.189		.143
											.143		.175		.394		.505		.147		.275
									1.000		1.000		.940**		.907**		.652**		.505**		.485**
												.000		.000		.000		.000		.000	
												1.000		.788**		.517**		.410**		.653**	
														.000		.000		.001		.001	
												1.000		.759**		.497**		.350**		.517**	
														.000		.000		.006		.000	
												1.000		1.000		.581**		.415**		.705**	
														.000		.000		.001		.000	
												1.000		1.000		1.000		.415**		.635**	
														.001		.001		.001		.000	
																		1.000		.535**	
																				.000	
																					.377**
																					.003

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

\* Correlação com significância para o nível 0,05 (bi-lateral)

Tabela L.

*Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e PAIR- escala de Intimidade N=168*

N = 168	EASAVIC		Atração Intimidad		Sexualidad		Comunicaç		Tempos Livres		Rede Social		Validaçã		Convenci on	
	Satisfaça	Conjugal	Conjugal	Conjugal	Sexualidad	Sexualidad	ExprAfectiv	Conflitos	Funcões	Tempos Livres	Rede Social	PAIR global	Validaçã	Validaçã	Abertura	Convenci on
rho	1.000	.947**	.875**	.927**	.749**	.656**	.754**	.680**	.831**	.696**	.814**	.439**	.809**			
<i>p</i> (bi-lateral)	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho		1.000	.849**	.833**	.651**	.562**	.638**	.592**	.811**	.670**	.797**	.436**	.809**			
<i>p</i> (bi-lateral)		.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho			1.000	.799**	.532**	.514**	.558**	.476**	.692**	.573**	.695**	.306**	.711**			
<i>p</i> (bi-lateral)			.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho				1.000	.681**	.583**	.659**	.582**	.781**	.673**	.769**	.358**	.766**			
<i>p</i> (bi-lateral)				.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho					1.000	.551**	.663**	.483**	.608**	.507**	.630**	.332**	.558**			
<i>p</i> (bi-lateral)					.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho						1.000	.531**	.526**	.555**	.462**	.516**	.346**	.540**			
<i>p</i> (bi-lateral)						.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho							1.000	.587**	.609**	.521**	.594**	.355**	.564**			
<i>p</i> (bi-lateral)							.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho								1.000	.574**	.463**	.518**	.484**	.512**			
<i>p</i> (bi-lateral)								.000	.000	.000	.000	.000	.000			
rho									1.000	.908**	.856**	.610**	.894**			
<i>p</i> (bi-lateral)									.000	.000	.000	.000	.000			
rho										1.000	.644**	.436**	.749**			
<i>p</i> (bi-lateral)										.000	.000	.000	.000			
rho											1.000	.457**	.771**			
<i>p</i> (bi-lateral)											.000	.000	.000			
rho												1.000	.457**			
<i>p</i> (bi-lateral)												.000	.000			
rho													1.000			
<i>p</i> (bi-lateral)													.000			
rho														1.000		
<i>p</i> (bi-lateral)														.000		
rho															1.000	
<i>p</i> (bi-lateral)															.000	
rho																1.000
<i>p</i> (bi-lateral)																.000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Tabela J.

Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e PAIR- escala de Intimidade n=108

n =108	EASAVIC		Atracção		Comunicação		Funções		Tempos		Individa		Rede		PAIR		Validação		Comunic		Abertur		Convenci		
	Satisfação	Conjugal	Satisfação	Intimidad	Sexualidad	Comprom	Intimidad	Comprom	Sexualidad	Comprom	Intimidad	Comprom	Sexualidad	Comprom	Intimidad	Comprom	Sexualidad	Comprom	Intimidad	Comprom	Sexualidad	Comprom	Intimidad	Comprom	Sexualidad
EASAVIC	rho	1.000	.952**	.881**	.934**	.797**	.724**	.745**	.782**	.815**	.665**	.822**	.471**	.811**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Satisfação	p(bi-lateral)		.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Atracção	rho		1.000	.855**	.853**	.712**	.639**	.635**	.683**	.803**	.655**	.803**	.448**	.818**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Intimidade	p(bi-lateral)			.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Compromis	rho			1.000	.820**	.549**	.588**	.575**	.577**	.652**	.530**	.681**	.343**	.700**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Sexualidad	p(bi-lateral)				.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Comunicação	rho				1.000	.729**	.663**	.634**	.702**	.763**	.632**	.775**	.408**	.755**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
ExprAfectiv	p(bi-lateral)					.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Conflitos	rho					1.000	.613**	.679**	.652**	.654**	.520**	.698**	.422**	.611**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Funções	p(bi-lateral)						.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Familiares	rho						1.000	.525**	.612**	.639**	.518**	.571**	.472**	.629**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Tempos	p(bi-lateral)							.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Livres	rho							1.000	.701**	.595**	.461**	.617**	.424**	.569**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Individualid	p(bi-lateral)								.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Autonomia	rho								1.000	.658**	.543**	.630**	.453**	.615**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Rede	p(bi-lateral)									.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Social	rho									1.000	.902**	.840**	.665**	.900**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Intimidade	p(bi-lateral)										.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
PAIR	rho										1.000	.593**	.496**	.756**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
global	p(bi-lateral)											.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Validação	rho											1.000	.532**	.780**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Pessoal	p(bi-lateral)												.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
(PAIR)	rho												1.000	.512**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Comunicação	p(bi-lateral)													.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
ção	rho														.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
(PAIR)	p(bi-lateral)															.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Abertura	rho															1.000	.532**	.780**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Exterior	p(bi-lateral)																.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
(PAIR)	rho																1.000	.512**	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Convenc	p(bi-lateral)																	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	rho																		.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
																				.000	.000	.000	.000	.000	.000
																					.000	.000	.000	.000	.000
																						.000	.000	.000	.000
																							.000	.000	.000
																								.000	.000
																									.000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01 (bi-lateral)

Tabela K.

## Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e PAIR-escala de Intimidade n=60

n =60	EASAVIC Satisfação Conjugal		Atracção Intimidad Comprom		Sexualidad		Comunicaç ExprAfectiv Conflitos		Funções Familiares		Tempos Livres		Individua Autonom		Rede Social		PAIR global		Validaçã o Pesso		Comunic ação		Abertur Exter		Convenci on		
	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho	p(bi-later)	rho
EASAVIC Satisfação Conjugal	1.000		.940**		.872**		.907**		.652**		.505**		.767**		.485**		.858**		.766**		.822**		.405**		.809**		.000
Atracção Intimidade Compromis		1.000			.845**		.788**		.517**		.410**		.653**		.427**		.836**		.709**		.826**		.435**		.794**		.000
Sexualidad			1.000				.000		.000		.001		.000		.001		.000		.000		.000		.001		.000		.000
Comunicaç ExprAfectiv Conflitos				1.000					.497**		.350**		.517**		.312*		.760**		.660**		.743**		.261*		.744**		.000
Funções Familiares					1.000				.000		.006		.705**		.352**		.803**		.747**		.782**		.277*		.783**		.000
Tempos Livres						1.000			1.000		.001		.635**		.132		.509**		.486**		.494**		.187*		.471**		.000
Individuidad Autonomia							1.000				1.000		.000		.314		.386**		.333**		.394**		.151		.390**		.000
Rede Social								1.000				1.000		.000	.002		.003		.010		.002		.250		.002		.000
Intimidade PAIR global													1.000		.377**		.628**		.646**		.543**		.258*		.553**		.000
Validação Pessoal (PAIR)														1.000		.429**		.344**		.342**		.523**		.322**		.012	.000
Comunicaç ão (PAIR)															1.000		.920**		.000		.897**		.541**		.884**		.000
Abertura Exterior (PAIR)																1.000		1.000		.738**		.383**		.766**		.000	.000
Convenc on																					1.000		.378**		.793**		.000
																							1.000		.368**		.000
																											.004
																											1.000

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral) / \* Correlação com significância para o nível 0,05 (bi-lateral)

Tabela V.

*Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e IOS – Escala de proximidade N=168*

N=168		P	Satisfação Conjugal	AIC	S	CEAC	FF	TL	I/A	RS
Proximidade	rho	1,000	<b>.465**</b>	<b>.482**</b>	<b>.470**</b>	<b>.431**</b>	<b>.324**</b>	<b>.282**</b>	<b>.339**</b>	<b>.245**</b>
	p		.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.001

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Legenda: SC – Satisfação Conjugal; AIC - Atração, Intimidade e Compromisso; S – Sexualidade; CEAC - Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito; FF – Funções Familiares; TL – Tempos Livres; I/A – Individualidade/Autonomia; RS – Rede Social; P – Proximidade.

Tabela Z.

*Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e IOS – Escala de proximidade n=108*

n=108		P	Satisfação Conjugal	AIC	S	CEAC	FF	TL	I/A	RS
Proximidade	rho	1,000	<b>.449**</b>	<b>.467**</b>	<b>.480**</b>	<b>.406**</b>	<b>.297**</b>	<b>.293**</b>	<b>.313**</b>	<b>.283**</b>
	p		.000	.000	.000	.000	.002	.002	.001	.003

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Legenda: SC – Satisfação Conjugal; AIC - Atração, Intimidade e Compromisso; S – Sexualidade; CEAC - Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito; FF – Funções Familiares; TL – Tempos Livres; I/A – Individualidade/Autonomia; RS – Rede Social; P – Proximidade.

Tabela B.

*Análise do Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Escala de Satisfação Conjugal e as suas sub-escalas e IOS – Escala de proximidade n=60*

n=60		P	Satisfação Conjugal	AIC	S	CEAC	FF	TL	I/A	RS
Proximidade	rho	1	<b>.506**</b>	<b>.522**</b>	<b>.437**</b>	<b>.479**</b>	<b>.384**</b>	.225	<b>.388**</b>	.188
	p		.000	.000	.000	.000	.002	.083	.002	.149

\*\*Correlação com significância para o nível 0,01(bi-lateral)

Legenda: SC – Satisfação Conjugal; AIC - Atração, Intimidade e Compromisso; S – Sexualidade; CEAC - Comunicação, Expressividade Afectiva e Conflito; FF – Funções Familiares; TL – Tempos Livres; I/A – Individualidade/Autonomia; RS – Rede Social; P – Proximidade.